

Universidade Federal do Rio Grande Do Sul
Instituto de Filosofia E Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação Em História

Ana Inez Klein

Fronteiras de cristal: um estudo sobre a memória e a
história através das crônicas "*Antigualhas: Reminiscências
de Porto Alegre*"

Porto Alegre

2004

Ana Inez Klein

Fronteiras de cristal: um estudo sobre a memória e a história através das crônicas "*Antigualhas: Reminiscências de Porto Alegre*"

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor, sob orientação do Professor Doutor José Augusto Avancini.

Porto Alegre

2004

Dedico este trabalho à D. Nair, que
me ensinou a gostar de ler, ao
Gerson, que me incentivou a
realizá-lo e ao Sócrates, com quem
pude compartilhar todas as
dificuldades.

Agradecimentos

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

Ao Programa de Pós-Graduação em História

Aos orientadores Sandra Jatay Pesavento e José Augusto Avancini,
pelo acompanhamento competente.

Aos professores,
autores, colegas, alunos, amigos
e todos que participaram da realização desta pesquisa.

RESUMO

KLEIN, Ana Inez; *Fronteiras de cristal: um estudo sobre a memória e a história através das crônicas "Antigualhas: reminiscências de Porto Alegre"*. Porto Alegre, 2004. 200f. Tese de doutorado (História) UFRGS, 2004.

Durante os anos de 1880 são publicadas no jornal a Gazeta de Porto Alegre as crônicas "Antigualhas: reminiscências de Porto Alegre". Seu autor, Antônio Álvares Pereira Coruja, vivia desde o ano de 1837 na cidade do Rio de Janeiro. O presente trabalho analisa as possibilidades da crônica memorialística de Coruja para a produção do conhecimento histórico contemporâneo destacando os debates acerca das relações entre a História e a Literatura com ênfase no tema da memória. Consideradas um gênero menor na História e na Literatura, as crônicas memorialísticas situam-se num espaço de fronteira e se constituem uma fonte privilegiada para se recuperar a história sob o ponto de vista das pessoas comuns.

Palavras-chave: Coruja, história, memória, crônica, gênero de fronteira.

ABSTRACT

KLEIN, Ana Inez, *Fronteiras de cristal: um estudo sobre a memória e a história através das crônicas "Antigualhas: reminiscências de Porto Alegre"*. Porto Alegre, 2004. 200f. Tese de doutorado (História) UFRGS, 2004.

During the years of 1880 are published in the newspaper A Gazeta de Porto Alegre the chronics "Antigualhas: reminiscências de Porto Alegre". Its author, Antonio Álvares Pereira Coruja, lived since the year of 1837 in the city of Rio de Janeiro. The present work analyzes the possibilities of the chronic memory of Coruja for the production of the contemporary historical knowledge highlighting the debates concerning the relationships between the History and the Literature with emphasis in the theme of the memory. Considered as a smaller gender in the History and in the Literature, the chronic memories are in a border space and they are also a source privileged to recover the history under the ordinary people's point of view.

Key terms: Coruja, history, memory, chronic, border space.

Sumário

Introdução.....	7
Capítulo 1 As três faces de Coruja.....	20
1. 1. Coruja e a escola.....	39
1. 2. Coruja e o mundo da política e dos negócios.....	59
1. 3. Coruja historiador, cronista memorialista.....	67
Capítulo 2 “Antigualhas...”, exclusões e fronteiras	73
2.1. O império da memória: cenário.....	73
2.2. A memória na História e na Literatura: exclusões e fronteiras.....	84
2.2.1 A exclusão na História	84
2.2.2. As “Antigualhas...” na convivência crítica da maturidade.....	90
2.2.3. A exclusão na Literatura.....	98
2. 3. Antigualhas: uma história para o sótão e para o porão.....	104
2. 4. Fronteiras de cristal: cruzamento entre o histórico e o literário.....	113
Capítulo 3 As cidades de Coruja.....	124
3.1. Introdução: a modernidade e a questão urbana.....	125
3.2. Porto Alegre.....	130
3.3. Rio de Janeiro.....	138

3.4. Os limites da História e da Literatura: a busca da identidade nacional.....	142
3.5. “Antigualhas...”: novas fronteiras, elementos para a identidade das ‘pessoas comuns’.....	153
3.6. A cidade de Coruja	164
À guisa de conclusão.....	179
Bibliografia e periódicos.....	192

Introdução

O trabalho aqui apresentado como Tese de Doutorado corresponde ao aprofundamento de uma pesquisa anterior que resultou na Dissertação de Mestrado intitulada “Crônica e história: a trajetória de seus encontros e desencontros e a análise de ‘Antigualhas: reminiscências de Porto Alegre’ de Antonio Álvares Pereira Coruja à luz de reflexões atuais sobre esta relação”, defendida neste mesmo Programa de Pós-Graduação no ano de 1997. Partir de uma base já construída de levantamento de dados e aproximações conceituais, sem dúvida, favoreceu a realização desta tese. Ao mesmo tempo, porém, colocou o desafio de aprofundar o trabalho anterior, sem repetir as análises já feitas, nem chegar a conclusões já formuladas. A defesa para qualificação do projeto deve ser destacada como um momento fundamental para a definição dos rumos desta pesquisa em relação à dissertação.

Tratar de um estudo teórico de um texto “marginal” para a História e para a Literatura foi um segundo desafio para esta tese. Poucas são as análises sobre textos desta natureza, cujo potencial tem sido agora percebido e só muito recentemente desenvolvido. Isso se refere tanto ao fato de ser esta fonte de análise uma crônica, como a de ser um texto de memória, que aqui denominei de

crônica memorialística. Elegger como objeto uma série de crônicas sobre Porto Alegre do século XIX obrigou um esforço analítico que ultrapassasse a aridez do texto e que superasse a carência de estudos teóricos. O trabalho justifica-se, justamente, porque contribui para suprir essa lacuna e debater uma temática recente.

Ao explorar, ainda na dissertação, as características da crônica, relacionando-as com os debates acerca da narrativa na história em autores tais como Lawrence Stone, Eric Hobsbawm, Michel de Certeau, Paul Veyne e Hyden White¹, concluí que hoje ocorre uma aproximação da história contemporânea com a crônica, pela via do questionamento dos critérios que opunham a história e a ficção.

Como a dissertação, esta tese é também um exercício teórico que analisa a crônica “Antigualhas...”, mas agora com ênfase no tema da memória, uma análise que, a partir da produção do conhecimento histórico, interroga uma fonte que ocupa um espaço de fronteira entre a História e a Literatura.

¹ Estes autores foram selecionados na dissertação para debater a questão da relação entre o conhecimento histórico científico e a ficção na reflexão historiográfica contemporânea, pois, ainda que não esgotem o tema, exemplificam a emergência de uma problemática no seio da qual se reatualiza o papel da crônica no conhecimento histórico, objeto de investigação do trabalho. Foram analisados os seguintes textos: de Lawrence Stone, ‘El resurgimiento de la historia narrativa: reflexiones acerca de una nueva vieja historia’. *El pasado y el presente*, Mexico: Fondo de Cultura Economica, 1986; de Eric Hobsbawm, ‘El renacimiento de la historia narrativa. Algunos comentarios’ *Histórias*, Mexico, (14) jul-set 1986; de Michel de Certeau, ‘La historia, ciencia e ficción’, *Histórias*, México, Editora INAH (16):19-33., 1987; de Roland Barthes, *O rumor da língua*, São Paulo, Editora Brasiliense, 1988; de Paul Veyne, *Como se escribe la historia*, Alianza, Editora Madrid, 1984; e de Hyden White, *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX*, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1992.

Sabe-se que a produção do conhecimento histórico ocorre em sintonia com os processos que se relacionam com a vida do homem em sociedade, suas práticas sociais, políticas e culturais. Desde o presente, buscamos chegar ao passado por diferentes caminhos, informados pelo que somos, pelas angústias que sentimos, pelas perguntas que formulamos, e chegamos a diferentes resultados nesta busca. Se é complexo o mundo que nos rodeia, assim se torna a tarefa do intelectual que busca apreendê-lo.

A ambição de fazer da história uma ciência orientou importantes tendências da historiografia moderna ocidental para a criação de um arcabouço teórico que a ancorasse nos critérios da cientificidade almejada, em diferentes instâncias teóricas ou metodológicas. De forma bastante superficial, no caso do positivismo *compteano*, destaca-se a absolutidade do fato, a neutralidade do historiador. No caso da Escola dos Anais, busca-se a análise das estruturas econômicas e sociais a partir do trabalho interdisciplinar. No caso do marxismo, a ênfase recai na proposta de uma teoria com vistas à análise da totalidade.

Nos anos mais recentes, um leque de questões, genericamente denominado de 'crise da modernidade', renovou o ar que agita a historiografia. Atualmente, o historiador tem, à sua disposição, novas possibilidades para trabalhar com as mais variadas fontes, aproximando-se de outros campos do conhecimento como a antropologia, a psicologia, a literatura, estudando os mais diversos temas e utilizando novas abordagens. É a complexidade o pano de fundo de um cenário composto por categorias que até bem pouco tempo não seriam, nem de longe, trazidas para o teatro da história. Além da memória, imaginário,

representação, narrativa, discurso, efeito de real, identidade são algumas destas categorias. Não há saída para quem assume a tarefa de explicar o espetáculo da vida, senão tomar estes conceitos e debater sua aplicabilidade e eficácia no sentido de responder às interrogações que a sociedade se coloca em seu devir.

O objetivo mais amplo deste estudo é apontar algumas vias pelas quais o tema da memória entra no debate da complexidade do mundo atual, pois sua relação com a formação das identidades coloca em evidência a urgência em aprofundarmos as análises e criarmos categorias, visando dar conta de inúmeros novos sujeitos, personagens que compõem o universo social em que vivemos.

Com o desenvolvimento das ciências sociais no século XIX, os estudos sobre a memória coletiva sofreram grandes avanços, para os quais foi central a obra *Memória coletiva* do sociólogo francês Maurice Halbwachs (1877-1945) que destacou ser a memória parte de um processo social no qual os aspectos da psique se encontram interligados a determinantes sociais. Ainda que despertasse para o componente social, esta forma de ver a memória encontrou uma historiografia que, em busca de constituir-se uma ciência, relegou a memória para o terreno da subjetividade e da ficção.

Para compreender de que maneira a memória transformou-se em uma questão central da historiografia contemporânea, é necessário considerar as transformações ocorridas no campo da produção do conhecimento histórico caracterizadas por um retorno renovado ao texto. As reflexões do historiador francês Roger Chartier são exemplares, apontando para a historiografia um

caminho alternativo: investigar as formas de representação que uma determinada sociedade cria para dar sentido ao seu mundo.

Dentro da mesma idéia de valorização dos estudos textuais, o francês Paul Ricoeur, no campo da filosofia hermenêutica, tem oferecido contribuições importantes para a reflexão historiográfica sobre as relações entre história e memória. O filósofo ressalta que a história e a memória possuem pontos comuns, como sua relação com o tempo e sua transmissão na forma da narrativa. Com Ricoeur, a memória repõe a sua função matriz em relação à história, a que vigorava na Antigüidade Clássica.

O debate sobre a memória ocorre no campo da Literatura com variantes que expressam as suas especificidades epistemológicas em comparação com a História. A discussão sobre os gêneros literários e sobre o lugar da memória está na base da discussão sobre os limites do campo literário. O cruzamento entre os gêneros, e mesmo o cruzamento de textos de diferentes estatutos, como é o caso dos textos de história e os de ficção, cria um espaço de fronteira ocupado por obras cuja diversidade dificulta sua análise, o que explica por que são poucos os estudos sobre eles e as reflexões teóricas sobre o tema. Carlos Reis, professor da área de Literatura da Universidade de Coimbra, destaca que, estando os gêneros em diálogo constante com o contexto histórico, eles são mutáveis, transitórios e instáveis e a definição de um campo puramente literário com fronteiras rigidamente delimitadas deve ser revista.

No Brasil, a análise deste tema deve considerar uma questão que foi primordial no período da produção das crônicas memorialísticas de Coruja: a preocupação em criar uma identidade nacional para o país, recém-independente. O escritor e ensaísta Antônio Cândido aponta alguns aspectos da cultura deste período em que o Rio de Janeiro transformou-se no centro cultural do país e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o lugar onde os debates sobre a formação da identidade nacional se davam com maior profundidade e influência.

Para o professor e ensaísta Luis Costa Lima, o compromisso que a produção literária no Brasil manteve com a formação da identidade levou à criação de uma Literatura caracterizada pelo veto ao ficcional, resultante da sua função documental, comprometendo, assim, sua própria definição.

Enquanto o Iluminismo europeu distanciava a Literatura da História, a primeira mais próxima da imaginação e a segunda comprometida de forma crescente com o controle da ciência; aqui o Iluminismo se deparou com o cenário da formação da identidade nacional, onde a História assumiu a ponta na busca de definir-se, carregando com ela a Literatura.

Para finalizar esta breve apresentação dos autores com os quais dialogo na tese, destaco a historiadora Sandra Pesavento. Ela comparece em diversos momentos pela sua contribuição para os estudos sobre o imaginário urbano e suas reflexões teóricas sobre as relações entre a história e a literatura no estudo das representações. Os temas pilares desse trabalho, como a questão urbana, a questão das fronteiras interdisciplinares e, inclusive, a contribuição das

crônicas de Coruja na criação de um imaginário sobre o passado na Porto Alegre do *fin de siècle* são objeto de estudos realizados pela historiadora e orientaram as análises que compõem essa pesquisa.

A tese está dividida então em três capítulos. O capítulo 1, "As três faces de Coruja", tem como objetivo principal apresentar Antônio Álvares Pereira Coruja e analisar suas biografias. O capítulo foi dividido em três aspectos, ou três faces do autor.

A primeira face, "Coruja e a escola", mostra-o como aluno, professor, escritor de livros didáticos e dono de escola. A atividade de educador foi a única que atravessou toda a sua vida, da infância até os seus últimos dias. Além de professor, exerceu muitas outras atividades profissionais, mas esta é reconhecidamente a mais importante, tendo ele registrado, nas crônicas, momentos de sua infância passados na escola.

Em "Coruja e o mundo da política e dos negócios", apresento a vida do político, administrador financeiro e banqueiro, atividades que, apesar de pontuais, deixaram marcas profundas e levaram-no a decisões importantes: Coruja, que esteve preso com líderes Farrroupilhas, sentiu-se traído ("Eu disse Aprisionados para não dizer Atraiçoados"², desabafa em uma correspondência) e perseguido. Após ser libertado, em novembro de 1836, mudou-se de Porto Alegre.

Em "Coruja historiador, cronista e memorialista", analiso brevemente sua atividade de pesquisador desde sua inserção no Instituto Histórico e

Geográfico Brasileiro em 1838 e apresento as suas crônicas memorialísticas “Antigualhas: reminiscências de Porto Alegre”, publicadas pelos anos 80 do século XIX, na imprensa de Porto Alegre.

O Capítulo 2, intitulado “Fronteiras de Cristal”, cria o pano de fundo no qual se destaca a emergência do sujeito na história, abrindo a historiografia atual para o império da memória, justificado, nas palavras do historiador francês Pierre Nora e do crítico alemão Andreas Huyssen, como típico de um período onde, diante de uma crise de valores e sentidos, buscam-se, através do culto ao passado, pontos de referências que permitem reforçar a identidade cultural.

O capítulo está estruturado em quatro partes. A primeira, intitulada “A memória na História e na Literatura: exclusões e fronteiras”, inicia analisando “A exclusão na História”, onde, privilegiando o ponto de vista da história, debato as relações entre história e memória, considerando, com a filósofa argentina Maria Inés Mudrovic, que tal relação reproduz as relações típicas de mãe e filha, assim como na mitologia grega: a identificação idílica da infância; a ruptura rebelde da adolescência; e, finalmente, a convivência crítica da maturidade, na qual se inserem as questões atuais sobre a relação entre história e memória

Em “A exclusão na Literatura”, apresento como a Literatura, através do desenvolvimento da teoria dos gêneros, relegou os textos de memória para um espaço de fronteira.

² *Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul*, Coleção Varela, 4090, 6:237.

Em “Antigualhas...: uma história para o sótão e para o porão”, analiso as características de um movimento que tem levado os historiadores, preocupados em investir suas pesquisas em uma história cultural, – da perspectiva do sótão - a acentuarem a sua atenção aos sinais que se revelam no cotidiano, no minúsculo, no microscópico, nos indícios – no porão.

Finalmente em “Fronteiras de cristal: onde a História e a Literatura se cruzam”, exploro a expressão “fronteiras de cristal”, retirada de uma análise de Alfredo Bosi sobre os gêneros de fronteira, que deu título ao trabalho, mostrando que atualmente os historiadores, assim como os que se dedicam à crítica literária, estão redescobrando os gêneros de fronteira. A fronteira é um lugar de interação, de trocas, materiais e imateriais e está sempre presente no processo cultural de construção de identidade, no jogo entre o mesmo e o outro. Fronteira é, portanto, o lugar da alteridade ao qual a identidade constantemente se remete para se consolidar.

O Capítulo 3, chamado de “As cidades de Coruja”, relaciona o debate entre a modernidade e a questão urbana, apontando as condições com as quais os habitantes das cidades vivenciaram a transição da cidade provinciana para a cidade moderna. As “Antigualhas...” aqui representam o encantamento com o passado e uma forma de reação ao novo.

Neste capítulo, o trabalho encaminha-se para as mais importantes questões conclusivas. Seu objetivo é mostrar de que maneira os escritos de Coruja problematizam as concepções mais tradicionais que buscam estabelecer

fronteiras rígidas entre as formas de se escrever, quer seja na História, quer seja na Literatura. Nessa perspectiva, busco ainda compreender quais outras fronteiras podem ser desveladas no estudo das “Antigualhas...” e, finalmente, como o questionamento acerca dos referenciais de fronteira, criados na constituição de uma História e uma Literatura maiores, levam ao universo das “pessoas comuns”.

Para caracterizar “Porto Alegre”, recorri aos marcos estabelecidos pela historiadora Sandra Pesavento para explicar as mudanças na paisagem urbana de Porto Alegre no século XIX: a chegada dos imigrantes alemães na província; a desagregação do trabalho escravo; a Revolução Farroupilha e a Guerra do Paraguai.

Em “Rio de Janeiro”, caracterizo brevemente o período das transformações na paisagem física e social que levará à denominação de “Cidade Maravilhosa”, que fez da cidade, então capital do Império, um dos maiores e mais importantes símbolos visuais da República.

Para entender alguns aspectos da produção das crônicas memórias de Corujá, considerei importante refazer seu percurso intelectual dentro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Em “Os limites da História e da Literatura: a busca da identidade nacional”, mostro que os estudos de filologia realizados no IHGB, colocam Coruja no mesmo rol dos pensadores que, neste período, se dedicaram a pensar a identidade nacional. No IHGB, Coruja pôde alimentar sua veia política e consolidar a postura do cidadão intelectual, cujo ideal de dignidade

era a participação nos problemas sociais do país, sem que, obrigatoriamente, isto significasse uma atuação partidária.

Em “Antigualhas...”: novas fronteiras, elementos para uma identidade das ‘pessoas comuns’”, destaco que, se tomadas no escopo da produção literária do período de sua publicação, as crônicas memorialísticas “Antigualhas...” ocupam um outro espaço de transição, pois a Literatura do final do século XIX é marcada pelos debates acerca do Romantismo e do Realismo no Brasil. Nesse período, o estilo romântico vai conviver com um estilo que responde aos anseios dessa nova forma de vida, urbana e burguesa, chamado de Realismo. Para alguns teóricos da Literatura, “Memórias de um Sargento de Milícias” de Manuel Antônio de Almeida é exemplar, enquanto obra de transição entre estes dois períodos literários. Além de possuir uma estética realista, no sentido de representar o mundo concreto, nela encontra-se um traço fundamental que o liga às crônicas memorialísticas de Coruja: retratar o povo em sua simplicidade, malícia e humor.

O tema da memória, ao encontrar com sua fonte e traduzir em análise as questões teóricas levantadas anteriormente, aponta para a questão identitária. “Nossa identidade não foi estruturada apenas por monarcas, primeiros-ministros ou generais”, afirma Jim Sharpe em estimulante artigo. “A Província do Rio Grande, país clássico do heroísmo, não teve só heróis de espada; também os teve de tocha e vara”, já também afirmara o professor Coruja. O estudo da memória na história e na literatura mostra que os aspectos relacionados ao universo microestrutural, ligados ao sujeito, ficaram de fora da história moderna, caracterizada pelas macronarrativas teleológicas e que os textos de cunho

memorialístico são um espaço privilegiado para se recuperar o cotidiano das pessoas comuns.

Por fim, em “A cidade de Coruja”, analiso algumas características do universo popular portoalegrense do início do século XIX. As crônicas memorialísticas revelam sua capacidade de reviver um ambiente, um clima que não voltaria, na medida em que grandes alterações do espaço urbano avançavam inexoravelmente, expressando a melancolia de uma etapa onde a história e as tradições da cidade desapareciam com a modernização do espaço urbano. As “Antigualhas...” não tinham o objetivo de salvaguardar informações preciosas, ainda que, em muitos casos, o tenha feito. O que moveu o autor foram sentimentos de perda em relação ao passado e, conseqüentemente, o sofrimento de adaptar-se a novos tempos. Um descompasso, uma valorização do antigo por sentir-se inadequado, ou ao menos solitário, em uma sociedade que se desenvolvia pautada em novos valores, pode estar na raiz das memórias de Coruja, inaugurando uma preocupação que será lugar comum nos textos sobre a vida urbana: a solidão das metrópoles.

As condições que geram a insegurança típica da modernidade urbana, engendradas no período da publicação das crônicas “Antigualhas...”, encontram seu auge e também seu limite hoje, quando vivemos uma crise dos referenciais elaborados a partir do Iluminismo. Sem podermos parar o ritmo vertiginoso da sociedade contemporânea, é, na memória, no passado, nas tradições que nós, como Coruja e seus leitores, buscamos restabelecer os laços com o passado que nos fazem sentir mais humanos.

O escritor italiano Italo Calvino em sua obra "As cidades invisíveis" (1972) ilustra as análises que ligam as crônicas de Coruja com o momento atual de crise da modernidade urbana. Em cada um de seus breves capítulos, "As cidades invisíveis" nos convida a realizar uma reflexão sobre qualquer cidade existente e sobre o fenômeno urbano em geral. As crônicas de Coruja foram produzidas no período de debates acerca do Iluminismo e expressam a melancolia e os temores de um processo que hoje apresenta os sinais de seu esgotamento, caracterizado na efemeridade e na fluidez das "cidades invisíveis", do autor italiano. Cada capítulo do trabalho remete a uma cidade criada por Calvino. O Capítulo 1 refere-se à Zenóbia, a cidade feliz; o Capítulo 2 à Olívia, a cidade que deve ser descoberta no discurso que a descreve; e o Capítulo 3 à Zaíra, feita das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado.

As crônicas memorialísticas de Coruja, correspondendo a uma consciência do passado como uma preocupação social do período, mantinham, no presente dos porto-alegrenses, a cidade que desaparecia. Ao gerar sentimentos, sensações, ao divertir, seus textos ajudam a compreender, no plano simbólico, a história da cidade sob um ponto de vista que é muito difícil de ser recuperado devido a sua complexidade e à carência de fontes. Fontes que ficam nas margens, que se constituem nas fronteiras e informam aspectos da história, que aguardam o olhar do historiador sensível aos sentimentos, às identidades, às memórias.

Capítulo 1

As três faces de Coruja

Não se sabe qual necessidade ou mandamento ou desejo induziu os fundadores de Zenóbia a dar essa forma à cidade, portanto não se sabe se este foi satisfeito pela cidade tal como é atualmente, desenvolvida, talvez, por meio de superposições do indecifrável projeto inicial. Mas o que se sabe com certeza é que, quando se pede a um habitante de Zenóbia que descreva uma cidade feliz, ele sempre imagina uma cidade como Zenóbia, com suas palafitas e escadas suspensas, talvez uma Zenóbia totalmente diferente, desfraldando estandartes e mastros, mas sempre construída a partir de uma combinação de elementos do modelo inicial.

Dito isto, é inútil determinar se Zenóbia deve ser classificada entre as cidades felizes ou infelizes. Não faz sentido dividir as cidades nessas duas categorias, mas em outras duas: aquelas que continuam ao longo dos anos e das mutações a dar formas aos desejos e aquelas em que os desejos conseguem cancelar a cidade ou são por esta cancelados.³

Quando escrevi minha dissertação de mestrado sobre as relações entre a crônica e a história, iniciei uma das análises com a seguinte frase, justificando

³ CALVINO, Ítalo, *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 37

que, por trabalhar com a crônica, nada mais apropriado do que seguir uma cronologia.

Antônio Álvares Pereira Coruja nasceu na Freguesia, e já capital, de Porto Alegre em 31 de agosto de 1806.⁴

A palavra crônica vem do grego 'chronikos' e do latim 'chronica' e era definida como uma narração em ordem cronológica, um relato de fatos colocados em uma rigorosa ordenação temporal. A crônica nasceu como um registro da passagem do tempo através da seqüência de fatos. Uma seqüência de acontecimentos registra o tempo que passa, o anterior e o posterior, dá a noção de passado e de presente. O cronista era definido, no início da história da crônica, como aquele que compilava e historiava os fatos.⁵

Apesar das inúmeras variações do gênero, a relação com o tempo permaneceu fundamental para a sua definição. A crônica surgiu como um calendário de acontecimentos, caracterizada por uma "regularidade fria e mortal"⁶, passou pela escrita histórica medieval, onde incorporou elementos ficcionais, e pelo registro das intrigas palacianas e dos feitos dos grandes reis, até chegar ao que conhecemos hoje como crônica: nossa companheira diária, presença obrigatória nos jornais.

⁴ KLEIN, Ana Inez. "Crônica e história: a trajetória de seus encontros e desencontros e a análise de 'Antigualhas: reminiscências de Porto Alegre' de Antônio Álvares Pereira Coruja à luz de reflexões atuais sobre esta relação". Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, 1997.

⁵ Dentre os estudos sobre a história da crônica destaca-se para esta análise a Tese de Doutorado em Letras de Dileta Silveira Martins intitulada *História e tipologia da crônica no Rio Grande do Sul*, apresentada na PUC/RS, 1984.

⁶ Nas palavras de Edwin MUIR. *A estrutura do romance*. Porto Alegre: Globo, s.d. p. 57.

Margarida de Souza Neves, com o objetivo de relacionar a crônica moderna e a história, buscando sublinhar algumas perspectivas que se abrem aos historiadores que se interessam pela leitura e análise deste material, assim caracteriza a crônica moderna:

A crônica moderna, todos sabemos, é algo muito distinto. Seu tom é leve, e busca sempre ser acessível a todos os leitores. Sua marca de identidade é a de ser comentário quase impressionista. A escolha de seus temas é supostamente arbitrária e a liberdade preside a sua construção. Sua forma é, por definição, caleidoscópica, fragmentária e eminentemente subjetiva. O conjunto das crônicas de um determinado escritor é produzido ao modo de um mosaico, cujo autor não tivesse a idéia exata do sentido do seu produto final. Na maioria das vezes seu primeiro suporte físico são as efêmeras folhas de um jornal, e não a perenidade das páginas de um livro.⁷

Durante a sua história, a crônica conquistou liberdade na sua relação com o registro do tempo. Ela se libertou do compromisso do registro cronológico dos fatos, que a tornou a própria escrita da história, para aproximar-se, então, do mundo da ficção e da subjetividade. Hoje a crônica se destaca e é definida como um registro do fluir da vida ou “um registro da vida escoada” nas palavras de Arrigucci Jr⁸, que se caracteriza, novamente seguindo as palavras de Neves, pela escolha arbitrária de seus temas, arbitrariedade esta ligada ao sujeito que a escreve, e pela liberdade de sua construção⁹. Daí ser a crônica moderna “eminente subjetiva” o que leva Neves a defender que a crônica moderna “é

⁷ NEVES, Margarida de Souza. *História da crônica. Crônica da história*, in RESENDE, Beatriz (org.) *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio: CCB, 1995. p.20.

⁸ARRIGUCCI JR, Davi. *Enigma e comentário: ensaio sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1985, p. 43.

talvez uma excelente ocasião para que a história reconheça em si o lugar da subjetividade”¹⁰.

As características apontadas por Neves serão recorrentes nesta pesquisa que vai analisar a questão da subjetividade da crônica como um elemento essencial para se compreender as crônicas memórias de Pereira Coruja em relação ao quadro geral da produção do conhecimento histórico contemporâneo e em relação ao contexto histórico em que elas foram publicadas.

É necessário destacar que as relações entre a crônica e a História foram se modificando de acordo com as modificações que sofreu a crônica, até se transformar em um gênero literário, e com as transformações ocorridas no campo da História, no processo de desenvolvimento das suas diferentes concepções. Ora crônica e História estavam muito próximas, ora estavam divorciadas.

A análise que realizei por ocasião da dissertação de mestrado das crônicas de Antônio Álvares Pereira Coruja intituladas “Antigualhas: reminiscências de Porto Alegre”¹¹ pode ser definida como um exercício teórico que visava, em última instância, mostrar que, na produção do conhecimento histórico da atualidade, mais especificamente no que diz respeito ao debate acerca da chamada ‘crise da modernidade’, ocorre uma aproximação da crônica e da História. Simplificando a questão, procurei mostrar que a crônica está de volta na História.

⁹ NEVES, op. cit. p. 20.

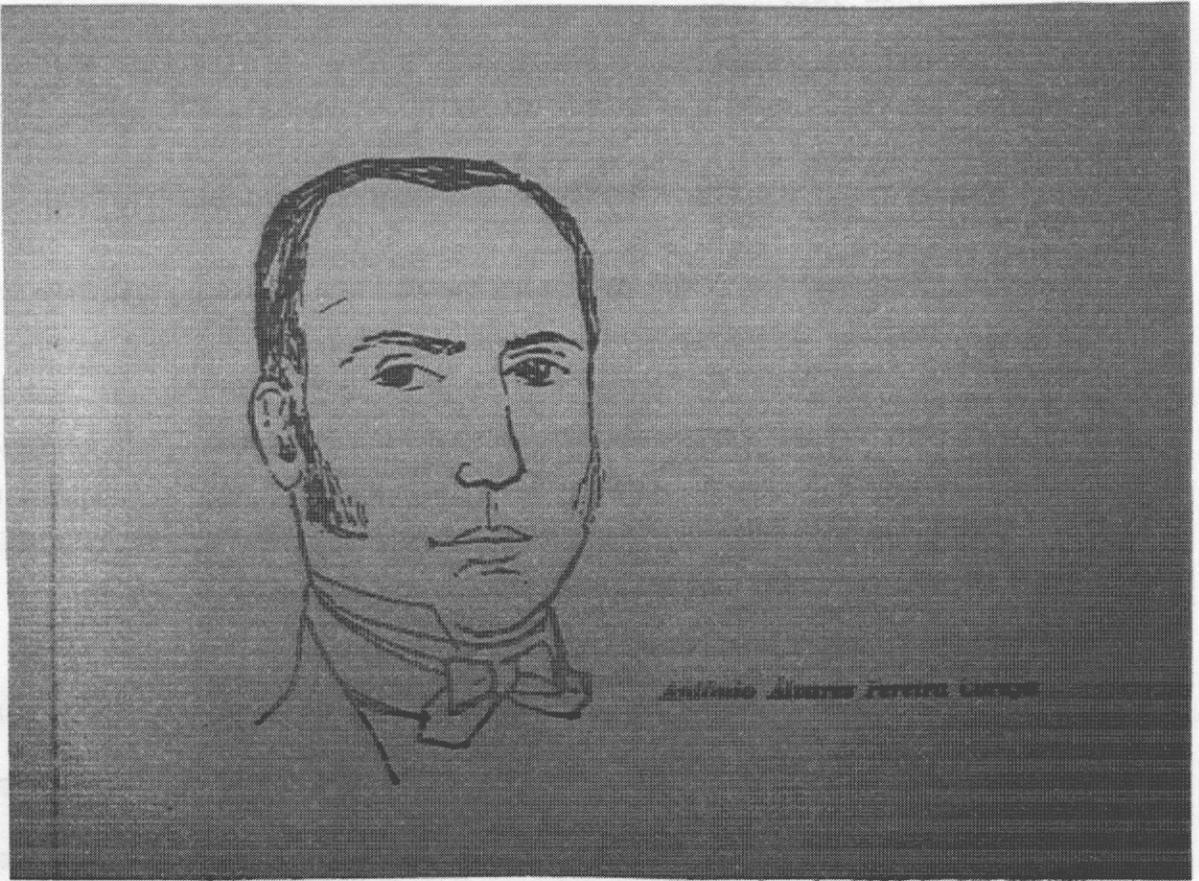
¹⁰ NEVES, op. cit. p. 23.

¹¹ A última e mais completa edição das crônicas de Coruja é: CORUJA, Antônio Álvares Pereira, *Antigualhas; reminiscências de Porto Alegre*. Porto Alegre: UE/Porto Alegre, 1996.

Para este exercício de análise das “Antigualhas..”, pesquisei a vida e a obra de Coruja. Desde aquele início dos anos 90 até hoje, muitos dados sobre a sua vida e a sua obra puderam ser acrescentados aos que tinham sido levantados naquela ocasião. O interesse em aprofundar os estudos sobre Coruja, agora explorando o seu aspecto memorialístico, levou à retomada do material já coletado e, conseqüentemente, a um refinamento, buscando precisar mais as informações encontradas, acrescentando outras. Por ser o material mais completo e muitas vezes o único que registra a vida de Coruja, as suas biografias constituíram o fundamento empírico mais importante desta pesquisa. A análise das biografias visa a apresentar ao leitor alguns aspectos da vida do autor das crônicas “Antigualhas...” para embasar a sua análise posterior.

No caminho percorrido na retomada do material sobre Coruja, inúmeras foram as lacunas encontradas e ainda mais numerosas foram as contradições na documentação analisada. Muitas interrogações ainda permanecem sobre a vida de Coruja. Percebe-se que os dados se repetem indicando que seus autores provavelmente extraíram informações de uma fonte comum, sobre a qual praticamente não há variações. Não há uma mudança na ênfase das características elencadas, de temas ou ainda de abordagem. A mais completa é a que se encontra na obra “Construtores do Rio Grande”, de Walter Spalding¹², que traz, inclusive, um desenho do rosto de Coruja.

¹² SPALDING, Walter. *Construtores do Rio Grande*. Porto Alegre: Editora Sulina, 1973, volume 3, p. 55 a 62, Coleção Biografias.



Fonte: Walter Spalding em "Construtores do Rio Grande" de 1969, p. 57.

As informações são igualmente precárias no que diz respeito às referências históricas sobre as crônicas "Antigualhas...". Quanto à sua primeira publicação, em 1983, Sérgio da Costa Franco¹³ afirmou:

A respeito das Antigualhas cabe ressaltar que a primeira série foi publicada no Jornal Gazeta de Porto Alegre, dirigido por Carlos Von Kozeritz, e logo em seguida enfeixada num volume de 34 páginas, editado pela Tipografia do Jornal do Comércio, de Porto Alegre. Animado, certamente, pela boa acolhida de suas reminiscências, Coruja ampliou-as publicando outras séries, que foram respectivamente divulgadas em 1886,

¹³ Cabe destacar que Sérgio da Costa Franco elaborou a pesquisa que atualizou as crônicas de Coruja. O pesquisador acrescentou aproximadamente 200 notas, tornando-o inteligível ao leitor atual.

1887, 1888, 1889 e 1890, pelo Anuário do Rio Grande do Sul, organizado pelo Dr. Graciano Alves de Azambuja.¹⁴

Em 1996, novos dados levaram o pesquisador à conclusão de que:

A respeito das Antigualhas cabe ressaltar que a série correspondente ao capítulo I foi publicada sob a forma de um folheto de 34 páginas em 1881 na Tipografia do Jornal do Comércio em Porto Alegre. Animado, certamente, pela boa acolhida de suas reminiscências, Coruja ampliou-as publicando outras séries através da imprensa periódica, primeiro nas páginas da Gazeta de Porto Alegre depois no anuário da Província do Rio Grande do Sul, dirigido pelo Dr. Graciano Alves de Azambuja.¹⁵

Franco explica que, enquanto fazia primeira pesquisa, de 1983, tinha a convicção de estar trabalhando com a obra completa de Coruja, mas que, no ano de 1984, foi alertado por um amigo sobre a existência de outros artigos publicados na Gazeta de Porto Alegre, em 1884. Assim descobriu-se, no Museu Hipólito da Costa, uma outra série, publicada entre 6 de outubro de 1883 e 14 de junho de 1884.

Considera-se bastante provável a existência do Folheto de 1881. Posteriormente, pelos anos 1883 e 1884, ocorreu a publicação na Gazeta e, por fim, no Anuário. Nas publicações da Gazeta, Coruja assina e coloca a data do texto. Ele começa com o ano 1884 e termina com o ano 1889, ano de seu falecimento.

¹⁴ CORUJA, Antônio Álvares Pereira. *Antigualhas; reminiscências de Porto Alegre*. Porto Alegre: Companhia União de Seguros Gerais, 1983, p. 12.

¹⁵ CORUJA, Antônio Álvares Pereira, *Antigualhas; reminiscências de Porto Alegre*. Porto Alegre: UE/Porto Alegre, 1996, p. 8-9.

Outro exemplo de problema na documentação levantada é o da confusão recorrente de dados entre Coruja e o seu filho, que tinha o mesmo nome do pai: Antônio Álvares Pereira Coruja. Exemplo notório se encontra no *site* da Associação Brasileira de Letras onde, sobre o poeta Emílio de Meneses, se lê:

No Rio de Janeiro, aproximou-se dos boêmios e jornalistas da época, entregando-se ele também ao jornalismo. O escritor e crítico do Simbolismo Nestor Vitor deu-lhe uma recomendação para trabalhar com o professor Coruja, um dos educadores mais conhecidos do Rio. Este abriu as portas do lar ao jovem provinciano. Um ano depois, Emílio estava casado com uma das filhas do professor Coruja.¹⁶

Emílio de Meneses supostamente casou-se com uma neta de Coruja, Carlota Coruja, filha de seu único filho. Esta confusão entre Coruja pai e Coruja filho aconteceu também em solo gaúcho. O folclorista Barbosa Lessa contou sua versão sobre a denominação da rua Comendador Coruja, em Porto Alegre:

Uma personalidade tão grata ao povo rio-grandense merecia ser homenageada, e em 1909 chegou essa oportunidade com a abertura de novas ruas no bairro Floresta, em Porto Alegre. Na "hora H", porém, devem ter achado que um simples professor não estava à altura da honraria e transferiram para o pai o título que havia sido do filho. Suprema ironia: Rua Comendador Coruja. Mas foi dada a volta por cima e hoje se sabe que a homenagem é para o pai. Ainda bem...¹⁷

¹⁶ Site da ABL, <http://www.academia.org.br/imortais.htm>.

¹⁷ *Jornal Extra Classe do SINPRO/RS*, "Ainda o professor Coruja", junho de 1997.



A charge ilustra as confusões cometidas até hoje entre o professor Coruja e o seu filho, o Comendador Coruja. Fonte *Jornal Extra Classe* do SINPRO/RS, "Ainda o professor Coruja", junho de 1997.

Sabe-se que Coruja recebeu insígnias do Governo Imperial. Mas quer tenha sido ele, ou o seu filho, Comendador, a rua certamente deveria ser batizada de Professor Coruja, por ser esta uma homenagem mais legítima, como veremos ainda neste capítulo.

As confusões relativas às informações sobre o Professor Coruja e o Comendador Coruja ou outras contradições nas fontes empregadas, no entanto, estão longe de constituírem o problema central na elaboração de um ensaio biográfico sobre Coruja, partindo das biografias já existentes. A falta ou precariedade na quantidade de documentos sobre um determinado tema pode ser

tão problemática para o historiador quanto trabalhar com grandes séries de fontes sobre um determinado tema. Mas, para além desta, os escritores de biografias atualmente têm debatido outras questões, que não se relacionam à quantidade de documentos, já que nem mesmo um verdadeiro esquadrinhamento da documentação existente sobre um tema encerra os problemas relacionados à pesquisa documental. É necessário considerar a existência de lacunas, a fragmentação dos dados e até mesmo a contradição das informações, mas a questão das fontes apenas esconde um problema bem mais profundo, assim resumido por Giovanni Levi, ao analisar o trabalho biográfico:

Pode-se escrever a vida de um indivíduo? A questão, que aponta pontos importantes para a historiografia, é muitas vezes esvaziada por meio de algumas simplificações que tomam por pretexto a ausência de fontes. Meu objetivo é demonstrar que não se trata da única, nem mesmo da principal dificuldade. Em muitos casos as distorções mais gritantes são provenientes do fato de que na qualidade de historiadores, nós imaginamos os atores históricos obedientes a um modelo de racionalidade anacrônica limitada. Seguindo nesse aspecto uma tradição estabelecida e a própria retórica da nossa disciplina, nós nos voltamos para modelos que associem uma cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável, ações sem inércia e decisões sem incerteza.¹⁸

Atualmente tem se debatido muito, no campo da produção do conhecimento histórico, a produção de biografias, pois não se pode negar o sucesso editorial deste gênero da escrita da história, produzido com grande

¹⁸ LEVI, Giovanni. "Les usages de la biographie", *Annales de Histoire et Sciences Sociales*, 1989 (6), p. 1326.

variedade de enfoques e largamente consumido. A vida pessoal de personagens históricos continua atraindo leitores. Aqueles que têm se dedicado a refletir sobre a produção de biografias invariavelmente reconhecem ser os textos biográficos material privilegiado para a análise de temas que são centrais na produção histórica, tais como a tensão sujeito/estrutura ou indivíduo/contexto.¹⁹

As biografias sobre Coruja estão centradas na ação dos personagens, dentro dos padrões citados por Levi: a elaboração de uma cronologia ordenada, a construção de uma personalidade coerente e estável, a descrição de ações sem inércia e tomadas de decisões sem incerteza. A sua análise mostra que, apesar do choque de alguns dados, elas solidificaram uma imagem positiva, coerente e estável de Coruja: a do homem honrado, de memória prodigiosa e amante das coisas do Rio Grande.

Para se analisar estas interpretações da vida de Coruja que criaram uma versão única e particular de sua vida, é necessário retomar alguns elementos do contexto histórico deste período onde se buscava construir uma identidade para o Rio Grande, dentro de uma identidade nacional, também em construção.²⁰

Sabe-se que os intelectuais do Rio Grande do Sul desempenharam um importante papel de manipulação sobre as representações identitárias do gaúcho

¹⁹ Esta afirmação refere-se aqui especificamente as considerações feitas no *Simpósio Questões de Teoria e Metodologia da História*, organizado pelo Departamento de História com o apoio do Programa de Pós-graduação em História da UFRGS, em junho de 1999. Os textos foram publicados em um livro do mesmo nome, pela Editora das UFRGS em 2000. Uma parte do simpósio foi dedicada à biografia, com a seguinte temática: *A biografia histórica: espaço de confluência de questões teóricas, metodológicas e técnicas do trabalho historiográfico contemporâneo*. p. 121 a 172.

ao longo de sua história. A historiadora Ieda Gutfreind²¹ realizou uma análise identificando diferentes momentos na produção historiográfica do Rio Grande do Sul, que criaram e destruíram representações acerca de sua própria história, com fins claramente políticos.

As biografias de Coruja, neste sentido, só superficialmente podem ser interpretadas dentro da perspectiva de Gutfreind, que centra sua análise nas obras propriamente historiográficas e com destaque para os anos posteriores à década de 1920. Elas apontam, em Coruja, os mesmos traços característicos de uma identidade construída sobre o gaúcho, de homem honrado, valente e amante do Rio Grande, como já mencionado anteriormente.

Pode-se considerar que os autores que contaram a vida de Coruja tiveram o especial cuidado de proteger sua imagem, pois ele esteve envolvido em problemas de cunho político e financeiro. Os seus biógrafos fazem elogios a todos os aspectos possíveis da sua figura, aceitando e justificando suas ações e a sua maneira informal, e até anedótica, de escrever sobre Porto Alegre e seus habitantes.

Para dar forma ao material encontrado sobre a vida e a obra de Antônio Álvares Pereira Coruja, agora com uma visão mais ampla dos fatos marcantes de sua longa existência de quase 83 anos, esta análise foi dividida em três aspectos, de acordo com critérios que a documentação apontou como centrais. Pode-se

²⁰ Sobre a construção de uma identidade regional, gaúcha, dentro do processo de construção da Identidade Nacional, ver: LAZZARI, Alexandre, *Entre a grande e a pequena pátria: letrados, identidade gaúcha e nacionalidade (1860-1910)*, Campinas: UNICAMP, Tese de Doutorado, 2004.

²¹ GUTFREIND, Ieda. *A historiografia sul-riograndense*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.

afirmar que esta análise procurou 'deixar falar' a documentação, seguindo as sugestões de Benito B. Schmidt:

Talvez seja mais proveitoso (...) deixar-se guiar pelo indivíduo estudado: suas experiências, relações sociais, interpretações de mundo, metáforas, posturas diante do amor e da amizade, etc. Isso não significa fazer uma biografia 'à antiga', limitada à narração das ações do personagem, mas sim tomá-lo como um fio condutor da intriga, puxando, a partir dele, outros fios: os espaços de sociabilidade por onde circulava e como estes podem ter lhe influenciado, as leituras realizadas e sua reelaboração pessoal, os códigos de moral da época e suas interpretações/manipulações próprias, etc.²²

No caso de Coruja, o "deixar-se guiar pelo indivíduo estudado", o que implica acessar as fontes que informam a vida do indivíduo em todas as suas máximas possibilidades, é um trabalho bastante limitado em vista da quase total ausência de fontes primárias. A leitura realizada do registro de Schmidt pode ser transposta para "deixar-se guiar pelas biografias estudadas a fim de chegar ao indivíduo".

Desta forma então, com base nas biografias de Coruja, que invariavelmente destacam a dupla dimensão tragédia/sucesso de sua vida com ênfase na sua trajetória profissional, foi possível dividir a análise biográfica de Coruja em três aspectos:

²² Benito Schmidt, A biografia histórica: o "retorno" do gênero e a noção de "contexto", in GUAZZELLI, César Augusto Barcellos, PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz, SCHMIDT, Benito Bisso e XAVIER, Regina Célia Lima (orgs.). *Questões de teoria e metodologia da história*, Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000, p. 124.

- 1.1 Coruja e a escola: aluno, professor, escritor de livros didáticos e dono de escola, a atividade de educador atravessou toda a sua vida, desde que entrou para a escola, na infância, até os seus últimos dias de vida;
- 1.2 Coruja e o mundo da política e dos negócios: político, administrador financeiro, banqueiro. Estas atividades foram pontuais na vida de Coruja, mas, apesar de momentâneas, deixaram marcas profundas e podem ter levado a decisões importantes sobre os rumos que ela tomaria;
- 1.3 Coruja historiador, cronista e memorialista: dedicou-se às atividades de pesquisa em história desde que ajudou a fundar, em 1838, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. As crônicas memorialísticas foram produzidas nos últimos anos de sua vida, após uma longa trajetória que, desde cedo, foi marcada pela excelente memória e pelo gosto pela pesquisa histórica.

Nota-se que são aspectos da sua vida profissional, recortes que mostram faces distintas da sua personalidade, momentos que se interpenetram ou se somam, constituindo uma visão parcial e fragmentada da história de Coruja, registrada nas biografias que prestaram homenagem a ele. Os dados referentes à sua vida pessoal parecem apenas ilustrar o seu desempenho profissional enquanto intelectual, professor, historiador, cronista, filólogo e produtor de livros didáticos.

Uma outra fonte revelou aspectos mais íntimos de Coruja. Trata-se da breve correspondência que manteve com o jovem pesquisador Alfredo Varela²³, uma interessante troca de informações sobre a história da Revolução Farroupilha. São cinco cartas de Coruja a Varela, sendo que a primeira data de 16 de outubro de 1885 e a última datada é de 25 de novembro de 1886. Não é possível distinguir a data na quinta e última carta.

Na carta de 25 de novembro, há uma rara passagem onde se encontram informações sobre sua vida privada:

Rio de Janeiro, 25 de novembro de 1886.

Costuma-se dizer, e eu creio por experiência caseira, que as mulheres têm aos 50 anos a sua idade crítica; o que eu porém ignorava é que os homens têm aos 80 anos também sua idade crítica, pois desde que os completei em 31 de agosto tenho sentido em mim umas novidades para pior, nunca anteriormente sentidas.²⁴

Coruja faz referência a sua esposa, D. Catarina, que havia falecido em 1882. Ele conclui a carta ainda acrescentando: "P.S. Desculpe as entrelinhas porque estou hoje com a cabeça por esses ares"²⁵. Apesar de já sentir as conseqüências da idade avançada, ele faleceu só em 1889, três anos após a correspondência com Varela.

²³ Alfredo Varela (1864-1943) historiador, autor de *RS: descrição física, história e econômica* (1915), *Revoluções Cisplatina* (1915) e *História da Grande Revolução* (1933) com 6 volumes. In GUTFREIND

²⁴ *Anais do Arquivo Histórico do Estado do Rio Grande do Sul*, Coleção Varela, 4093, p. 242.

²⁵ Idem.

Para organizar os dados sobre a vida de Coruja, trabalhou-se basicamente com quatro publicações que são referenciais: o texto escrito por Alfredo Ferreira Rodrigues por ocasião do falecimento de Coruja, que se encontra no “Almanak Literário e Estatístico do RS para 1899”; o texto elaborado por Propício da Silveira Machado “Pereira Coruja - Vida e Obra” para a Comissão Gaúcha de Folclore em 1956; a biografia feita por Walter Spalding publicada em “Construtores do Rio Grande” de 1969 e as biografias de Sérgio da Costa Franco elaboradas para introduzir a edição do ano de 1983 da série de crônicas “Antigualhas...” e a que introduz a Série Coruja, de 1996. É possível encontrar mais referências importantes a Coruja em outros textos, como na correspondência que ele manteve com Alfredo Varela que compreende as cartas publicadas nos Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, Coleção Varela; em pesquisas que tratam da História da Educação no Rio Grande do Sul²⁶; nas que tratam da História da Literatura do Rio Grande do Sul²⁷; em estudos de filologia e em homenagens a gaúchos ilustres. Outros destaques são as passagens das crônicas “Antigualhas...” onde Coruja fala de momentos de sua própria vida, fragmentos de autobiografia.

Podem-se apontar duas razões fundamentais para que tantas pessoas tenham escrito sobre Coruja: uma reside no fato de que, apesar de viver tantos

²⁶ Para esta pesquisa, utilizei textos de FERREIRA, Lenira Weil, *A formação, os modelos pedagógicos e as instituições educacionais rio-grandense no século XVIII*, texto da comunicação apresentada no VII Encontro Sul-rio-grandense de Pesquisadores em História da Educação, promovido pela ASPHE (Associação Sul-rio-grandense de Pesquisadores em História da Educação), UFPEL: Pelotas, RS, e de SCHNEIDER, Regina Portela, *A instrução pública no Rio Grande do Sul (1770-1889)*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, EST Edições, 1993.

²⁷ Destaco aqui a obra de CESAR, Guilhermino *História da Literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)*, Porto Alegre: Editora Globo, 1956.

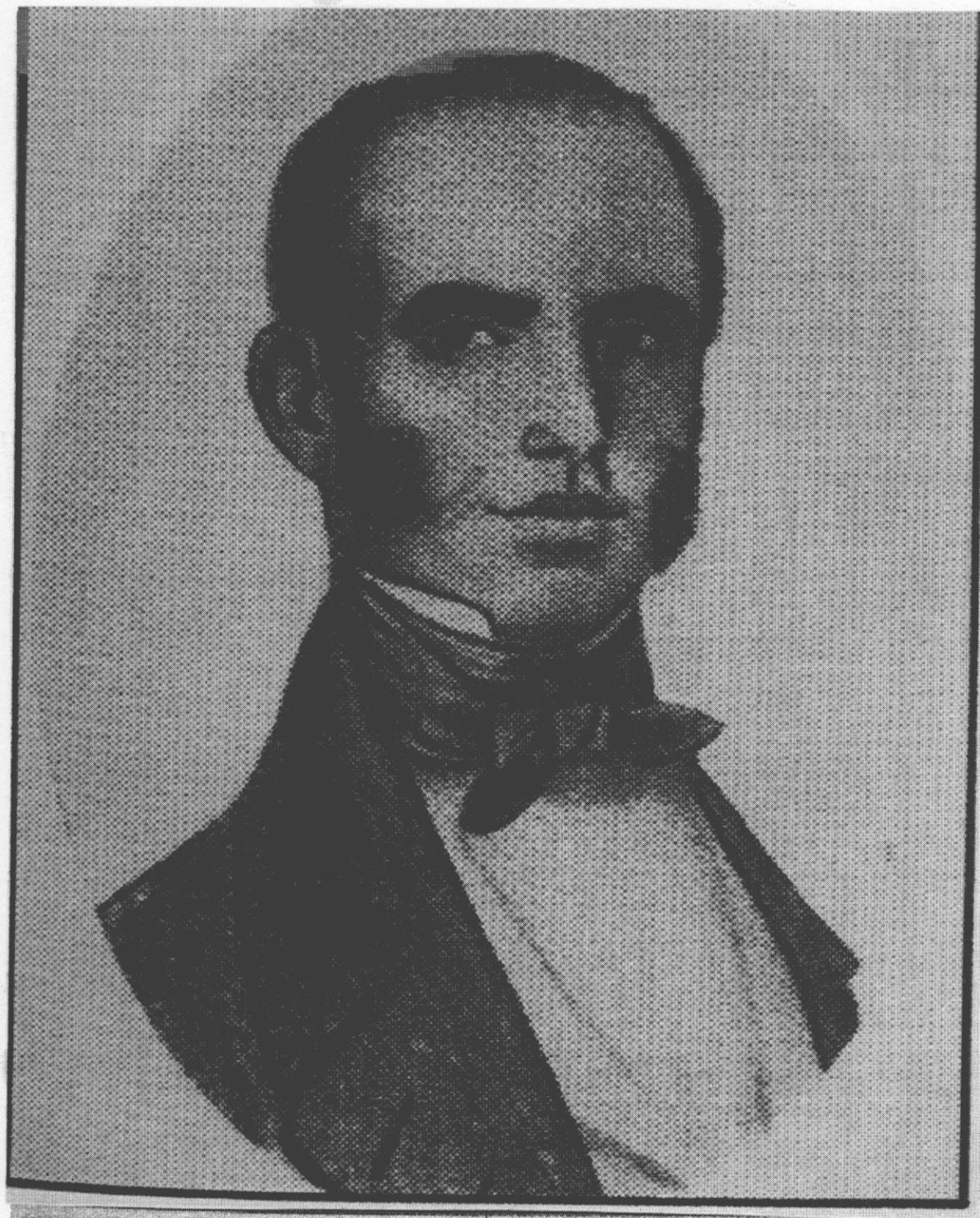
anos longe de Porto Alegre, Coruja manteve uma ligação com o Rio Grande do Sul através das pesquisas históricas que fazia no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. A outra razão é o destaque que conseguiu, principalmente no campo da educação, em nível nacional. Um motivo de orgulho para os gaúchos que buscavam conquistar espaço na nação que se organizava.

Alguns exemplos das pesquisas históricas que ligaram Coruja ao Rio Grande do Sul são: "Coleção de vocábulos e frases usados na província de São Pedro do Rio Grande do Sul", publicada no Tomo XV da revista do IHGB em 1852, que teve uma outra edição em Londres, Inglaterra, em 1856 e "Algumas anotações às memórias históricas do Rio de Janeiro", na parte que se refere ao Rio Grande do Sul, publicada em 1857, no tomo XXI da revista do IHGB.

A análise dos registros que homenageiam Coruja busca caracterizar o processo que levou ao surgimento do cronista memorialista, ou seja, a trajetória pessoal e profissional que o levaram a produzir uma forma de escrita histórica que está muito próxima da literatura, ocupando este espaço que tradicionalmente é chamado de 'fronteira'; pretende mostrar por quais caminhos Coruja virou autor de crônicas memórias sobre Porto Alegre e inserir Coruja num contexto histórico e social, como possibilidade de compreender a produção de suas crônicas "Antigualhas..." como parte de uma trajetória, ainda que nem sempre linear. Portanto, neste caso, já não se trata mais de elaborar uma cronologia.

A ordenação dos fatos em ordem cronológica, que definiu a tarefa dos primeiros cronistas, não cabe para a crônica tal qual ela se desenvolveu no Brasil, da qual pretende-se mostrar, Coruja foi um precursor. Enquanto calendário de fatos, ela não se sustenta, quando considerada a presença ativa do sujeito e da memória. Lacunar, seletiva, a memória embaralha os fatos, seleciona e classifica, dando um novo sentido ao texto.

Ainda assim veremos que ela não deixa de ser crônica e nem deixa de construir história...



Antônio Álvares Pereira Coruja²⁸

²⁸ Uma ilustração para introduzir a biografia de Coruja, retirada do *Almanak literário e estatístico para o Rio Grande do Sul para 1899*, organizado por Alfredo Ferreira Rodrigues. Coruja está com o

1.1. Coruja e a escola ²⁹



Não se pode falar em Antônio Álvares Pereira Coruja sem fazer referência ao seu envolvimento com a área da educação. Praticamente todas as informações encontradas sobre ele ligam-no à escola: como aluno, como professor, como autor de livros didáticos, como proprietário de escola e como realizador de trabalhos acadêmicos. Desde a infância até os últimos dias de vida, o seu nome está relacionado à vida escolar.

Coruja nasceu um menino pobre e a família queria que ele seguisse a vida eclesiástica. Para trilhar este caminho, começou a estudar nas aulas primárias de D. Maria Josefa e de Antônio D'Ávila, o 'amansa burros' e a partir de 1816, nas aulas de latim do padre Thomé Luiz de Souza. Desde cedo, ele demonstrou possuir uma excelente memória, que aliada, provavelmente, a um grande esforço individual para com os estudos, acabou por abrir um caminho alternativo para o seu futuro profissional: simultaneamente às aulas de latim, o menino, de apenas 10 anos, freqüentou a aula de Filosofia Moral e Racional do Padre João de Santa Bárbara, estudou francês e cantochão.³⁰ Sem que soubesse,

uniforme da gala do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

²⁹ Ilustração publicada no *Jornal Extra-Classe* do SINPRO-RS, acompanhando o artigo de Barbosa Lessa intitulado "Professor Coruja" de Dezembro de 2001.

³⁰ CORUJA, Antônio Álvares Pereira. *Antigualhas: reminiscências de Porto Alegre*. Porto Alegre: Unidade Editorial/Porto Alegre, Série Coruja, 1996, na introdução realizada por Sérgio da Costa Franco, p. 7.

tratava-se de um início precoce da sua longa e promissora carreira no campo pedagógico.

A passagem pela escola tornou-se de grande importância para Coruja. Ele registrou esta experiência em suas crônicas, o que pode revelar seu reconhecimento para com o valor destes momentos da infância passados com os livros, na sala de aula, entre colegas e professores. Nas crônicas memorialísticas freqüentemente Coruja refere-se à infância na escola, fatos da sua vida escolar, o que não ocorre em relação a outros aspectos de sua vida.

Nas "Antigualhas...", Coruja faz um registro dos professores que teve, começando com seu professor Antônio d'Ávila sobre o qual escreveu:

Amansa-Burros, a quem por brevidade chamavam simplesmente Amansa, era um ilhéu de alta estatura, que diziam ter sido jesuíta e se chamava Antônio Ávila; apesar de sua voz de estentor, e de seus contínuos gritos de arriano, era o mais erudito professor daquele tempo, deitou muitos bons discípulos e muita gente boa se honrava disso. Também ensinava por casas particulares, e entre suas discípulas pode se contar a senhora viúva Caldwell e suas irmãs.³¹

Quando Antônio d'Ávila chegou em Porto Alegre, em 1800, mandou fazer cartazes que foram colocados nas esquinas anunciando a criação de uma escola na rua da Ponte, atual rua Coronel Fernando Machado. De fato a escola do

³¹CORUJA, Antônio Álvares Pereira, *Antigualhas; reminiscências de Porto Alegre*, Porto Alegre: Unidade Editorial/Porto Alegre, Série Coruja, 1996, na introdução realizada por Sérgio da Costa Franco, p. 15.

professor, que posteriormente seria mais conhecido como Amansa, começou a funcionar dia 8 de janeiro daquele ano.³²

Coruja não deixou de citar o professor Amansa em suas crônicas, ainda que dele fazendo uma referência breve e desprovida de afeto. Ele situa o leitor em relação ao professor Amansa, elencando pessoas da sociedade, provavelmente muito conhecidas, que freqüentaram as suas aulas. Dentro de um estilo anedótico, ele elabora uma caricatura do professor que, seguindo os moldes antigos e tradicionais daquele tempo, ficou famoso na cidade por sua erudição e gritos inesquecíveis.

Outro mestre marcou a vida de Coruja, o Padre Tomé, que havia sido seu professor de latim e recebeu, nas crônicas, uma homenagem especial, em que se pode perceber, uma relação de afeto:

A aula de latim do padre Tomé – O padre Tomé era homem tão modesto em suas palavras e ações, que sendo cônego e comendador da ordem de Cristo, nos atestados por ele escritos e assinados, contentava-se em escrever simplesmente Tomé Luís de Souza, Presbítero secular do hábito de São Pedro, e nada mais, nem mesmo um et cetera. Nunca de sua boca saiu anedota a respeito de alguém; e quando alguma coisa tinha de acrescentar ao dito de outrem, levava à cabeça o polegar dizendo – e até... etc. Suas virtudes eram tão reconhecidas e respeitadas por seus preladados, que, no espaço de 22 anos, que tantos anos vão de 1836, em que morreu Soledade, até 1858 de seu falecimento, nem o bispo Dom Manoel, conde de Irajá, nem o bispo Dom Feliciano se lembraram de por

³² Ver *Ephemérides Escolares*, Projeto Memória da Cartilha, Biblioteca Setorial de Educação da UFRGS, <http://www.ufrgs.br/faced/extensao/memoria/index1.html>

em curso na Igreja de Nossa Senhora Madre de Deus que ele paroquiava como encomendado: em seu enterro, o clero, as irmandades e o povo, todos lacrimosos(*) disputavam o direito de o conduzir até o cemitério extramuros; e até eu lá estivesse teria sido também um dos disputantes, e até na assembléia provincial houve uma voz que apregoou ele ter morrido em cheiro de santidade!³³

O asterisco no texto de Coruja indica uma nota de pé de página onde se lê: “Ao descrever estas linhas também sinto que meus olhos...”

Foi em 1807 que o padre e filósofo Thomé Luiz de Souza fundou a aula particular de latim³⁴ que tão profundas marcas deixou no menino Antônio Álvares Pereira. A longa citação acima visa mostrar a importância que este padre teve na vida do menino, que pode ser percebida na emoção do velho, que escreve estas palavras com mais de 70 anos de idade e ainda chora ao recordar o seu mestre de latim.

É possível que neste momento de volta ao passado, Coruja tenha feito este registro para o Padre Tomé como uma forma de prestar contas ao seu passado, expressando sentimentos que estavam adormecidos nestes anos todos e que afloravam no momento da lembrança. O objetivo de escrever as crônicas memórias era registrar o passado da cidade, mas o ato da lembrança fez emergir sentimentos, como mostra esta e outras passagens do texto.

³³ Coruja, *idem*, p. 83.

³⁴ FERREIRA, Lenira Weil, *A formação, os modelos pedagógicos e as instituições educacionais rio-grandense no século XVIII*, texto da comunicação apresentada no VII Encontro Sul-rio-grandense de Pesquisadores em História da Educação, promovido pela ASPHE (Associação Sul-rio-grandense de Pesquisadores em História da Educação), UFPEL: Pelotas, RS, 2001. <http://www.ufpel.tche.br/fae/siteshospedados/8FERREIRA.htm>.

A relação de Coruja com o padre Tomé parece ter sido muito próxima. E registra aspectos da personalidade humilde do padre, episódios ocorridos na suas aulas, procedimentos dele como professor e relembra até os colegas que o acompanhavam nestas aulas. Ainda nas "Antigualhas..." afirma:

Em 1816 na aula do padre Tomé eram discípulos mais adiantados Antônio Fernandes Chaves, Cândido Batista de Oliveira, José Moreira de Menezes e Manoel Francisco da Costa, seguindo-lhes Marco Alves, o Cabo Regente, o padre Francisco de Paula Macedo e outros segundo a ordem de adiantamento. Tinha de entrar para ali um menino de nove anos e meio, pois nascera em agosto de 1806, e estávamos em fevereiro de 1816. Tinha sido discípulo da poetisa Maria Josefa, e depois também do Amansa, e aprendido a ajudar na missa com o padre Sanhudo.(*). Seus pais para a sua estréia tinham-lhe mandado fazer uma casaquita de pano mescla, cor de pele do diabo ou cor de burro quando foge. Ao apresentar-se na aula pela primeira vez com este seu fato novo, gritou logo Cândido Batista lá do seu banco da direita: Olhem; parece mesmo uma coruja. E como Coruja foi proclamado pelo Cabo-Regente, e como Coruja foi aclamado por toda a assembléia latinante: e Coruja ficou, e... pegou.³⁵

Este trecho é um fragmento autobiográfico de suas memórias. O menino de nove anos e meio, que ganhou o apelido de Coruja no primeiro dia de aula de latim, guardou consigo a lembrança deste momento que acabou sendo muito significativo na sua vida, pois ele terminaria por incorporar o apelido Coruja ao sobrenome de família. O cronista assim mostra como o acompanhou por toda a vida, um episódio vivenciado na primeira aula do Padre Tomé. Em outro

³⁵ CORUJA, Antônio Álvares Pereira, *Antigualhas; reminiscências de Porto Alegre*, Porto Alegre: Unidade Editorial/Porto Alegre, Série Coruja, 1996, p. 88-9.

fragmento, ele conta por que adotou o apelido que recebera na sua primeira aula de latim, como sobrenome de família:

Era afilhado de José Manoel Afonso (pai do senhor Luís Afonso de Azambuja), o que era muito sabido porque em terra pequena tudo se sabe. José Manoel, depois de ter sido tesoureiro de ausentes em Porto Alegre, mudara-se para o outro lado, onde tinha um outro afilhado que bem se chamava Antônio Álvares Pereira, e ao mesmo tempo tinha um bom vizinho, a quem se viu obrigado a escrever uma carta que pelo resultado devia ser não só salgada como apimentada, sendo dela portador o seu dito afilhado, o do outro lado. O seu bom vizinho em vez de responder-lhe em carta particular, o fez pela imprensa dirigindo-lhe pelos jornais de Porto Alegre mil impropérios, entre os quais se liam as palavras seguintes: “E quem havia de ser o portador dessa celebra carta? O seu célebre e bem conhecido afilhado Antônio Álvares Pereira!” A vista disso o homônimo deste lado, para não haver confusões, desde esse dia, ou antes desde a noite desse dia, já na ata da Sociedade do Teatrinho, de que era secretário, são subscrevê-la, começou e daí em diante continuou até hoje a assinar-se como abaixo se vê.

Rio, Abril, 1885.

A. A. P. Coruja³⁶

Foi uma briga de vizinhos que levou Antônio Álvares Pereira a adotar o apelido de Coruja como sobrenome. Neste caso, segundo a sua versão dos fatos, ele sentiu necessidade de mostrar publicamente que não era o mesmo Antônio Álvares Pereira, cuja moral fora colocada em dúvida publicamente, por parte de um vizinho ofendido. Outros momentos da vida dele serão marcados por esta preocupação com a sua imagem pública.

³⁶ Op. cit. p. 89-90.

Por fim, a coruja acabou sendo uma marca importante de sua personalidade. Ela simboliza a sabedoria e Antônio Álvares Pereira utilizaria essa alcunha como uma marca pessoal: ele, que acabou abandonando o projeto de uma vida eclesiástica, substituindo-a pela carreira de professor, transformou-se no famoso Professor Coruja.

Chegou mesmo a possuir como marca o desenho de uma coruja que era impresso nos livros didáticos que posteriormente publicou. A coruja, mais do que um apelido ou um sobrenome, era uma marca do professor, que assim criava um estilo particular e indicava a forma como queria ser reconhecido, uma escolha identitária.



Fonte: CORUJA, Antonio Álvares Pereira. Manual dos Estudantes de Latim. Rio de Janeiro, 1838.

Quanto à professora D. Maria Josefa, com quem teve aulas primárias, Coruja não faz referência especial nas “Antigualhas...”, mas suas lembranças

sobre ela estão registradas na correspondência que manteve nos anos de 1880 com Alfredo Varela.

Assim começa uma das cartas de Coruja a Varela:

Com um cartão de apresentação do meu bom amigo Sr Koseritz, recebi sua apreciável carta de 4 de outubro corrente pedindo esclarecimentos sobre Zambecari, D. Nísia Floresta Brasileira Augusta, Maria Josefa (e não José) da Fontoura Pinto e Bernardo Avelino Ferreira de Souza, a quem só conheci Bernardo Avelino, não duvidando entretanto dos dois últimos cognomes³⁷

Sobre a professora Josefa ele escreve em uma segunda carta:

Creio que V. Mcê. sabe que eu estou escrevendo umas efemérides sul-riograndenses que brevemente sairão à luz. Pois bem, no número de mais de 2.700 artigos há um que diz assim: "1837, novembro, 9. Falece em Porto Alegre, com 42 anos de idade a poetisa rio-grandense D. Maria Josefa Barreto Pinto, cujos cognomes indicam a extensa família a qual pertencia."³⁸

E assim seguem, na efeméride, informações sobre a vida, casamento, filhos e sobre a poesia de D. Maria Josefa. Depois de transcrever a efeméride a Varela, Coruja resolve ainda acrescentar outros dados: "Agora acrescento mais. Em 1811 ou 12 também fui uma das crianças que com ela aprenderam". E assim continua sem dar maiores detalhes das aulas, apenas da família e da vida de D. Maria Josefa.

³⁷ *Anais do Arquivo Histórico do Estado do Rio Grande do Sul*, Coleção Varela, 4990, p. 237.

³⁸ Op. cit. Coleção Varela, 4091, p. 240.

As primeiras atividades oficiais de Coruja como professor em Porto Alegre ocorreram a partir do ano de 1827 quando ele abriu uma escola pública, ou seja, aos 21 anos de idade, apenas.

O ensino público no Rio Grande do Sul recebeu um impulso significativo depois da nomeação de José Feliciano Fernandes Pinheiro, o Visconde de São Leopoldo, para primeiro Presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, em 08 de março de 1824. O Presidente da Província acatou várias medidas que já tinham sido decretadas na Reforma do Ensino Primário de 1823, entre as quais, a determinação de três anos para o ensino de primeiras letras em escolas que aplicariam o chamado Método Lancastrino ou *de ensino mútuo*. No mesmo ano destas medidas, o Conselho da Província recomendou a criação de uma escola de ensino mútuo na capitania.³⁹

Antônio Álvares Pereira candidatou-se para ir ao Rio de Janeiro aprender o método Lancastrino. Em 18 de setembro de 1825, ele assinou o seguinte contrato:

CONDIÇÕES APRESENTADAS PELO CONSELHO ADMINISTRATIVO,
ÀS QUAIS SUJEITAR-SE-Á NO MÉTODO LANCASTRINO, QUE DEVE
PROPAGAR NESTA PROVINCIA.

1- Que ele Antônio Álvares Pereira se disporá a ir à Corte do Rio de Janeiro, onde se doutrinará no Método Lancastrino, para por este método ensinar a mocidade nesta Província.

³⁹ FERREIRA, Lenira Weil. *A formação, os modelos pedagógicos e as instituições educacionais rio-grandense no século XVII*
<http://www.ufpel.tche.br/fae/siteshospedados/8FERREIRA.htm>.

- 2- Que não empregará mais tempo em conseguir o objeto de instruir-se do que dez meses, contados desde o dia em que sair desta cidade, até o que a ela chegar.
- 3- Que receberá por mês, para todas as despesas concernentes a obter o fim da sobredita instrução, quarenta mil réis, os quais lhe serão supridos pelo cofre da Fazenda pública da Província.
- 4- Que freqüentará a aula pública do Ensino das primeiras letras pelo Método Lancastrino no Rio de Janeiro por todo o tempo que naquela cidade residir; não devendo ter outras falhas, que não sejam aquelas a que urgirem forçosos inconvenientes, apresentando, no seu regresso, documentos ao Governo da Província de assim haver praticado.
- 5- Que, ao cabo de dez meses, achar-se-á nesta Capital, na qual abrirá imediatamente o Curso de Ensino das Primeiras Letras pelo método Lancastrino; continuando-o por tempo sucessivo de quatro anos, pelo menos, tempo este que os Escritores sobre aquele método julgam necessário para que um menino saiba ler, escrever e contar perfeitamente. E bem assim, receberá o ordenado arbitrado então aos Mestres de primeiras letras nesta Província, ou o que se achar estabelecido para o ensino pelo referido método.
- 6- Que dará Fiador abonado ao Governo às quantias mensais de quarenta mil réis, que houver de receber; e outrossim, que o abonador se obrigará a entrar para o cofre público com aquelas quantias, que estiverem absorvidas no caso da transgressão culpável de alguma das condições acima.
- 7- Que, finalmente, ele se obrigará a cumprir bem, e fielmente, as Cláusulas aqui expedidas; e que não o fazendo, sujeitar-se-á ao castigo, que lhe arbitrar Sua Majestade Imperial, a cuja Augusta Presença será sem dúvida levado, como é mister, o teor destas condições: dando por este modo o Conselho Administrativo cumprimento e desempenho à Imperial Resolução, sobre o objeto da instrução nesta Província pelo método Lancastrino.

Porto Alegre, 6 de setembro de 1825

José Egidio Gordilho Veloso de Barbuda

Presidente
Joze Ignácio da Silva
Joseph Antonio d'Azevedo
Américo Cabral de Mello
Padre João de Santa Bárbara
Vicente Ferrer da Silva Freire⁴⁰

Em 10 de março de 1827, Antônio Álvares Pereira foi nomeado professor e, em 2 de agosto deste mesmo ano, abriu uma escola pública, conforme o contratado com o Conselho Administrativo da Província.

O Método Lancastrino também é conhecido como *ensino mútuo* ou *sistema monitorial*. Na prática, tratava-se de um método de alfabetização para um grande grupo de alunos. O método tradicional consistia na alfabetização individual. No Brasil, o método foi adotado provavelmente por ser um projeto de baixo custo, pois apenas um professor era destinado para dar aulas a um grande número de alunos, dispostos todos em uma mesma sala de aula. Entre os alunos mais adiantados, eram indicados monitores, que deveriam auxiliar o professor.

Obviamente este sistema apresentou muitos problemas e o então Professor Antônio Álvares Pereira teve dificuldades na aplicação do Método Lancastrino na sua escola. O Conselho Geral da província apresentou os seguintes projetos que dão alguns indícios das condições de trabalho do primeiro professor de ensino mútuo da província:

⁴⁰ Os documentos aqui apresentados sobre as atividades de Antônio Álvares Pereira enquanto professor em Porto Alegre foram retirados de SCHNEIDER, Regina Portela. *A instrução pública no Rio Grande do Sul (1770-1889)*, Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1993, neste caso página 25 e 26.

Projeto de Representação 19

Tendo sido remetida pelo Presidente da Província de S. Pedro ao Conselho Geral da mesma a representação que lhe fizera Antonio Alves Pereira, Professor da Escola Pública de primeiras letras por ensino mútuo em exercício nesta Cidade de Porto Alegre na qual indica a necessidade de haver uma pessoa que o ajude, e nos seus impedimentos substitua; e reconhecendo o Conselho ser com efeito da maior urgência providenciar-se quanto à substituição, não só porque muito prejudicaria ao grande número de alunos que tem aquela escola única em que na Província se ensina por tão útil método, que ela parasse, perdendo assim, em pouco tempo, os conhecimentos adquiridos, como porque muito convém que a mesma escola sempre se conserve em efetivo exercício para com o exemplo de seu bom resultado se estender às escolas particulares o dito vantajoso método, e habilitarem-se pessoas para o praticarem; para desempenho do seu dever na observância do determinado no § 4º do artigo 83 da Constituição do Império representa à Assembléia Geral Legislativa e ao Poder Executivo pedindo as providências seguintes:

1º

Que se crie um Emprego do Substituto para ensinar na escola de ensino mútuo atualmente existente, e nas mais que para o futuro se erigirem nesta Cidade de Porto Alegre na falta ou impedimento dos respectivos Professores vencendo anualmente o ordenado de duzentos mil-réis.

2º

Que este Emprego seja provido por concurso na mesma forma determinada pela Lei de 15 de outubro de 1827 a respeito dos Professores.

3º

Que vagando o Emprego de Professor da escola existente, ou de alguma das que para o futuro se criarem na dita Cidade, se o Substituto quiser entrar no concurso será preferido a outro qualquer pretendente no

Provimento da Cadeira, no caso de igualdade de merecimentos e de ter-se mostrado hábil, e exato no desempenho de seus deveres como substituto.

Sala das sessões do Conselho Geral em 3 de janeiro de 1831. Francisco das Chagas Martins, Thomé Luiz de Souza, Antonio Joaquim da Silva Maya.⁴¹

Projeto de Representação 20

Sendo remetida pelo Presidente desta Província ao Conselho Geral da mesma uma representação que lhe fizera Antônio Álvares Pereira, Professor da Escola Pública de Ensino Mútuo, em que dizendo ter solicitado ao anterior. Presidente por mais de uma vez, e ao Conselho Administrativo os exemplares de leitura impressos que devem vir do Rio de Janeiro para uso das escolas, e constar-lhe terem-se requisitado para a Corte sempre que as pedira, contudo não se satisfizeram tais requisições, e por isso as repetia; e determinando a Lei de 15 de outubro de 1827, no artigo 5º que os utensílios necessários para as Escolas Públicas de Ensino mútuo, em que sem dúvida se compreendem os exigidos exemplares de leitura sejam fornecidos a custa da Fazenda Pública; por este motivo o Conselho Geral desempenhando o seu dever em observância da disposição do § 4º do artigo 83 da Constituição do Império representa à Assembléia Geral Legislativa, e ao Poder Executivo a falta de execução da mencionada Lei sobre o expressado objeto, pedindo terminante providência para que seja pronta, e exatamente executada.

Sala de sessões do Conselho Geral em 3 de janeiro de 1831. Antonio Joaquim da Silva Maya, Thomé Luiz de Souza, Francisco das Chagas Martins.⁴²

⁴¹ SCHNEIDER, Regina Portela. *A instrução pública no Rio Grande do Sul (1770-1889)*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1993, p. 31.

⁴² SCHNEIDER, Regina Portela. *A instrução pública no Rio Grande do Sul (1770-1889)*, Porto

O "Projeto de Representação número 19" mostra que o professor Antônio Álvares Pereira solicitou a contratação de um professor para auxiliá-lo nas aulas e para substituí-lo, quando necessário. A ausência do professor titular, mesmo por uma razão justificada, colocava em risco todo o trabalho executado. A responsabilidade por tudo o que acontecia em sala de aula recaía sobre uma única pessoa, que nem tinha a oportunidade de dividir com um outro profissional as angústias ou, inclusive, as conquistas alcançadas no trabalho.

O "Projeto de Representação número 20" se refere ao pedido de material de leitura para os alunos e possui um tom dramático ao solicitar "terminante providência para que seja pronta, e exatamente executada". A urgência deste pedido, que anteriormente já não havia sido atendido, é um outro sinal das dificuldades enfrentadas pelos primeiros professores contratados para o ensino público na província, dentro do método lancastrino.

Percebe-se que o professor Antônio Álvares Pereira, depois de estudar o Método Lancastrino, foi abandonado em sala de aula, com grande número de alunos, sem um auxiliar, sem um substituto e sem uma provisão mínima de material para desenvolver o seu trabalho.

É provável que, no caso de Antônio Álvares Pereira, esta experiência, quando era ainda jovem, tenha sido muito importante, tanto para decisão futura de abrir a sua própria escola, bem como na decisão que tomou de produzir, ele mesmo, livros didáticos, livros para as escolas, livros para jovens estudantes. Ele

pode constatar e experienciar a carência deste tipo de material no país e as conseqüências que a falta deste material pode acarretar para o trabalho de educação nas escolas. Neste período, o Brasil estava começando a se organizar enquanto nação independente e entre as inúmeras lacunas que a educação deixava, nestes primeiros tempos, estava a produção de livros para as escolas.

Outro aspecto que se pode destacar é que Antônio Álvares Pereira, ainda que jovem, possuía um grande senso de responsabilidade para com os compromissos que assumia. Depois de cumprir o contrato para aprender o Método Lancastrino, ele lutou para cumprir o compromisso profissional que era destinado a um professor de Primeiras Letras, apesar de todas os problemas.

As dificuldades deste trabalho se prolongaram e isso pode ser evidenciado ainda numa carta do professor de ensino mútuo da capital do ano de 1832, quando Antônio Álvares já não mais ocupava o cargo:

Ilm.º e Exm.º Snr.

Os Alunos da Escola de Ensino Mútuo desta Capital, que está sob minha direção, já chegam ao número de cento e quarenta, e são os que admite a casa, pelo pouco cômodo que ela oferece: vejo-me portanto nas circunstâncias de não receber mais meninos, apesar de que quotidianamente haja uma falta considerável, que sendo alternada, alguns há que saem, e retiram-se por muito tempo, sem participarem motivo algum, contando-se com eles no estado efetivo da matrícula, e ocupando lugares, que podem ser substituídos por outros. Se V. Ex.^a achar conveniente que sejam excluídos aqueles, que faltarem trinta dias consecutivos/ou o tempo que V. Ex.^a determinar/sem causa participada, para assim poderem ser admitidos outros, eu o farei.

A V. Ex.^a não é estranho o estado de desmoralização, a que tem chegado a juventude desta época, e por isso rogo a V. Ex.^a haja de me iluminar com as suas conspícuas medidas, a fim de que inteiramente não se perca a parte dela, de que me está encarregada a sua instrução elementar, e como desta depende, saírem bons ou maus Cidadãos; motivo porque rogo a V. Ex.^a me diga, se devo lançar fora da escola aqueles, que pelas suas incorrigíveis condutas possam ser prejudiciais entre outros bem morigerados, pois que sendo a maior parte dos meus Alunos filhos de gente pobre, que nem ao menos lhes dá os princípios de boa moral, acostumados portanto a uma vida corrupta, não fazem caso algum dos castigos morais, ordenados pelo Método Lancastrino, recusando sofrê-los muitas vezes, porque têm cabal certeza de não serem os seus delitos punidos com castigos físicos, cuja insubordinação não só exemplifica aos de boa índole, mas até causa a maior confusão e alarido em uma casa, onde o seu maquinismo, e boa administração depende do maior silêncio.

A falta, que experimento, de exemplares de leitura é considerável, porque os poucos folhetos, de que fui fornecido, estão inteiramente incapazes, não só pela encadernação, como também tendo cada menino de ler o seu, não podiam chegar para todos, se alguns não conservassem, uns Catecismos de Montpellier, de que faziam uso no tempo do meu antecessor, e alguns deles têm deixado de os trazer, por saberem que a Nação deve fornecer todo o necessário para uma Aula. Com semelhante falta, Sñr.. não pode um Professor promover o adiantamento de seus discípulos, e instruí-los mutuamente.

Eu pedi poucos livros, julgando que, um serviria para uma classe, e suprisse a falta dos exemplares; mas é impossível pela pequenez do tipo, porque se uma classe de sete meninos ler um só livro na distância precisamente de cinco, ou seis palmos há de infalivelmente arruinar a vista.

Para se evitar isso, e como aqui há Imprensas, pode-se mandar imprimir algumas obras úteis, ainda mesmo pequenas, com propriedades para o Método Lancastrino, e com tipo três vezes maior que o ordinário, como o

mesmo recomenda, para um exemplar, posto em uma tabela, servir para ler uma classe, e a mesma obra para toda a escola.

Deus Guarde a V. Ex.^a Porto Alegre 26 de Novembro de 1832⁴³

Em 1831, Coruja candidatou-se à vaga no concurso de professor de Gramática Latina em Porto Alegre e foi aprovado. Ele já havia cumprido os quatro anos como professor de ensino mútuo. Como mostra o documento, para o seu sucessor ficaram os mesmos problemas: um número excessivo de alunos, problemas de conduta, regras pouco claras, falta de material e a evidente necessidade de adaptar o Método Lancastrino para a realidade local. O método criado na Europa do início da industrialização, obviamente recebeu muitas críticas no Brasil e que acabou por ser extinto.

Pouco se sabe sobre a escola que Coruja abriu na antiga Casa Queimada, bem como do período que passou aprendendo a trabalhar com o método Lancaster no Rio de Janeiro. Porém, esta experiência de Coruja, ainda jovem, no Rio de Janeiro, parece ter exercido influência sobre uma decisão importante que ele tomaria em anos posteriores, já que foi esta a cidade que ele escolheu para morar e viver com a família após envolver-se no conflito Farroupilha.

Coruja mudou-se definitivamente para o Rio de Janeiro no ano de 1836. Além de ter vivido na Corte durante os dois anos de preparação para tornar-se professor régio, ele passou lá por um breve e delicado período quando foi preso

⁴³ SCHNEIDER, Regina Portela. *A instrução pública no Rio Grande do Sul (1770-1889)*, Porto

pelos imperiais, por ocasião da Revolução Farroupilha. Apesar de se tratar de um momento difícil de sua vida, de alguma forma o Rio de Janeiro mostrou ser um lugar onde ele viu possibilidades de sobrevivência para ele, para sua esposa e para seu filho. Também pouco se sabe a respeito desta sua passagem pelo Rio de Janeiro.

As biografias de Coruja não são claras quanto aos fatos relacionados à sua prisão. Spalding cita sua prisão no navio Presiganga ancorado em Porto Alegre, a procissão dos prisioneiros da câmara de vereadores ao navio e uma ida forçada ao Rio de Janeiro para uma retratação.⁴⁴

A apenas 15 dias antes de começar a Revolução Farroupilha, ainda em Porto Alegre, Coruja publicou o seu primeiro livro didático: em 15 de setembro de 1835, surge o seu "Compêndio de Gramática da Língua Nacional".⁴⁵ Ele escreveu e publicou pelo menos seis livros didáticos no total, nas mais diversas áreas: Língua Nacional, Latim, História do Brasil e Aritmética. Reedições são mais de 15. Só "Lições de História do Brasil" foi reeditado seis vezes após sua primeira publicação em 1855. No Rio Grande do Sul, ele só publicou o primeiro, os outros livros didáticos de sua autoria foram editados já no Rio de Janeiro.

São livros voltados para o trabalho nas escolas, com crianças e adolescentes. Ele teve o cuidado de elaborar textos específicos para serem efetivamente utilizados em sala de aula, especialmente na forma de lições e manuais. Por exemplo, o "Compêndio de Gramática da Língua Nacional", de 1835,

Alegre: Editora da UFRGS, 1993, p. 37 e 38

foi dedicado à Mocidade Riograndense. Em 1838, ele publicou o Manual dos Estudantes de Latim e o dedicou à Mocidade Brasileira. Publicou posteriormente, em 1852, um Manual de Ortografia da Língua Nacional e, neste mesmo ano, surgiu "Aritmética para Meninos, contendo unicamente o que é necessário e se pode ensinar nas aulas de primeiras letras". Na área de História, publicou em 1855 "Lições de História do Brasil, adaptada à leitura nas escolas", contendo a Constituição Política do Império. É evidente que Coruja tinha uma visão prática e um objetivo pedagógico claro em relação a este material. Sua experiência com o Método Lancastrino parece que acabou por abrir-lhe um universo de trabalho singular, provavelmente só possível por que ele havia vivido as dificuldades de possuir grande número de alunos para ensinar, com um mínimo material de apoio ao trabalho.

Os livros produzidos pelo Professor Coruja foram adotados pelas escolas não só de Porto Alegre, mas também pelas da Corte, como o Manual dos Estudantes de Latim, que foi adotado pelo Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro. Eles fizeram com que o mestre Coruja fosse reconhecido e respeitado em todo o país.

Já no Rio de Janeiro, ao mesmo tempo em que se dedicava à produção dos livros didáticos, Coruja fundou uma escola, o Liceu Minerva. Sua esposa, Dona Catarina, também criou uma escola, para meninas, em 1841, mas, em 1849, esta escola foi fechada, segundo Spalding, pela insistência de Coruja em aliviar o

⁴⁴ Spalding, op. cit. p. 57.

⁴⁵ *Idem ibidem.*

ritmo de trabalho do casal. O Liceu Minerva foi fechado pelos anos 60, quando Coruja se envolveu com um negociante que o levou à falência.⁴⁶

No discurso de posse de Jarbas A. Porto, na Academia Nacional de Medicina, há uma preciosa e rara referência ao cotidiano do Liceu Minerva. Afirma Jarbas A. Porto:

João Vicente Torres Homem, filho do notável médico e professor de medicina, Joaquim Vicente Torres Homem, nasceu no Rio de Janeiro, em 1837, época em que, segundo Nabuco, "o honesto e o desonesto não se confundiam" e " respeitava-se o respeitável". Coursou o primário no Liceu Minerva e, como aluno externo, não se obrigava ao regulamento dos internos pelo qual havia de "banhar os pés às quartas e sábados e tomar banho geral uma vez por semana."⁴⁷

Pelo texto, constata-se que o Liceu Minerva era um colégio que abrigava alunos na forma de internato, bem como externos. O fragmento citado mostra ainda a minúcia e a rigidez das regras impostas aos alunos e os padrões morais e de honra da época.

Depois de fechar a escola Minerva, solitário, após ter perdido a mulher em 1882 e o filho em 1888, ele teria terminado seus dias muito pobre, sobrevivendo às custas de estudantes gaúchos que viviam no Rio de Janeiro e para os quais ele fazia os trabalhos da escola.

⁴⁶ SPALDING, op. cit, p. 59.

⁴⁷ Discurso de posse do Acadêmico Jarbas A. Porto ao Excelentíssimo Sr. Presidente da Academia Nacional de Medicina, Rio de Janeiro, 29.04.1986.

1.2. Coruja e o mundo da política e dos negócios

Existe uma outra face da vida de Antônio Álvares Pereira Coruja que tem merecido destaque em suas biografias e, por isso, compõe uma das partes desta análise: o seu envolvimento em atividades ligadas à política e ao mundo financeiro.

Quando jovem, ainda iniciando a carreira de professor, Coruja se candidatou para um cargo político em Porto Alegre. Seu nome já aparece em 1831 ligado ao *Jornal Compilador de Porto Alegre*, onde ele era redator.⁴⁸ Era um jornal maçônico que defendia idéias liberais, como é o caso das idéias republicanas.

Sobre sua presença na maçonaria, esclarece, na correspondência a Alfredo Varela:

Zambeccari parece-me que não estava ainda em Porto Alegre quando em 1831 se estabeleceu a "Loja Maçônica Filantropia e Liberdade" acobertada com o nome de "Gabinete de Leitura da Sociedade Continentina" a que o vulgo chamava de "Marimbontina" e a que Zambeccari não pertenceu e a que eu pertencia; e sendo membros dela o General Sebastião Barreto e o Ouvidor Rodrigo de Sousa da Silva Pontes, e outros monarquistas, não se tratava aí de separatistas, posto que o padre José Antônio Caldas tivesse visitado a Loja, e nem a Revolução de 20 de setembro foi com fim de separação, e a proclamação da república foi um efeito.⁴⁹

⁴⁸ LESSA, Barbosa. *Jornal Extra Classe* do SINPRO-RS, "Professor Coruja" de dezembro de 2001.

⁴⁹ Coleção Varela, 4091. op cit, p. 240.

As ligações com a Maçonaria certamente são fundamentais para se compreender a trajetória política de Coruja. Ele figura como membro efetivo em uma lista, divulgada em 1874, pelo Muito Poderoso Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito para o Império do Brasil.⁵⁰

Neste período, a Maçonaria brasileira estava dividida em dois círculos: o Grande Oriente do Brasil, do Lavradio, e o Grande Oriente Unido, de Saldanha Marinho, que, segundo Castellani, é uma dissidência surgida em 1863 e absorvida pelo Grande Oriente do Brasil em 1883.

A referida lista possui nomes importantes do cenário nacional como ministros de Estado, conselheiros, políticos, intelectuais, altas patentes militares, negociantes e jornalistas. Consta ainda que Coruja e o irmão José Maria Pereira dirigiam as sessões, o que uma demonstra dedicação e um envolvimento efetivo de Coruja, ao menos neste ano de 1874, e que possivelmente foi intenso durante toda a sua vida.

Apesar de ter afirmado na carta a Varela que a loja maçônica em Porto Alegre abrigava também monarquistas e que a Revolução Farroupilha não fora separatista, o jovem Coruja entrou para os debates políticos em uma época de extrema polarização e acabou envolvido no movimento armado que deixou marcas profundas em toda a Província e na sua vida em particular, a Revolução Farroupilha.

⁵⁰ Ver em CASTELLANI, *História do Grande Oriente do Brasil - A Maçonaria na História do Brasil*, São Paulo: Editora e Gráfica do GOB, 1993.

Antônio Álvares Pereira Coruja candidatou-se ao cargo de deputado para a Primeira Assembléia Legislativa da Província, que foi criada em 12 de agosto de 1834 pelo Ato Adicional à Constituição de 11 de dezembro de 1823. As primeiras eleições para Deputados Provinciais ocorreram em fevereiro de 1835, e Coruja foi eleito suplente de deputado. Chamado para atuar, transformou-se, no mesmo ano, em Secretário da Assembléia.⁵¹

O amadurecimento de seu 'espírito liberal' - Walter Spalding o qualificou como um prócer do liberalismo - não está muito claro. O certo é que, chamado a posicionar-se por ocasião da substituição do presidente da província José Araújo Ribeiro por Marciano Ribeiro, o vice-presidente rebelde, Coruja apoiou este último. Quando, em 15 de junho de 1836, a cidade de Porto Alegre foi reconquistada pelas forças do império, ele foi preso, juntamente com 35 outros deputados.

Afirma Spalding que estes 36 deputados presos desfilaram pelas ruas de Porto Alegre em procissão que o próprio Coruja chamou de "a procissão dos 36 anjinhos", em direção ao 8º Batalhão de Caçadores. Depois foram conduzidos para diferentes prisões. Coruja foi levado ao navio Presiganga, que estava ancorado no Lago Guaíba e, finalmente, para o Rio de Janeiro, onde, ainda segundo Spalding, "Coruja também seguiu para a Corte. Entretanto, abandonando a política, resolveu trabalhar".⁵²

⁵¹ SPALDING, op. cit., p. 57

⁵² Idem.

Aspectos de sua passagem no navio Presiganga podem ser conhecidos por este fragmento da correspondência com Varela, quando solicitado a falar sobre Zambecari:

Em 5 de outubro de 1836, logo cedo, achava-me eu preso na Presiganga de Porto Alegre quando ali foi ele apresentado com Bento Gonçalves e Onofre, aprisionados no dia 4 na ilha do Fanfa, com ordem de serem postos a ferro todos os três.⁵³

Coruja, que esteve preso com líderes Farroupilhas, na mesma carta, faz um desabafo: “Eu disse Aprisionados para não dizer Atraiçoados”. E após ser libertado, em novembro de 1836, ele tomou, num primeiro momento, a decisão de abandonar a política. Porém, não suportou permanecer em Porto Alegre devido a desconfianças e perseguições e, ainda no ano de 1836, mudou-se com a família para o Rio de Janeiro.⁵⁴

Coruja só foi oficialmente anistiado em 02 de julho de 1839.⁵⁵ Suas palavras, além de mostrar que ele se sentiu traído, indicam que, mesmo passadas muitas décadas, este sentimento ainda está presente.

Assim como a vida política trouxe desgostos insuperáveis para o professor, também as tentativas de ingressar no mundo financeiro do Segundo Reinado foram marcantes e decisivas. Tão graves foram os problemas que

⁵³ Coleção Varela, 4049. p. 237.

⁵⁴ SPALDING, op. cit.

⁵⁵ Segundo MACHADO. Propício da Silveira. *Pereira Coruja - Vida e Obra*, Porto Alegre: Comissão Gaúcha de Folclore, 1956.

resultaram desta sua decisão de virar banqueiro que, por causa deles, ele acabou na mais absoluta pobreza, endividado e humilhado.

No período em que administrava a sua escola no Rio de Janeiro, o Liceu Minerva, em 1860, Coruja fundou a Companhia de Seguros Feliz Lembrança, fechada logo em seguida, e, em 1879, a Caixa Depositária Sociedade Glória do Lavradio. A Caixa Depositária faliu em 1880 e Coruja passou a enfrentar a ruína total de seus negócios.

Conforme se viu, Antônio Álvares Pereira foi um menino pobre e o 'status' que conquistou como professor reconhecido pelos melhores escolas do país foi resultado de muito trabalho desde criança, como aluno dedicado, depois como jovem professor do Método Lancaster e, posteriormente, como escritor renomado de livros didáticos e dono de escola.

A trajetória de sucesso profissional de Coruja teve, na Revolução Farroupilha, um primeiro obstáculo que ele buscou superar abandonando a carreira política para cuidar e investir na sua carreira de professor. Neste contexto, é possível perceber a gravidade das consequências acarretadas pela sua falência, ocorrida em 1880. Alfredo Ferreira Rodrigues, em seu Almanak Literário e Estatístico, em 1899, coloca que Coruja se sentiu de tal maneira humilhado pela situação de endividamento que ele deixou "de ver os parentes que possuía em Niterói, aparecendo-lhes em casa unicamente em dias de carnaval e

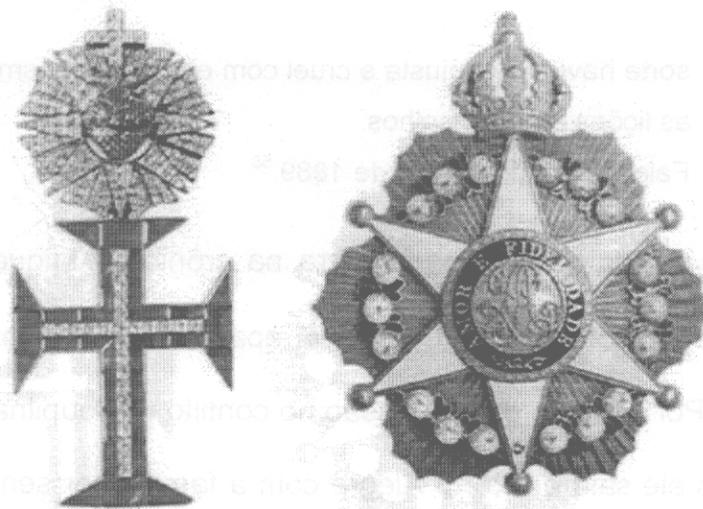
mascarado.”⁵⁶ Os parentes a que se refere Rodrigues provavelmente pertencem à família que o filho de Coruja constituiu. Foi em Niterói que viveu seu único filho que, segundo Barbosa Lessa, virou Comendador. Ela se casou, teve filhos e netos, e morreu antes do pai.

A situação do mestre chegou ao limite justamente quando este seu filho, que lhe deu abrigo quando ele perdeu a esposa após a falência, faleceu em 13 de outubro de 1888. Sem o filho que o estava acolhendo, estes últimos anos foram de solidão e desamparo financeiro, quando então passou a perambular pelas ruas do Rio de Janeiro, vivendo de favores de estudantes gaúchos que iam estudar na Capital do Império.

O professor Coruja, que havia sido tesoureiro do Instituto Histórico e Geográfico por 20 anos, via agora o seu nome envolvido em problemas financeiros. Foi fundador, em 1857, e presidente da Sociedade Riograndense Beneficente e Humanitária, prestou serviços à Sociedade Amante da Instrução, sendo condecorado pelo Governo Imperial com o grau de Cavaleiro da Ordem de Cristo e Oficialato da Ordem da Rosa⁵⁷, por serviços relevantes prestados à pátria e à humanidade e distinção por sua fidelidade à pessoa do imperador. A Sociedade reunia, no Rio de Janeiro, os gaúchos que possuíam condições financeiras de auxiliar os outros gaúchos chegados ao Rio de Janeiro, que necessitassem de apoio financeiro.

⁵⁶ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanak Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1899*, Porto Alegre.

⁵⁷ SPALDING, op. cit., p. 58.



Insígnias de Cavaleiro da Ordem de Cristo e da Ordem da Rosa que Coruja recebeu. Fonte: <http://www.monarquia.org.br/medbrasil.html>

Parece que o abatimento do velho mestre, que além dos problemas de ordem financeira também havia perdido os membros da família, era tal que ele se recusava a sair na rua, excetuando os dias de carnaval em que, mascarado, dirigia-se a Niterói.

Achyles de Porto Alegre, em sua História Popular de POA, assim descreve esta fase da vida de Coruja:

E, tudo lhe sorria, então, às mil maravilhas, quando um falso amigo, abusando de sua confiança e de sua boa fé, lhe levou todas as economias, ganhas com tantos sacrifícios, buscando ainda em cima prejudicá-lo nos seus créditos de homem de bem.

Já alquebrado pelos anos e, ainda mais, em extrema pobreza, tornou-se depois de velho, um boêmio, vivendo nas “repúblicas” dos estudantes patricios, que o acolhiam sempre de braços abertos, por verem quanto a

sorte havia sido injusta e cruel com ele, e, ao mesmo tempo, lhe beberem as lições e os conselhos.

Faleceu a 4 de agosto de 1889.⁵⁸

No episódio que Coruja narra na crônica “Antigualhas...”, justificando por que adotou o sobrenome ‘Coruja’, já aparece a preocupação em proteger a sua imagem. Por ocasião de sua prisão no conflito Farroupilha, isso também está presente, pois ele saiu de Porto Alegre com a família por sentir-se desconfortável com as perseguições que estava sofrendo por parte dos seus adversários políticos. Ele chega a abandonar a vida política depois deste episódio.

Seria de se perguntar se a reputação conquistada nacionalmente pelo Mestre Coruja, como intelectual, pesquisador, escritor e professor teriam contribuído para que se construísse dele a imagem de um homem ingênuo e fácil de ser enganado, portanto, inocente. Esta imagem acabou sendo solidificada nas suas biografias. Pelo que indica a documentação, ele possuía amigos fiéis em Porto Alegre, como é o caso de Carlos Von Kosertiz, que dirigia a Gazeta de Porto, onde suas crônicas foram publicadas. Por seu lado, Coruja se mostra um homem bastante modesto e de trato agradável. Sobre suas efemérides, por exemplo, escreve a Varela:

Quanto a minha colossal obra, não o diga por ironia, pois o parecer da comissão de História já lhe dá essa denominação, talvez por ver diante de

⁵⁸ Segundo Achyles Porto Alegre (1848-1926), em *História Popular de Porto Alegre*, Porto Alegre: EU, 1994. p. 140.

si um manuscrito com mais de 2 700 artigos e em vésperas de se aproximar de 2 800.⁵⁹

E em outra carta:

A palavra monumental com que apelida o meu mesquinho trabalho cronológico-guasca não me surpreende; não lhe mando, pois por isso a preta dos padstéis. Alguém já nisso o precedeu, e foi a comissão de História do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em sua sessão de 13 de novembro do ano passado.⁶⁰

O velho mestre não vê sentido em ter chamada uma obra de 'colossal' apenas pela quantidade de artigos que ela possui e, na sua definição, trata-se de um "mesquinho trabalho cronológico-guasca." A simpatia e a simplicidade do Mestre fixavam nos olhos dos gaúchos a imagem de uma trajetória de vida coerente, honrada, correta, cujas biografias só fizeram reforçar.

1.3. Coruja historiador, cronista e memorialista

Quando se mudou para o Rio de Janeiro, o jovem professor entrou para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro onde, provavelmente, pela primeira vez, teve contato com a atividade mais regular de pesquisador da história. Ele publicou vários artigos de história para a Revista do Instituto. Além dos já citados "Coleção de vocábulos e frases usados na província de São Pedro do Rio Grande

⁵⁹ Coleção Varela 4092, p. 241.

do Sul" ⁶¹ e "Algumas anotações às memórias históricas do Rio de Janeiro" ⁶², o Dicionário Bibliográfico Gaúcho registra ainda "Algumas Anotações às Memórias Históricas do Rio de Janeiro, de Mons. J. Pizarro"⁶³ de 1857 e "Notas à memória do Tte. Cel. José dos Santos Viegas"⁶⁴, de 1860.

O IHGB foi fundado no Rio de Janeiro, em 1838, por D. Pedro II, inspirado no Instituto Histórico de Paris.

A elite brasileira que fez a Independência criou o instituto. Como enfrentava movimentos separatistas, esse grupo entendia que reunindo documentação histórica criaria uma identidade nacional, fortalecendo a união dos Estados.⁶⁵

Fundado, pois, com o objetivo de consolidar a unidade nacional do país recém-liberto de Portugal, o IHGB transformou-se no reduto intelectual mais importante do Império, desfrutando do mecenato de D. Pedro II.

Fazia pouco tempo que Coruja havia chegado para viver na Corte. Ele, então, se dedicou à atividade de dono de escola, foi tesoureiro do instituto e gradativamente foi aprofundando suas pesquisas da história do Rio Grande do Sul. Como membro o IHGB, participou das discussões mais importantes da intelectualidade da época.

⁶⁰ *Idem*, 4093, p. 242.

⁶¹ Publicada no tomo XV da revista do IHGB em 1852, que teve uma outra edição em Londres, Inglaterra em 1856.

⁶² Publicada em 1857 no tomo XXI da revista do IHGB

⁶³ Revista do IHGB, tomo XXI, Rio de Janeiro, 1857.

⁶⁴ Revista do IHGB, tomo XXV, Rio de Janeiro, 1860.

⁶⁵ Arno Wehling, in Revista Época On line, "500 anos"

<http://epoca.globo.com/especiais/500anos/esp20000110.htm>

Mas as crônicas memorialísticas, estas só foram produzidas nos últimos anos de sua vida. Estes escritos resultaram de uma vigorosa e extensa pesquisa sobre a cidade que Coruja deixara em 1836. Ele guardou durante várias décadas os documentos e as lembranças que foram registradas e publicadas nas "Antigualhas...", quase ao final de sua vida.

Viu-se que, desde sua infância, Coruja considerava-se dono de uma prodigiosa memória. Na passagem da sua crônica "Antigualhas..." onde ele apresenta dados de uma autobiografia, isso ficou assim registrado:

Este menino tinha tão feliz memória, que devorou a artinha em três meses, que tantos anos vão de 12 de fevereiro a 11 de maio em que lhe meteram a mão o Eutrópio; não havendo aula de francês, aprendeu-o a troco de lições de latim com um condiscípulo que fora do Rio do Janeiro sabendo-o falar; e aprendeu música com outro de quem era paracleto também em latim; e como se dedicava ao estudo eclesiástico, foi aprender cantochão com o Padre Batista do que deu algumas amostras na semana santa de 1828 em Santo Amaro, de que era vigário o padre Januário, e no ano seguinte em Jaguari, onde era vigário o padre Antônio Pereira Ribeiro; e ainda em 1827 salmeou e lamentou na Semana Santa da cidade do Rio Grande.

Este menino continuou a estudar, cresceu e fez-se homem.⁶⁶

A qualidade de possuir uma memória privilegiada permitiu ao menino decorar lições e salmos. Interessante observar aqui é que o adulto reconhecia em si esta qualidade que o capacita e o estimula a escrever as crônicas sobre a

⁶⁶ CORUJA, Antônio Álvares Pereira, *Antigualhas; reminiscências de Porto Alegre*, Porto Alegre: Unidade Editorial/Porto Alegre, Série Coruja, 1996, p. 89.

distante, no espaço e no tempo, cidade de Porto Alegre, conjugada ao gosto pela pesquisa histórica e pela atividade de escritor.

Para uma aproximação às crônicas memorialistas de Coruja, é notável a contribuição do escritor e ensaísta Guilhermino Cesar, que em sua “História da Literatura do Rio Grande do Sul”⁶⁷ assim situa a história escrita nas crônicas “Antigualhas: reminiscências de Porto Alegre” que foram publicadas pelos anos 80 do século XIX, na imprensa de Porto Alegre:

Antônio Álvares Pereira Coruja viu a história de outro ângulo, mais modesto por um lado e mais pitoresco por outro⁶⁸.

Para Guilhermino Cesar, uma outra forma de se escrever a história. Cesar está comparando as crônicas com os “Anais da Província de São Pedro”⁶⁹, de autoria de José Feliciano Fernandes Pinheiro, o Visconde de São Leopoldo, considerado nada menos do que pai da historiografia local.

Em sua “História da Literatura do Rio Grande do Sul” Guilhermino César visava apresentar toda a produção literária do Rio Grande do Sul, desde o início de sua história em 1737 até o ano de 1902. Na sua história da literatura ele incluiu obras de história. Para Ieda Gutfreind, como “se vê, pelo próprio título da obra, a história diluiu-se na literatura.”⁷⁰

⁶⁷ CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1956.

⁶⁸ CESAR, op. cit., p. 133-4.

⁶⁹ PINHEIRO, José Feliciano Fernandes. *Anais da Província de São Pedro*, Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

⁷⁰ GUTFREIND, Ieda. *A historiografia rio-grandense*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998, p. 10.

Na “História da Literatura do Rio Grande do Sul”, encontram-se dois capítulos sobre a historiografia: o capítulo VI, intitulado “Os primeiros cronistas e historiadores” e o capítulo XVIII, intitulado “A historiografia após a guerra do Paraguai”. No primeiro destes capítulos, após citar relatos de viajantes, como o Padre Roque Gonzáles de Santa Cruz, o major J. C. Semple Lisle Feliz de Azara, John Luccock, John Mawe, Saint-Hilaire, Arsène Isabelle e Nicolau Dreys, Guilhermino César se ocupa de analisar os Anais da Capitania de São Pedro. É quando ele faz referência às crônicas de Coruja.

Segundo César, “Anais da Capitania de São Pedro” é uma obra pioneira na elaboração de “uma visão de conjunto sobre a formação e desenvolvimento do Rio Grande do Sul” e que, mesmo depois de questionadas algumas conclusões de Fernandes Pinheiro, ela continuou a ser uma obra atual. A sua preocupação com a pesquisa histórica, com a análise objetiva de documentos, colocam os “Anais...” em um lugar privilegiado, até então nunca visto no Rio Grande do Sul. É nesse sentido que, para César, “Antônio Álvares Pereira Coruja viu a história de outro ângulo”⁷¹.

Dentro do contexto da produção historiográfica do período em que Coruja escreveu os seus trabalhos, ele é considerado, por César, um historiador diferente. “Outro ângulo”, expressão usada pelo autor, mostra já o reconhecimento de uma forma mais legítima de se produzir história, um padrão, um exemplo: os “Anais da Província”, referência para se escrever história. Coruja é o outro, o que

⁷¹ CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1956, p. 133.

viu as coisas de um ângulo menor. Um ângulo que se mostrará, porém, revelador, quando considerado dentro dos debates epistemológicos que ocorrem acerca da produção do conhecimento histórico contemporâneo.

Para finalizar este capítulo introdutório, cabe explicar que para relacionar as temáticas exploradas nas crônicas memorialísticas de Coruja com a questão urbana contemporânea, cada capítulo faz referência a uma das “As cidades invisíveis”⁷² criadas por Italo Calvino em uma obra sua com este mesmo título. Zenóbia, Olívia e Zaíra representam o primeiro, segundo e terceiro capítulos da tese, respectivamente.

Para ilustrar a trajetória do Professor Coruja, optou-se por apresentar, na introdução deste capítulo, a cidade de Zenóbia, uma cidade cujos habitantes, ao descreverem uma cidade feliz, sempre imaginam uma cidade como ela. Aqui Zenóbia representa a Porto Alegre de Coruja até a Revolução Farroupilha, período em que ela contemplava a categoria das cidades capazes de dar forma aos sonhos e aos desejos do professor.⁷³ Abandonando-a em 1837, Coruja a levou consigo e a ela, à sua Zenóbia, só retornou, através das suas memórias, registradas nas crônicas “Antigualhas: reminiscências de Porto Alegre”, quase cinqüenta anos depois.

⁷² CALVINO, Ítalo. *As cidades Invisíveis*, São Paulo: Companhia da Letras, 1990.

⁷³ CALVINO, op. cit. p. 37.

Capítulo 2

“Antigualhas...”; exclusões e fronteiras

Você sabe melhor do que ninguém, sábio Kublai, que jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve. Contudo, existe uma ligação entre eles. Se descrevo Olívia, cidade rica de mercadorias e lucros, o único modo de representar sua prosperidade é falar dos palácios de filigranas com almofadas franjadas nos parapeitos dos bifores; uma girândola d'água num pátio protegido por uma grade rega o gramado em que o pavão branco abre a cauda em leque. Mas, a partir desse discurso, é fácil compreender que Olívia é envolta por uma nuvem de fuligem e gordura que gruda nas paredes das casas; que, na aglomeração das ruas, os guinchoş manobram comprimindo os pedestres contra os muros.⁷⁴

2.1. O império da memória: cenário.

O estudo das crônicas memorialísticas de Antônio Álvares Pereira Coruja intituladas “Antigualhas: reminiscências de Porto Alegre” aqui realizado relaciona os debates que atualmente ocorrem no campo da produção do conhecimento

histórico, analisando os laços existentes entre memória e história e a natureza desta relação.

Ao fazer referência ao momento atual da produção do conhecimento histórico, está-se tratando, ainda que de forma bastante genérica, da chamada “crise da modernidade”, que pode ser rapidamente definida como um momento de questionamento das bases que sustentavam a produção do conhecimento histórico, durante o período posterior ao Iluminismo e que se caracterizava pelo primado da razão. Caracterizada fundamentalmente pelo questionamento da razão moderna⁷⁵ – emancipadora, teleológica, libertadora – base epistemológica das ciências sociais, esta crise tem levado os historiadores a debater todas as instâncias da sua produção de conhecimento. É uma situação de crise e questionamentos que atinge as ciências sociais como um todo e tem alimentado os debates e estimulado a reflexão teórica sobre temas tais como a relação com outros campos de conhecimento, a eleição e o trabalho com as fontes, a escrita da história e, fundamentalmente, seu próprio estatuto, já que o que está em discussão não é um aspecto metodológico da produção histórica, mas os seus fundamentos, a base sobre a qual ele foi pensado e construído. Uma das dificuldades para compreender este debate reside no fato de que ele ainda se encontra em andamento.

⁷⁴ CALVINO, Ítalo, *As cidades invisíveis*, São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 59.

⁷⁵ Para uma melhor compreensão do conceito de modernidade, ver ROUANET, Sérgio Paulo. *As razões do Iluminismo*, São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

Todas as tendências da historiografia moderna, desde o positivismo comteano, o subjetivismo de Dilthey, Croce e Collingwood, o marxismo até a Escola dos Anais, para exemplificar as que mais influências exerceram sobre nós, pautaram em alguma medida seus fundamentos no primado da razão. Pode-se dizer que a tarefa fundadora da historiografia moderna foi elaborar uma representação objetiva do real. Ainda que a historiografia de cunho empírico-objetivista, inspirada na Sociologia de Auguste Comte, tenha sofrido os ataques do relativismo-subjetivista de Dilthey, Croce e Collingwood, que atentaram para o caráter subjetivo da historiografia e, ainda, que a historiografia positivista *comteana* tenha assistido aos combates pela História contra o empirismo, empreendidos pela Escola dos Anais, estes ataques não questionavam o seu eixo paradigmático: constituir, através do atributo humano da razão, um campo de conhecimento específico sobre o passado, o conhecimento histórico.

Considerando este contexto, a crise da modernidade pode ser percebida também como uma crise da 'representação', no sentido do questionamento da possibilidade de uma representação objetiva do real. No período de superioridade do racionalismo, havia uma clara separação entre a realidade concreta e a representação, correspondente à separação entre o real e a imaginação. Atualmente o reconhecimento da História como um discurso, portando ela própria uma representação, dentre outras possíveis, levou a sua percepção como uma

outra instância que não é o real, mas que é um construto, uma leitura, uma produção.⁷⁶

Resumidamente, a 'crise de representação' corresponde a uma verdadeira fissura epistemológica que questiona a relação entre o 'real' e 'como o real se torna presente entre nós'.⁷⁷ Em diferentes medidas, os historiadores de hoje ampliaram a sua atenção para a distância que existe entre o passado e a sua representação, entre o que ocorreu e o narrado.

O historiador francês Roger Chartier⁷⁸, que trabalha dentro da perspectiva da chamada Nova História Cultural, chama a atenção para o fato de que os historiadores perderam as suas ilusões quanto a ser a história uma reconstrução do passado. E isso leva necessariamente a uma nova reflexão sobre a natureza das relações que seus discursos mantêm com o real.⁷⁹ Assim, uma das conseqüências da crise que se alojou no âmago da produção histórica é um retorno renovado ao texto. Se o historiador tem pensado o passado enquanto uma representação do real e as práticas sociais a partir das representações que os

⁷⁶ Esta questão vai mais além para aqueles que vêem nesta crise a perda do real como referente. A polêmica entre os norte-americanos F. R. Ankersmit e Perez Zagorin publicada pela revista *History and Theory*, Wesleyan University, USA, números 28 e 29, de maio de 1989 e outubro de 1990 ilustra como este tema se situa no campo da história. Para Ankersmit, a crise da idéia de representação acabou por converter o texto histórico em verdadeiro e único objeto da historiografia. ANKERSMIT, F.R., Reply to professor ZAGORIN, *History and Theory*, Wesleyan University, USA, out. de 1990.

⁷⁷ Cf. SILVA, Tomaz Tadeu da. *O currículo como fetiche – a poética e a política do texto curricular*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 31-32.

⁷⁸ Professor Roger Chartier é especializado em história das práticas culturais e história da leitura. Suas reflexões teóricas têm contribuído para a renovação nas maneiras de ler e fazer a história. Entre suas obras destaca-se CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

⁷⁹ CHARTIER, Roger. "Uma crise da história? A história entre narração e conhecimento", in *Fronteiras do milênio*, organizado por Sandra Jatahy Pesavento, Porto Alegre: EDUFRGS, 2001. P. 139-140.

indivíduos fazem de si, também ele passou a perceber sua própria escrita enquanto uma representação.

Mas o que significa este retorno ao texto, este voltar-se para a escrita da história? O que estes historiadores propõem é compreender a racionalidade textual da história, refletir sobre a razão no âmbito do texto histórico, com a teoria da história assumindo uma função racionalizadora da pragmática textual.

Para Chartier, um dos caminhos possíveis, senão fundamentais para historiografia atual, é investigar justamente as formas de representação que uma determinada sociedade cria para dar sentido ao seu mundo. Afirmo o autor:

As estruturas do mundo social não são um dado objetivo, tal como o não são as categorias intelectuais e psicológicas: todas elas são historicamente produzidas pelas práticas articuladas (políticas, sociais, discursivas) que constroem as suas figuras.⁸⁰

A noção de Chartier sobre o social como um dado não objetivo para o estudo da história dos livros rompe com as concepções da História segundo as quais os textos e as obras possuem um sentido intrínseco, absoluto e único. Suas análises históricas dirigem-se às práticas que, plural e contraditoriamente, dão significado ao mundo.

Desde o século XIX, a filosofia hermenêutica tem tratado da questão da consciência histórica, e a reflexão de autores como Johann Gustav Droysen e

⁸⁰ CHARTIER, Roger. *A história cultural - entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990, p. 27.

Wilhelm Dilthey⁸¹ contribuíram para aproximar a reflexão filosófica da História. Mas foi só no século XX, com Hans-Georg Gadamer, que a compreensão hermenêutica, concebida através da linguagem, colocou a questão da linguagem para a História.⁸² Não é objetivo deste trabalho traçar a trajetória da relação entre hermenêutica e História, mas mostrar que, quando se reivindica uma maior atenção dos historiadores para os procedimentos textuais, a hermenêutica oferece contribuições importantes no que respeita ao desenvolvimento de instrumentos interpretativos do texto histórico.

Nos últimos anos, as discussões sobre a linguagem afetaram muitas outras disciplinas e, na História, levou ao que se convencionou chamar de “giro lingüístico”. Provavelmente a maior lição deixada por este debate é que o historiador deve estar atento à dimensão lingüística dos textos que examina e dos que ele próprio produz.

O filósofo francês Paul Ricoeur⁸³ se destaca atualmente neste debate e propõe uma hermenêutica crítica da consciência histórica. Para o filósofo⁸⁴, é necessário examinar os elementos úteis que existem na consciência crítica do texto, através da análise de discurso e das representações neles contidas,

⁸¹ No século XIX, frente ao predomínio da filosofia positivista originou-se na Alemanha uma tendência anti-positivista da ciência, de onde emergiu a hermenêutica, interessada em resgatar a compreensão do universo “interno” do homem. Entre as figuras mais destacadas deste movimento estão Johann Gustav Droysen e Wilhelm Dilthey.

⁸² Gadamer, Hans-Georg é autor de *Verdade e Método*. Petrópolis: Vozes, 1997.

⁸³ Filósofo hermeneuta francês, Paul Ricoeur possui muitas publicações sobre o tema da memória e a história, das quais se destaca *Tempo e Narrativa*, publicada no Brasil pela editora Papyrus, Campinas, em três tomos, de 1994 a 1997.

⁸⁴ Não cabe aqui discutir se esta é uma contribuição renovada dos estudos culturalistas desenvolvidos fundamentalmente por Roger Chartier, Michel de Certeau e Paul Ricoeur ou se este é apenas mais um dos velhos debates do campo historiográfico senão mostrar a relevância que a análise dos textos possui na atualidade da produção do conhecimento histórico.

propondo caminhos alternativos para a análise histórica sem fechar-se na discursividade, trabalhando com os elementos que levam do texto à ação.

Analisando o texto histórico, o historiador Carlo Ginzburg buscou as formas que a escrita da história assumiu a fim de criar um 'efeito de real', compatível com seus propósitos de ser uma representação objetiva do passado. Desde a Grécia Antiga, efeitos textuais fazem com que os fatos sejam percebidos, no discurso histórico, como sendo reais. Isto porque, se "no plano da forma nada distingue uma proposição falsa de uma verdadeira"⁸⁵, a idéia de verdade depende da elaboração de um discurso que seja percebido como verdadeiro.

Independente de como este efeito de real foi sendo criado - se através da força da 'enargeian', palavra grega que significa a impressão de vida, a experiência direta, o testemunho, ou da 'enargeia', que expressa a força do detalhe, como em uma pintura, onde toda a cena está cuidadosamente representada, ou, finalmente, através da força das aspas, da citação, que vincula as afirmações a uma prova, o que deve ser destacado é que o homem, em sua trajetória, criou diferentes maneiras de representar a si mesmo, de ver-se, de compreender-se, de construir imagens de si e a História é uma destas formas de representação. Do mesmo modo, pode-se citar a literatura e o universo do imagético, como a fotografia.

⁸⁵ GINZBURG, Carlo. Apontar e citar: a verdade da História. *Revista de História*. n.2/3, 1991.

Para o designer italiano Ezio Manzini⁸⁶, trata-se de uma 'realidade simulada'. Simultaneamente e através de um complexo jogo de assimilação, interação e criação, os homens passam a ver o seu mundo e a agir nele, criando realidade, como num circuito fechado realidade-representação-realidade...

Na mesma onda que agita o oceano da produção historiográfica, o "giro lingüístico" na História caracteriza-se pela preocupação com os aspectos ligados ao sujeito, a relevância dada aos estudos sobre o cotidiano e um aumento sem precedentes de estudos sobre a memória.

Pierre Nora⁸⁷ explica o fenômeno do império da memória afirmando que o fato de o passado não ser mais a garantia do futuro é a razão principal da promoção da memória, que se destaca como agente dinâmico e se apresenta como a única promessa da continuidade. Para estabelecer uma relação com o passado, no século XX, marcado por grandes mudanças em curto espaço e tempo e caracterizado, entre outras coisas, pelo fim da nossa crença sem limites na ciência, criou-se uma verdadeira cultura da memória. Diante de uma crise de valores e sentidos, buscam-se, através do culto ao passado, pontos de referências que permitem reforçar a identidade cultural.

No livro intitulado "Seduzidos pela Memória", Andréas Huyssen afirma que "um dos fenômenos culturais e políticos mais surpreendentes dos anos recentes é a emergência da memória como uma das preocupações culturais e políticas

⁸⁶ Professor de designer industrial da Politécnica de Milão, autor de *Design em aberto: uma Antologia*. Portugal: Porto, 1993.

⁸⁷ NORA, Pierre, *Les lieux de mémoire de la République*. Paris, Gallimard: 1984

centrais das sociedades ocidentais.”⁸⁸ Segundo o mesmo autor, durante o século XX, era o futuro que ocupava os espaços que hoje estão sendo ocupados pela preocupação com o passado.

O foco da análise de Huyssen é o papel das memórias traumáticas, como o Holocausto, no mundo atual, pós Muro de Berlim. Para exemplificar a presença da memória entre nós, afirma:

Desde a década de 1970, pode-se observar, na Europa e nos Estados Unidos, a restauração historicizante de velhos centros urbanos, cidades-museus e paisagens inteiras, empreendimentos patrimoniais e heranças nacionais, a onda da nova arquitetura de museus (que não mostra sinais de esgotamento), o *boom* das modas retrô e dos utensílios reprô, a comercialização em massa da nostalgia, a obsessiva automusealização através da câmera de vídeo, a literatura memorialística e confessional, o crescimento dos romances autobiográficos e históricos pós-modernos (com suas difíceis negociações entre fato e ficção), a difusão das práticas memorialísticas nas artes visuais, geralmente usando a fotografia como suporte e o aumento do número de documentários na televisão, incluindo, nos Estados Unidos um canal totalmente voltado para história: o *History Channel*. ... De fato não se pode ter certeza se o sucesso internacional do Titanic é uma metáfora de memórias de uma modernidade que deu errado ou se ele articula as próprias ansiedades da metrópole sobre o futuro deslocado para o passado.⁸⁹

Huyssen mostra a abundância de empreendimentos relacionados à preservação da memória na arquitetura, na literatura, na fotografia, no cinema. As razões deste fenômeno podem estar ligadas à busca de uma identidade perdida (ou questionada)

⁸⁸ HUYSSSEN, Andréas. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000, p. 9.

⁸⁹ HUYSSSEN, op. cit. p. 14-5.

frente às mudanças ocorridas no mesmo processo que atingiu as ciências sociais com a “crise da modernidade”.

Uma das conseqüências disso é que atualmente o termo memória tem sido utilizado para identificar praticamente tudo o que para nós representa o passado: documentos escritos, monumentos, testemunhos, comemorações, entre outros, colocando para o historiador o desafio de situar-se nesta demanda, dentro de um contexto bastante complexo de questionamentos de natureza epistemológica. Pois, “identificada, nessa última década, à função de memória, e não mais a de saber, a história corre o risco de ver seus postulados fundadores desvirtuados e até mesmo pervertidos.” Hobsbawm⁹⁰. O historiador britânico chama atenção para o fato de que a abundância de usos da memória pode levar a uma identificação da história enquanto memória, o que toca na definição do próprio estatuto da história.

Assim como a história, a memória também é uma forma de representação do passado. Tal como a história, ela é uma ação presente que revive o passado, a imagem presente de uma coisa ausente. Porém, afirmar que a memória, como a história, é uma forma de representação do passado, não significa que elas são indistintas. Entre os autores que analisam as relações entre a memória e a História pode-se citar, além dos clássicos “Matéria e Memória”⁹¹ de Henri Bergson e “Memória Coletiva”⁹² de Maurice Halbwachs, os estudos de Pierre Nora em

⁹⁰ HOBBSAWM, Eric. L'historien entre la quête d'université et la quête d'identité”. Diogène, Paris, out/dez. 1994.

⁹¹ BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

⁹² HALBWACHS, Maurice. *Memória coletiva*, São Paulo: Vértice, 1990.

“Lugares da Memória”⁹³, de Jacques Le Goff, *História e Memória*⁹⁴ e de Paul Ricoeur “A escrita da história e a representação do passado” e “A memória, a história e o esquecimento.”⁹⁵.

O tema desta pesquisa está relacionado, portanto, com o tema da representação em um duplo sentido: a memória, que é uma presentificação do passado que, neste caso, tem a sua concretude em um texto específico, a crônica “*Antigualhas ...*”, que, como outros escritos de cunho pessoal, ajuda a compor a história. E a História, aquela que busca ser um relato verdadeiro do passado que chega até nós através da memória. Esta análise deve dar conta do tipo de representação que a memória, compromisso com a fidelidade, elabora e, a partir dela, de como a história, compromisso com a verdade, é construída.

O objetivo deste estudo é situar as crônicas memórias de Coruja neste debate sobre as relações entre a história e a memória, explorando as potencialidades que se revelam para este texto, enquanto fonte para a história contemporânea. Para realizar este trabalho, as crônicas foram analisadas dentro de dois campos do conhecimento onde transitam os textos de memória, a História e a Literatura. A redescoberta da memória por parte dos historiadores, que se revela no estudo das representações, aproxima a História da Literatura onde, por sua vez, estes textos ocupam um espaço singular.

⁹³ NORA, Pierre. *Les lieux de mémoire de la République*, Paris, Gallimard, 1984.

⁹⁴ LE GOFF, Jaques. *História e memória*, Campinas: Editora UNICAMP, 2003.

⁹⁵ RICOEUR, Paul. “L’écriture de l’histoire et la représentation du passé” in *Annales – Histoire, sciences sociales* 55^e Année - N° 4 Juillet-Août 2000 e *La mémoire, l’histoire, l’oubli*, Seuil, Paris, 2000.

2.2. A memória na História e na Literatura: exclusões e fronteiras

2.2.1. A exclusão na História

Ao percorrermos a história de como se produziu o conhecimento histórico, suas concepções, suas características em cada época, seus propósitos ou ambições, vemos que a memória foi tomada de diferentes formas, considerada de diferentes ângulos, ocupou lugares distintos, assim como desempenhou vários papéis. A memória e a História andam juntas e cada concepção de História corresponde a uma definição de memória. Nas palavras da filósofa argentina Maria Inés Mudrovic:

A partir do nascimento de Clio, fruto de uma noite de amor entre Mnemosyne e Zeus, a relação entre memória e história sofre os avatares normais de qualquer relação de crescimento entre mãe e filha: a identificação idílica da infância, a ruptura rebelde da adolescência e a convivência crítica da maturidade.⁹⁶

Desde a antigüidade, quando a forma de se produzir a História tinha como fundamento a confiança no testemunho oral, a memória esteve presente no terreno da História. Na Grécia Antiga, a memória foi considerada de dois lugares diferentes, fora e dentro do tempo. No primeiro caso, fora do tempo, é o que diz

⁹⁶ Maria Inés Mudrovic, "Algunas consideraciones epistemológicas para una historia del presente" *Revista Nova Hispania*, Revista de Historia Contemporánea, Universidad Nacional del Comahue, Argentina, n. 1 (1998-2000)) <http://hispanianova.rediris.es/anteriores/anteriores-1.htm>.

respeito à memória dos deuses, associada à imortalidade, já que lembrar é um modo de permanecer. Por isso a arte e a história, ao registrarem os deuses e os seus feitos, lhes concedia a imortalidade. A reminiscência também pode ser vista como uma prática mística, como no caso dos pitagóricos ou mesmo uma prática intelectual, como em Platão, quando, ainda nestes casos, permanece atemporal.

Foi Aristóteles quem articulou a memória com a noção de tempo cronológico ao separar a *mneme* (faculdade de conservar o passado) da *amnese* (evocação voluntária do passado). Mas o caráter mágico e mítico da memória se desvaneceu realmente só a partir da imprensa, até os nossos dias. Através de objetos mnemônicos, relativos à imprensa, o saber do passado foi sendo armazenado em larga escala, afirmando-se assim a linearidade da cronologia em um processo evolutivo que foi detalhado por Le Goff no trabalho intitulado "Memória".⁹⁷

Tomando o estudo de Jeanne Marie Gagnebin⁹⁸ intitulado "*O início da história e as lágrimas de Tucídides*", como uma análise comparativa entre as concepções dos historiadores gregos Heródoto e Tucídides sobre o tipo de discurso que mais tarde seria conhecido como 'história', podemos perceber que o debate sobre a memória se centrava na questão da autenticidade ou da falsidade dos fatos. Heródoto, o 'pai da História', e Tucídides, o 'primeiro historiador crítico', tomam o tema da memória ou para ratificar a autenticidade dos fatos narrados, no

⁹⁷ LE GOFF, Jaques. "Memória", in: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984.

⁹⁸ GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*, Rio de Janeiro:

caso de Heródoto, ou para mostrar os riscos de se desviar do que ocorreu, no caso de Tucídides.

Heródoto busca, na lembrança dos testemunhos dos fatos, a possibilidade de salvaguardar o passado, enquanto Tucídides afasta a deusa Mnemosyne para o universo mítico, preocupando-se menos com a memória e o esquecimento e mais com a “reconstituição crítica dos acontecimentos, cujos critérios racionais são a verossimilhança da situação e a pertinência das palavras pronunciadas.”⁹⁹

A memória está, neste caso, a serviço da discussão a respeito da natureza do discurso histórico, quer como aquele que se ocupa de narrar os fatos do passado, quer como aquele que se empenha em fazer rigorosas reflexões sobre eles. Este debate não chegou a abalar, no mundo ocidental, a “convivência idílica” entre história e memória até o período em que a História buscou constituir-se como um campo específico de conhecimento, definido, autônomo, o que ocorreu a partir do desenvolvimento da física social criada por Auguste Comte, quando a busca de definições para uma história científica levou a uma clara distinção entre memória e História.

Os estudos sobre a memória durante este período se desenvolveram nas dimensões que destacam os mecanismos psíquicos na constituição da memória individual, as relações que a memória de um indivíduo possui com sua identidade presente, sua personalidade, suas ações e como ocorre esta relação. A ênfase no aspecto individual da memória, que pode ser percebida nos avanços dos estudos

Imago, 1997.

da memória no campo da psicanálise, constituiu-se em um obstáculo para a sua análise no campo da História, se considerarmos que uma história científica dependia de se apagar, ao máximo, a presença do sujeito. O que se solidificou neste período, portanto, entre História e memória, foi a “ruptura rebelde da adolescência” e a confirmação dos temores de Tucídides a respeito da memória, justamente porque esta concepção está baseada na subjetividade, nos perigos das lembranças dos indivíduos, nas falhas da memória, nas preferências individuais, na relatividade da memória, na sua fragilidade, no seu caráter seletivo.

Para o historiador positivista, o objetivo da história era comprovar a veracidade dos fatos ocorridos, comprovar, portanto, se aquele produto da memória era verdadeiro ou não, para então legitimá-lo como documento da história. A memória, vista como documento, estava parcialmente fora do campo de conhecimento que operava com o dado como um registro ‘puro’, que ignorava a intencionalidade do sujeito ou a subjetividade do objeto. A tarefa do historiador era comprovar a autenticidade da fonte através da autoridade do testemunho e, acima disso, da importância do testemunhado. Para ele não se colocava o problema da subjetividade. O foco de atenção desta forma de se fazer história estava na eleição das fontes tendo como critério o prestígio a quem ela se referia, homens públicos, notáveis, políticos, militares de alta patente, governantes. Na concepção tradicional da historiografia, a memória estava condicionada à história das elites, que excluía, portanto, a memória relacionada às demais classes sociais.

⁹⁹ GAGNEBIN, op. cit. p. 27-28.

As críticas à história factual positivista, realizadas principalmente pelos historiadores da Escola dos Anais e pelos historiadores de origem marxista, aumentaram a distância entre História e memória, promovendo uma verdadeira ruptura epistemológica entre elas.

Com o desenvolvimento das ciências sociais, os estudos sobre a memória coletiva sofreram grandes avanços e a obra *Memória coletiva* de Maurice Halbwachs¹⁰⁰ exemplifica uma nova forma de se abordar o tema da memória. Este trabalho, que se concentrou na análise da memória coletiva e dos quadros sociais da memória, destacou que a memória é parte de um processo social no qual os aspectos da psique se encontram interligados a determinantes sociais. Assim Halbwachs colocou a questão:

(...) a memória individual não é possível sem instrumentos, como palavras e idéias, os quais não são inventados pelos indivíduos, mas tomados emprestados de seu meio.¹⁰¹

Halbwachs mostra que aparentemente nossas lembranças são íntimas e exclusivas, mas, na essência, elas são resultantes da nossa convivência com os outros. Ainda mais, tudo o que nós lembramos é parte das construções coletivas do presente, o nosso passado chega até nós através das representações coletivas que estão no presente. Na concepção de Halbwachs, a memória é social e é interativa.

¹⁰⁰ O livro *Memória coletiva*, São Paulo, Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990, do sociólogo Maurice Halbwachs, pode ser considerado o primeiro trabalho relevante sobre o quadro social da memória.

¹⁰¹ Halbwachs, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais,

Ao criar uma sociologia da memória em um período em que a história buscava constituir-se enquanto ciência, o autor acabou por delimitar o campo da memória em relação ao da História, destacando a oposição entre elas. Afirma o autor que “a história só começa no ponto em que acaba a tradição, momento em que se apaga ou se decompõe a memória social.”¹⁰²

Esta idéia foi fundamental para que a História, através da compreensão do significado da memória coletiva, tomasse o tema da memória sob outros pontos de vista. Acompanhando as preocupações de Halbwachs, Pierre Nora trabalhou com a a noção de memória coletiva para mostrar que existem os lugares da memória coletiva: “lugares topográficos, como os arquivos, as bibliotecas; lugares monumentais como os cemitérios ou as arquiteturas; lugares simbólicos como as comemorações, as peregrinações ou aniversários ou os emblemas; lugares funcionais como os manuais; as autobiografias ou as associações: estes memoriais têm a sua história.”

Assim também existem os lugares da história, desenvolve Nora, onde encontramos os criadores da memória coletiva: “Estados, meios sociais e políticos, comunidades de experiências históricas...”¹⁰³

Desde Halbwachs, apesar de sua ênfase na oposição entre memória e História, a memória coletiva passou a fazer parte das grandes questões da História. É hoje considerada um elemento essencial das sociedades que buscam a

1990. p.54.

¹⁰² Cf Maria Inês Mudrovic, “Algunas consideraciones epistemológicas para una historia del presente” in *Hispania nova: Revista de Historia Contemporánea*, Universidad Nacional del Comahue (Argentina). n. 1 (1998-2000).

sua identidade através do controle das lembranças e dos esquecimentos. Assim entendida, a memória também é, pois, instrumento e objeto de poder. Atualmente há uma aproximação da História em relação à memória, motivada por mudanças conjunturais, associadas às memórias traumáticas como o holocausto e as ditaduras, e mudanças por epistemológicas, como o já citado 'giro lingüístico' e o reconhecimento da presença do sujeito na constituição da história, provocando um novo repensar sobre as relações entre elas.

2. 2. 2. As “Antigualhas...” na convivência crítica da maturidade

Para compreender o lugar que as crônicas memorialísticas de Coruja ocupam na historiografia contemporânea, considerando o cenário apresentado, a filosofia hermenêutica de Paul Ricoeur oferece contribuições importantes. Autor de várias obras sobre o tema da análise histórica, Ricoeur também percebe a memória como uma construção necessariamente coletiva e trabalha com a constituição simultânea da memória privada e da memória pública, que se cruzam mutuamente.

Diferentemente de Halbwachs e Nora, o filósofo não percebe uma oposição entre memória e história, que possuem pontos comuns, como sua relação com o tempo e sua transmissão na forma da narrativa. No plano da

¹⁰³ In LE GOFF, Jacques. *História e memória*, Campinas: Editora UNICAMP, 2003, p 467.

hermenêutica, portanto, a memória e a história revelam suas semelhanças, como a de possuírem indistintamente a “ambição da verdade”.

Ao analisar a representação do passado na história, ou seja, “se, como e até que ponto a história pode se tornar o que se espera dela, ser um relato verdadeiro e não uma ficção”¹⁰⁴, Ricoeur afirma que este problema não começa com a história, mas com a memória. Para ele a questão da representação mnemônica é anterior à representação do passado na história. Ao trabalhar com a continuidade entre a memória e a história, a primeira recupera a sua função matriz da história na mitologia grega, onde a história é filha da memória, por ser a única guardiã daquilo que efetivamente ocorreu. Neste caso, não faz sentido a oposição entre uma história científica, baseada na objetividade absoluta, e uma memória que só oferece fontes duvidosas.

A memória é uma capacidade humana essencial e seu funcionamento implica um complexo jogo que Ricoeur sistematizou em três pontos básicos: a questão da identidade, a relação entre memória individual e coletiva e a relação entre memória e imaginação.

Sobre a questão da identidade, afirma o geógrafo David Lowenthal que “saber o que éramos confirma o que somos”¹⁰⁵, mostrando que é a memória do passado que nos dá a identidade presente.

¹⁰⁴ RICOEUR, Paul.. “L’écriture de l’histoire et la représentation du passé” in *Annales – Histoire, sciences sociales* 55^e Année - N° 4 Juillet-Août 2000 p. 731.

¹⁰⁵ LOWENTHAL, David. *El pasado es un país extraño*. Madrid: Ediciones Akal, 1998, p. 288.

A memória de Coruja, inscrita nas crônicas, é uma forma de sua identidade pessoal que, por sua vez, compõe a identidade dos habitantes da cidade que se reconheciam na leitura das “Antigualhas...”, ou seja, mantinham com ela uma relação de pertencimento. Nesse sentido, é impossível colocar a vida pessoal de Coruja totalmente fora do alcance da história. A atividade do memorialista é uma ação do indivíduo, mas que não se constitui uma memória privada, pois as coisas lembradas pertencem a uma coletividade. A memória privada coabita com a memória pública.¹⁰⁶

No caso da “Antigualhas...”, Coruja freqüentemente anuncia a intenção de partilhar as suas recordações com o leitor, conforme se pode ver nas passagens abaixo:

E para prova de quanto eram usadas as alcunhas, vou inventar um romance feito à pressa, que para muitos será enigma, mas que para outros fará despertar recordações adormecidas.¹⁰⁷

Ou ainda:

Já que se trata de antigualhas, é preciso não esquecer certos tipos daquela atualidade, e de que muita gente ainda se lembrará.¹⁰⁸

Assim como a escrita de suas memórias pôde significar uma busca do passado, da identidade do escritor, ao leitor ela também proporcionava uma “confirmação do que somos”, fundamental no momento de grandes mudanças que

¹⁰⁶ Cf CATROGA, Fernando. “Memória e história”, in *Fronteiras do milênio.*, organizado por Sandra Pesavento, Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001, p.44-5.

¹⁰⁷ CORUJA, op. cit. p. 32.

¹⁰⁸ *Ibidem* p. 40.

aconteciam na cidade de Porto Alegre características do período em que foram publicadas.

Ricoeur mostra, ainda, que a memória carrega um paradoxo: ela é uma ação presente que revive o passado, ela é a imagem presente de uma coisa ausente, inscrição atual que é signo de um outro, o passado. Este paradoxo de temporalidades é importante para se analisar a situação do narrador dos textos de memória.

A historiadora Sandra Pesavento¹⁰⁹ realizou uma análise da questão da memória na “Antigualhas...” de Coruja e ela assim coloca a tarefa do memorialista:

Tem razão ainda Benjamin quando associa o trabalho da memória com aquele de Penélope com seu bordado, que contém mais daquele que tece e de sua experiência de lembrar do que propriamente do tema da recordação.¹¹⁰

Seletiva, lacunar, fragmentada, a memória exige do memorialista um esforço que não é só de lembrar, mas de dar sentido, organizar o lembrado.

O escritor argentino Jorge Luis Borges apresenta de uma outra forma a importância da ação do sujeito na memória. Ele criou um curioso personagem

¹⁰⁹ A historiadora Sandra Jatahy Pesavento possui uma vasta obra sobre os temas desenvolvidos nesta tese, onde pode-se destacar PESAVENTO, S. J., LEENHARDT, Jacques, *Imaginário da cidade: representações do urbano* (Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre). Porto Alegre : Ed. da Universidade, 1999. PESAVENTO, S. J. PESAVENTO, S. J., LEENHARDT, Jacques, CHIAPPINI, L., AGUIAR, F. *Érico Veríssimo: o romance da história*. São Paulo : Nova Alexandria, 2001. *História e História Cultural*. Belo Horizonte : Autêntica, 2003 e *Memória Porto Alegre: espaços e vivências*. Porto Alegre : Ed. da Universidade-UFRGS/Secretaria Municipal de Cultura, 1991. Esta idéia encontra-se em PESAVENTO, Sandra Jatahy. “As leituras de memória: a cidade imaginária de um cronista do sul brasileiro: (Antônio Álvares Pereira Coruja e a Porto Alegre no início do século XIX).”

¹¹⁰ Ver em *Fronteiras do milênio.*, organizado por Sandra Pesavento, Porto Alegre: Editora da

denominado de *Funes, o memorioso*, que, após uma queda, passou a ter a capacidade de guardar na memória tudo o que via. A memória de Funes registrava tudo, sem exceção:

Num rápido olhar, nós percebemos três taças em uma mesa; Funes, todos os brotos e cachos e frutas que se encontravam em uma parreira. Sabia as formas das nuvens austrais do amanhecer de trinta de abril de 1882 e podia compará-los na lembrança às dobras de um livro em pasta espanhola que só havia olhado uma vez e às linhas da espuma que um remo levantou no Rio Negro na véspera da ação de Quebrado. (...) Disse-me: Mais lembranças tenho eu do que todos os homens tiveram desde que o mundo é mundo. (...) Havia aprendido sem esforço o inglês, o francês, o português, o latim. Suspeito, contudo, que não era muito capaz de pensar. Pensar é esquecer diferenças, é generalizar, abstrair. No mundo abarrotado de Funes não havia senão detalhes, quase imediatos.¹¹¹

O narrador, ao suspeitar que Funes não pensava, faz referência a uma característica da memória que é fundamental: incluir as escolhas, inconscientes ou não, ser seletiva, ser acompanhada pelo esquecimento. Funes não selecionava os fatos da mesma forma que não conhecia o esquecimento. Neste esforço de seleção ou no esquecimento involuntário, que é um exercício da alteridade, o narrador e o presente revelam-se no texto de memória que fala do outro, o passado.

É neste aspecto que as crônicas memórias de Coruja revelam algo mais sobre a cidade que descreve, o que em Funes não se percebe. Ao lembrar de

UFRGS, p. 2.

¹¹¹ Funes o Memorioso in *Ficções*, Jorge Luis Borges, Rio de Janeiro: editora Globo, 1989.

tudo o que vê, Funes, o memorioso, perde a dimensão de sua subjetividade, daquilo que estabelece a sua própria identidade, perdida em uma memória mecânica e desumanizada.

Mas aqui outra questão aparece como fundamental. Em geral, os debates sobre a memória coletiva, que estão presentes nas análises das políticas de conservação a apagamento das memórias sociais dão pouca importância ao tema da memória involuntária, onde se revela o elemento mais subjetivo da questão.

No caso do estudo e análise de textos memorialísticos, como as crônicas de Coruja, não se pode desprezar o impulso involuntário da memória, mesmo quando se trata de uma obra produzida com o objetivo explícito de salvaguardar um passado recente que estava ameaçado de perda.

Em 1896, Henri Bergson publicou "Matéria e memória"¹¹², onde desenvolve a idéia de que existe uma memória que não é analisável em termos de coisas, mas sim em termos de progresso que realça as relações entre a memória e o espírito ou a memória e a alma. Esta teoria exerceu grande influência na literatura que se expressa na memória romanesca de "Em busca do tempo perdido"¹¹³ de Marcel Proust.¹¹⁴

Para Bergson e Proust, é a memória involuntária a mais legítima e mais verdadeira forma de memória, pois a memória voluntária deixa escapar toda a dimensão afetiva e descontínua da vida e das ações dos homens. É na memória

¹¹² BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

¹¹³ PROUST, Marcel. *À la Recherche du Temps Perdu*. Paris, Gallimard, 1919-1927.

¹¹⁴ Cf. LE GOFF, Jacques. *História e memória*, Campinas: Editora UNICAMP, 2003, p. 471.

involuntária que se expressa a pluralidade dos tempos, avessa à duração linear e ao progresso. O debate entre Bergson e Proust diz respeito à questão específica da subjetividade na história, pois, ao destacar a diferença entre memória voluntária e involuntária, indica as problemáticas de uma história que analisa as políticas de rememoração, relacionadas à memória voluntária, e negligencia o desafio de se constituir um corpo analítico para as memórias involuntárias:

Parece existir uma eleição, senão uma “afinidade eletiva”, no campo historiográfico, no que concerne ao trânsito memória e história: a historiografia elegeu a memória voluntária, desqualificando a memória involuntária tida como constitutiva de um terreno de irracionalismo(s) e, por essa razão, avessa à história.¹¹⁵

Ao debatermos, portanto, as políticas de preservação e esquecimento das memórias coletivas, presenciamos assim um avanço parcial no campo das relações entre história e memória. Uma análise mais profunda sobre esta relação passa necessariamente pela questão da subjetividade, o que coloca uma interrogação, assim formulada por Ricoeur: “Se a recordação é uma imagem, como não a confundir com a fantasia, com a ficção, com a alucinação?”¹¹⁶

A presença do sujeito no texto de memória, que se revela na escolha dos fatos registrados e na organização da escrita através da narrativa que aproxima a memória da ficção, a afasta de uma história que se pretende objetiva.

¹¹⁵ SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (org) .*Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001, p. 48.

¹¹⁶ RICOEUR, Paul, op. cit. p. 733.

Pedro Nava, ao escrever suas memórias, reflete sobre esta atividade e, em “Baú de ossos”, assim ilustra a proximidade entre a memória e a ficção: afirma ele que o memorialista trabalha como um arqueólogo “que da curva de um pedaço de jarro conclui de sua forma restante, de sua altura, de suas asas, que ele vai reconstruir em gesso para nele encastrar o pedaço de louça que o completa e nele se completa.” Como num “fascinante jogo da adivinhação dos traços”. Neste momento de sua obra, Nava, que chamou a escrita memorialística de forma anfíbia entre a ficção e a história, conclui que o espaço em que se move o memorialista anfíbio não é mais entre a história e a ficção, mas o da própria ficção.¹¹⁷

Como a narrativa elaborada pelo memorialista, também a narrativa histórica possui um caráter ficcional. Isso não significa que os fatos nela referidos não tenham efetivamente acontecido, mas que sua descrição leva em conta diferentes formas da imaginação.

À medida que a História contemporânea busca recolocar suas bases epistemológicas, com maior ênfase no sujeito e com maior atenção nos aspectos narrativos de seu discurso, a memória passa a ocupar um lugar mais próximo da História. Para Ricoeur, só assim o historiador poderá encontrar uma “política justa da memória”, o que significa adequar relatos de memória individuais à veracidade histórica, articular a memória dos testemunhos com a história dos historiadores.¹¹⁸

¹¹⁷ CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. A forma anfíbia: memorialismo em Pedro Nava. *Anais do 2º Congresso ABRALIC*, Belo Horizonte, 1991, p.440.

¹¹⁸ SILVA, Helenice. “Rememoração/comemorações: as utilizações sociais da memória.” in *Revista Brasileira de História*, São Paulo, 2002, vol 22, n. 44.

Pode-se concluir que uma real “convivência crítica do amadurecimento” entre a História e a memória, necessita refletir sobre a relação entre subjetividade e veracidade. A memória foi expurgada do campo da História por seu caráter subjetivo. Analisar o lugar da memória na Literatura, pode contribuir para aprofundar a questão.

2.2.3. A exclusão na Literatura

A expressão *crônica memorialística* resulta da interpenetração de dois gêneros da literatura considerados tradicionalmente como gêneros menores: a crônica e a memória. A definição dos gêneros “menores” se baseia no fato de que elas - crônica e memória - não correspondem aos critérios que foram escolhidos, no decorrer da história da literatura, para delimitar o que pode e o que não pode ser considerado como um texto literário, por excelência.

Por serem relegados a um segundo plano, pouca é a reflexão que dentro da Literatura, e o mesmo ocorre com a História, foi destinada a estes escritos. No caso da Literatura, as referências aos gêneros menores reduzem-se aos estudos que tratam especificamente da questão dos gêneros na Literatura, quando são discutidas as suas questões fundadoras, tais como a definição de Literatura e a delimitação do seu campo de atuação, o campo literário.

Como a historiografia tradicional procurou afastar-se da memória, também a literatura, através do desenvolvimento da teoria dos gêneros, situou os textos de

memória num espaço de fronteira, afastado dos gêneros propriamente literários. O desenvolvimento da teoria dos gêneros literários mostra como ocorreu este procedimento de exclusão, quando, em busca do rigor das definições de um campo tão vasto, situou os textos de memória em uma posição secundária.

Para realizar a análise, foram utilizados alguns clássicos da História da Literatura, tais como Vitor Manuel de Aguiar e Silva em "Teoria da Literatura" (1983), René Wellek e Austin Warren em "Teoria da Literatura" (1976) e os estudos do português Carlos Reis em "O conhecimento da literatura" (1997)¹¹⁹.

Não se pode tratar da história da literatura sem fazer referência aos estudos sobre os gêneros literários, que procuraram, em última instância, definir o que é e o que não é Literatura. A teoria dos gêneros é um princípio ordenador que classifica a Literatura e a História da Literatura.

Platão foi o primeiro a formular uma teoria para os gêneros, mas foi Aristóteles que aprofundou o tema, enquanto Horácio deu contornos didáticos à questão. As análises empreendidas por estes filósofos antigos influenciaram os debates ocorridos no campo da cultura literária, durante os séculos XVI, XVII e XVIII.

Uma concepção que foi central da Teoria Clássica, que perdurou até o século XVIII, é chamada de "unidade do tom". Horácio desenvolveu a idéia de que os gêneros literários eram entidades perfeitamente diferenciadas entre si,

¹¹⁹ Vitor Manuel de Aguiar e Silva, *Teoria da Literatura*, Coimbra, editora Livraria Almedina, 1983; René Wellek e Austin Warren, *Teoria da Literatura*, Portugal, editora Europa-América, 1976 e Carlos Reis, *O conhecimento da literatura* também Coimbra, editora Almedina, 1997.

configuradas por distintos caracteres temáticos e formais, atribuindo ao poeta a obrigação de mantê-los cuidadosamente separados, de modo a evitar qualquer hibridismo entre o gênero cômico e o trágico. Cada gênero foi assim concebido como possuindo uma essência própria e imutável, cada um com seus assuntos, com seus estilos e com seus objetivos.

A Teoria Clássica, que baseou a estética da renascença e do classicismo francês, a partir desta concepção da “unidade do tom”, desenvolveu uma visão hierarquizada da produção literária. Os gêneros foram então separados em maiores e menores, segundo critérios como a nobreza de sentimentos que uma obra pode ou não suscitar. Nessa classificação, os gêneros maiores são a tragédia e a epopéia e os menores, a fábula e a farsa. Aqueles que provocam sentimentos de ordem mais elevada, tais como a dor do homem ante o seu destino, integram os gêneros maiores da literatura. Já a fábula e a farsa, que traduzem preocupações de ordem menos elevada, são classificadas, segundo esta concepção, de gêneros menores.

A concepção horaciana dos gêneros sofreu alguns questionamentos no período em que perdurou a Teoria Clássica, mas ela sofreu o seu maior abalo durante o século XVIII, quando foi desafiada pelo espírito modernista e antitradicional. Os argumentos mais incisivos do ataque à Teoria Clássica combatem a regra da unidade do tom e a pureza dos gêneros literários, ao destacarem a historicidade e a variabilidade dos gêneros e das regras. Está aí

imane a idéia de que os valores literários não são sempre os mesmos para cada época.

No século XVIII, surgiram novas formas literárias, como o romance, o drama burguês e a autobiografia, o que abriu caminho para o fortalecimento das críticas à regra da unidade do tom, pois isso confirmava a historicidade dos gêneros. Desde este período até os nossos dias, o debate seguiu ora com a defesa da substancialidade e normatividade dos gêneros, como na cultura positivista, ora com o destaque para as filosofias da intuição e o renascimento do idealismo, com Croce e Bergson, questionando a estrutura estática e imutável dos gêneros.

Através do estabelecimento dos critérios que criaram as hierarquias dos gêneros dentro da Literatura, operou-se uma ação de inclusão ou exclusão de alguns modelos da escrita literária. Ao definir alguns modelos como mais legítimos que outros, textos como as crônicas e as memórias ocuparam uma posição inferior na hierarquia dos gêneros da literatura.

Ao analisar a "Antigualhas...", conforme os critérios adotados pela teoria clássica, ela é classificada dentro dos "gêneros menores", ou seja, entre aqueles textos que não se destinam a levantar questões universais sobre o homem e tratam de pessoas comuns. Os gêneros também foram divididos segundo uma divisão social. Os "grandes gêneros" falavam dos heróis, dos ricos, das pessoas influentes, e os pequenos, dos burgueses e dos pobres.

Wellek e Warren mostram que a questão dos gêneros foi muito importante para os séculos XVII e XVIII, mas que nem por isso ela desapareceu no século XIX. Houve uma mudança de enfoque, pois surgiram muitos novos gêneros com o alastramento do público leitor e a facilidade de impressão, quando ocorreu um aumento decisivo na velocidade de surgimento e desaparecimento dos gêneros. Pode-se dizer que a história de cada gênero ficou mais curta e esta dinâmica provocou novas formas de se abordar a questão. A teoria moderna dos gêneros, segundo Wellek e Warren, baseia-se em outros princípios, pois admite as misturas dos gêneros e a produção de novas espécies. Os autores consideram que o melhor é começarmos por um livro ou autor específico, pois os livros são influenciados por outros livros e a partir deles, procurar noutros os seus reflexos¹²⁰.

Dentro da Literatura, o memorialismo tem sido pouco estudado. Eliane Zagury considera que isto pode ser resultado dos purismos esteticistas que se busca no estudo dos gêneros da Literatura que acabam por excluir o gênero menor “pouco denso esteticamente, não analisável sem a compreensão da dolorosa trama das relações do texto com o referente”¹²¹

Não se pode pensar os gêneros literários como entidades fixas e impositivas. Este século, afirma Reis, nos tem revelado a crise dos gêneros e uma certa tendência para a sua relativização. Importa destacar que, estando os gêneros em diálogo constante com o contexto histórico, eles são mutáveis,

¹²⁰ WELLEK E WARREN, op. cit. p. 294

transitórios e instáveis. A dinâmica na formação dos gêneros leva a que a definição de um campo puramente literário com fronteiras rigidamente delimitadas deve ser revista.

O cruzamento entre os gêneros e mesmo o cruzamento de textos de diferentes estatutos, como é o caso dos textos de história e os de ficção, cria um espaço de fronteira ocupado por obras cuja mescla de características dificulta sua análise, o que explica inclusive porque são poucos os estudos sobre eles e as reflexões teóricas sobre o tema.

O debate acerca da questão dos gêneros dentro da Literatura contemporânea traz importantes contribuições no sentido de se repensar e recolocar a questão dos gêneros de fronteira. A propósito disto, afirma o ensaísta Theo D'Haen que, com "o advento do pós-modernismo, notamos que aqueles (sub) gêneros que até agora ocupavam posições periféricas estão a mudar para o centro do sistema."¹²² O debate contemporâneo acerca dos gêneros na literatura relaciona-se com a diluição da relação entre fato e ficção, que já caracterizava, em tempos anteriores, as preocupações dos relatos de viajantes românticos. Atualmente a notícia de jornal, o relatório policial, a telenovela, a publicidade, entre outros "instituem registros ontológico-literários oscilantes e difusos entre o fato e a ficção".¹²³

¹²¹ ZAGURY, Eliane in DEMAMAN, Noili. *Por onde andou meu coração e a escritura memorialística feminina*. Dissertação de Mestrado, Literatura Brasileira, UFRGS, 1995, p. 25. O livro de ZAGURY é *A escrita do eu*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

¹²² REIS, op. cit. p. 289.

¹²³ Idem, p. 294.

Os debates dentro do campo historiográfico sobre a relação entre a história e a ficção, longe de tratarem de uma questão específica da História, estão relacionados a um debate maior que se pode observar na discussão sobre os gêneros na Literatura e que tem sua base na discussão sobre as formas de escrita em geral, e as que se definem por tratar do real, em particular.

Este trabalho, ao estudar as crônicas memorialísticas, valoriza os gêneros de fronteira e explora as contribuições destes textos para dar luz ao passado, percebendo-os como fontes que se destacam por oferecer algo além dos dados sobre o que passou.

2.3. Antigualhas: uma história para o sótão e para o porão

As análises das transformações que ocorreram no interior da História a partir dos anos 70, a partir da "crise da modernidade", mostram que elas levaram ao desenvolvimento de distintas propostas de pesquisa, tais como a *história das mentalidades* na França, a *antropologia histórica* nos Estados Unidos e a *micro-história* na Itália, entre outras. Todas elas são respostas que os historiadores têm desenvolvido para dar conta dos problemas que a produção do conhecimento histórico moderno apresenta, quando analisado sob o ponto de vista da "crise da razão".

Le Roy Ladurie empregou a expressão “do porão ao sótão”¹²⁴ para caracterizar o foco de atenção para o qual os historiadores contemporâneos têm se voltado. Com esta expressão, Ladurie está fazendo referência a que os historiadores passaram a buscar na superestrutura cultural a base para as suas pesquisas e reflexões, interrompendo uma trajetória marcada pelos estudos cuja espinha dorsal se situava na base econômica, nos anos anteriores aos anos 70. Este deslocamento para o campo da cultura, das mentalidades, do imaginário, do simbólico, que deu origem, por exemplo, à influente Nova História Cultural Francesa, paradoxalmente ocorre dentro do mesmo processo que levou a historiografia atual para o que o historiador britânico E. Thompson¹²⁵ denominou de uma “história vista de baixo”. No entanto, o paradoxo entre uma história que se deslocou para o sótão e uma história que parte do porão é só aparente.

Os historiadores preocupados em investir suas pesquisas em uma história cultural – da perspectiva do sótão - passaram a acentuar a sua atenção aos sinais que se revelam no cotidiano, no minúsculo, no microscópico, nos indícios – no porão. É significativo que um dos temas mais freqüentes que esta tendência produziu foram os estudos da cultura popular de sociedades do passado. Eles trabalham com o pressuposto de que a história das *peças comuns*¹²⁶ e em atitudes comuns pode ser utilizada para se revelar o mundo mental e material de gerações passadas.

¹²⁴ Peter Burke em *A Escola dos Annales (1929-1989)*, na página 81, diz que, segundo Michel Vovelle, a frase “do porão ao sótão” foi criada por Emmanuel Le Roy Ladurie.

¹²⁵ THOMPSON, E. P. Historiador britânico, produziu, entre outras obras *A formação da classe operária inglesa*. 3 volumes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

¹²⁶ Na expressão de Hobsbawm citado por Jim Sharpe in BURKE, Peter, *A escrita da História*, p. 45.

Neste contexto de valorização do micro e de reação a certas formas da história social, surgiram trabalhos que resultaram de práticas historiográficas distintas, de caráter experimental, realizadas por um grupo heterogêneo de historiadores como Carlo Ginzburg e Giovanni Levi¹²⁷, que apontam para um tema importante nesta análise.

Como não existe uma sistematização teórica destas práticas, torna-se bastante difícil elaborar um corpo teórico para ela. Giovanni Levi, um dos representantes mais expressivos desta chamada *micro-história italiana*¹²⁸, ao analisar os elementos comuns que existem entre estes micro-historiadores, destaca que a “micro-história tenta não sacrificar o conhecimento dos elementos individuais a uma generalização mais ampla e, de fato, acentua as vidas e os acontecimentos individuais. Mas, ao mesmo tempo, tenta não rejeitar todas as formas de abstração, pois fatos insignificantes e casos individuais podem servir para revelar um fenômeno mais geral.”¹²⁹ Esta forma de se produzir a história deu um novo significado ao que até então era conhecido por micro-história.

Também são poucas as reflexões teóricas a respeito da *micro-história tradicional* e não se pretende aqui esgotar um tema tão rico e complexo, mas se considera importante trazê-lo para este trabalho, ainda que na forma de algumas aproximações.

¹²⁷ Dentre outras obras publicaram, GINZBURG, Carlo, *O Queijo e os Vermes. O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998 e LEVI, Giovanni. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

¹²⁸ Junto aos representantes da micro-história italiana podem ser citados outros, como Robert Darnton, Natalie Zemon Davis, que também trabalham a partir de perspectivas do micro.

¹²⁹ BURKE, op. cit. 158.

Com base em algumas análises realizadas sobre o tema, pode-se constatar que, até este momento de proliferação de novas tendências historiográficas, o conceito de micro-história esteve relacionado ao conceito de história local. Iván Molina Jiménez¹³⁰, por exemplo, define a micro-história como uma forma da história local, que se desenvolveu a partir das monografias históricas que estiveram em moda no século XIX. Estas monografias realizavam a “análise de casos individuais, muito circunscritos geograficamente”, descritivas e sem relação entre si, que deveriam, no futuro, levar a uma grande síntese do conhecimento acumulado, a qual, a rigor, nunca se realizou.

Já para Luis Gonzáles y Gonzáles¹³¹, micro-história e história local são sinônimos. Elaborada por médicos, poetas, políticos ou pessoas que sabem apenas ler e escrever, segundo ele, a micro-história é uma versão popular da história e por isso um trabalho de aficionados de tempo parcial. Gonzáles considera que a micro-história possui um rigor científico, já que o micro-historiador busca reconstituir o mais exato possível a verdade, investigando, preferencialmente, para alcançar seu objetivo, os arquivos paroquiais, os relatos de viajantes, os vestígios arqueológicos, os cemitérios e a tradição oral, entre outros. Quanto ao estilo, a micro-história é coloquial, pois é movida pelo ego emocional e por uma atitude romântica. Portanto, ela não é uma história crítica ou monumental nem é movida por um impulso ‘racionalizante’.

¹³⁰ *Cuadernos Digitales: Publicación Electrónica en Historia, Archivística y Estudios Sociales*. No.3. Setiembre del 2000 da Universidad de Costa Rica Escuela de Historia, no trabalho intitulado *De la historia local a la historia social. Algunas notas metodológicas*.

¹³¹ Luis Gonzáles y Gonzáles é o autor de *Invitación a la microhistoria*, onde desenvolve as idéias apresentadas neste texto.

Esta definição desenvolvida por Gonzáles y Gonzáies da micro-história como uma versão popular da história, elaborada por pessoas que não possuem formação na área da história, que trabalham buscando o rigor científico identificado através da busca da verdade nos documentos, cuja escrita possui um estilo coloquial carregado de emoção, sistematiza as características centrais do que aqui foi denominado de micro-história tradicional. Se fizermos uma comparação desta com a micro-história italiana, perceberemos que em comum elas possuem a preocupação com o micro, mas, ao se posicionarem quanto aos seus propósitos, as diferenças se ampliam.

Levi, ao responder à questão “O que é micro-história?”, afirmou que ainda que muitos tendam a usar este termo para diversos estudos de história local, “na micro-história a redução de escala se usa para entender a história geral. Muitos pensam que a micro-história é estudar coisas pequenas, mas em realidade ela analisa coisas grandes”¹³². Neste sentido, a micro-história não é uma história local.

Para a *micro-história italiana*, que vem informada pela crise da história moderna, a busca pelo enfoque micro não se encerra em si mesma, porque o historiador objetiva lançá-la para o universo macro da história. Outra de suas características é que estes estudos vêm acompanhados de preocupações de não se cair no relato puro, inocente e sentimental da micro história tradicional, pois refletem este compromisso da historiografia contemporânea com as explicações mais amplas.

¹³² Giovanni Levi responde a Diego Sempol, por ocasião de sua visita ao Uruguai em 2001.

A análise do conceito de micro-história revela a historicidade deste conceito e a dinâmica que o informa. Ela evidencia que os conceitos são dinâmicos, pois, por serem produção humana, estão inseridos em contextos culturais e temporais, e com eles se modificam.

As crônicas Antigualhas podem ser identificadas com o conceito de micro-história desenvolvido por Gonzáles y Gonzáles, que aqui foi chamado de micro-história tradicional. Sob o ponto de vista da micro-história italiana, que tem exercido grande influência nas pesquisas acadêmicas, que lugar ocupam estes trabalhos? E onde eles podem revelar seu maior potencial para a produção do conhecimento histórico?

É lugar comum que a história é produzida baseada em fatos, em dados, e que eles constituem a matéria histórica. Os historiadores estão habituados a analisar documentos oficiais, que são uma fonte privilegiada para quem faz a história da elite ou a história econômica e social. Os censos, as tabelas de preços, as atas de assembléias, as leis, todos documentos oficiais, em geral os de maior quantidade nos nossos arquivos, pouco ou nada revelam do cotidiano das pessoas comuns. Então onde estes novos micro-historiadores podem encontrar as fontes de que necessitam?

Como se viu no Capítulo I, em sua "História da Literatura do Rio Grande do Sul", Guilhermino César realiza uma comparação entre as "Antigualhas..." de Coruja com "Anais da Província de São Pedro" do Visconde de São Leopoldo, clássico da história do Rio Grande do Sul e assim conclui César sobre Coruja:

Como historiador distinguiu-se, portanto no gênero menor, mas nem por isso deixa de ser extremamente curiosa a contribuição que nos legou.¹³³

E ainda:

(...) cansou-se, afinal, de produzir livros para meninos o simpático e boêmio Coruja, e começou a escarafunchar a história de Porto Alegre...¹³⁴

Enquanto o Visconde de São Leopoldo, por ser “veraz e nada imaginoso” com suas conclusões “visando objetividade”¹³⁵, escreveu a verdadeira história, Coruja escarafunhou-a, elaborando uma história do gênero menor. A análise de César expressa alguns aspectos da condição de exclusão da crônica no processo de construção da História oficial do Rio Grande do Sul. Ao destacar as características de veracidade, não imaginação e objetividade, César está apresentando os pontos de referência do trabalho que se espera do historiador. Nas palavras do historiador gaúcho Décio Freitas¹³⁶, também em relação aos Anais da Província de São Pedro, a diferença dos cronistas, o Visconde de São Leopoldo “investiga, seleciona e interpreta documentos, para afinal redigir um texto baseado em determinada concepção histórica.”¹³⁷

Os cronistas, por sua vez, nada mais fazem do que registrar o que vêem (ou viram) e o que ouvem (ou ouviram), sem o rigor metodológico e a sistematização das informações com vistas a corresponder a um conceito de

¹³³ CESAR, Guilhermino. *História da literatura* p. 134.

¹³⁴ CESAR, op. cit. p. 134.

¹³⁵ Ibidem p. 132.

¹³⁶ Historiador gaúcho, é autor de FREITAS, Décio. *O homem que inventou a ditadura no Brasil*. Porto Alegre: LP&M, 1999.

história. O objetivo destes escritores cronistas, memorialistas ou não, é registrar informações, muitas vezes fazer um relatório, por motivação pessoal ou por ofício, neste período em que Portugal acompanhava de longe as atividades da colônia.

O Visconde de São Leopoldo usa o mesmo estilo de relatório de muitos cronistas. Mas é na natureza das informações registradas que reside a condição de História do Rio Grande do Sul que classifica seu texto: o historiador oficial descreve operações militares, demarcações, armistícios, topografia, invasões, extermínios, marcha, conquista, convenções. Já os cronistas descrevem momentos do cotidiano, o dia-a-dia.

Um exemplo desta diferença está no relato de Auguste Sain't Hilaire¹³⁸, que viajou pelo Rio Grande durante os anos de 1821 e 1822. Na sua passagem por Porto Alegre, quando refere-se à batalha de Tacuarembó, traz informações obtidas de conversas que teve com prisioneiros, descreve os aspectos físicos de prisioneiros e soldados, sua origem, vestuário e alimentação. Já os homens dos Anais, conclui Freitas, “apenas guerrejam; não trabalham não produzem, não vivem.”¹³⁹ E neste mesma linha podemos completar: não se vestem, nem se alimentam.

Os dados contidos nas crônicas não somam nada ao tipo de informação que busca este historiador, ainda que eles digam respeito aos mesmos campos de batalha e nos mesmo períodos. Nos “Anais...”, encontra-se um apêndice com três

¹³⁷ PINHEIRO, José Feliciano Fernandes, Visconde de São Leopoldo, *Anais da Província de São Pedro*, Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982, p. X.

¹³⁸ SAINT HILAIRE, Auguste. *Viagem ao Rio Grande do Sul (1820-1821)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Coleção Reconquista do Brasil, vol. 10., 1974.

“documentos justificativos” que comprovam tratar-se de uma obra de história. São documentos que da Biblioteca Nacional e Imperial do Rio de Janeiro, onde se lê a seguinte: “Papéis que El rei me mandou guardar sobre a Colônia”, provavelmente de autoria do historiador português Inácio Barbosa Machado.¹⁴⁰ O valor destes documentos reside na prova de que se trata de documentos oficiais, referendados pela Coroa Portuguesa.

Os historiadores contemporâneos têm enfrentado o difícil desafio de encontrar as fontes para realizar a história das pessoas comuns¹⁴¹. E onde estas fontes podem ser encontradas? A resposta está nos relatos de Saint-Hilaire ou em crônicas-memória como as de Coruja, que oferecem um material sobre aspectos do passado que, nas palavras de Guilhermino César, “de outro modo teria se perdido.”¹⁴²

Neste sentido, a micro-história tradicional, e dentro dela as crônicas, os relatos de viajantes, os textos memorialísticos, constituem-se em matéria histórica para uma análise que seja sensível às temáticas relacionadas às representações, práticas e símbolos, ou seja, as temáticas do sótão e que, por sua vez, revelem as pessoas comuns, as que se encontram no porão.

¹³⁹ FREITAS in PINHEIRO op. cit. p. XVII.

¹⁴⁰ PINHEIRO, op. cit. p. 193.

¹⁴¹ Expressão criada pelo historiador britânico Eric Hobsbawm, conforme o artigo de Jim Sharpe intitulado “A história vista de baixo”, in BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 45.

2.4. Fronteiras de cristal: cruzamentos entre o histórico e o literário.

Os textos memorialísticos são resultado de um esforço de quem se dispõe a ativar o mecanismo da recordação, da lembrança, da memória, representados, muitas vezes, por trabalhos de micro-história tradicional, na forma de crônicas, relatos, textos memorialísticos. Esta memória registrada é uma fonte preciosa destes universos microscópicos que os historiadores contemporâneos têm procurado recuperar e que muitos arquivos públicos não têm condições de oferecer.

Como vimos, as crônicas "Antigualhas Reminiscências de Porto Alegre" correspondem a uma série de textos escritos e publicados em Porto Alegre durante os anos 80 do século XIX. Seu autor morava na cidade do Rio de Janeiro desde 1837, portanto, ele estava mais de 40 anos distante do tema central das crônicas: a cidade de Porto Alegre. As informações que estão registradas no texto e a forma com que elas foram arranjadas indicam que as crônicas de Coruja correspondem ao fruto de um minucioso trabalho de memória e interioridade, diferentemente dos trabalhos que resultavam da sua experiência com a investigação histórica ou de cunho didático, que o autor estava habituado a produzir.

O que teria impulsionado, tantos anos passados de vida, a extraordinária memória de Coruja? Testemunha ocular de sua época, existem indicativos de que ele possuía ressentimento e mágoa, que podem falsear os fatos. A memória embora poderosa também é muito frágil, está constantemente ameaçada pelo

¹⁴² CESAR, op. cit. p. 134.

esquecimento e é afetada pelas lembranças distorcidas, pelo ressentimento e pela mágoa.

A própria passagem do tempo age contra a memória, faz esquecer, distorce os fatos. Da mesma forma, a memória não retém tudo, ela é seletiva. São características da memória que podem explicar por que escritos deste gênero, ficcional e subjetivo, ficaram fora do alcance do historiador.

O documento, sendo o instrumento que comprova a existência prévia de algo outro é o primeiro interesse do historiador e é secundário para a literatura. A ficção não se apresenta como uma prova do que houve, mas é errôneo pensar que a interferência da subjetividade signifique que ela não se contamine de realidade. A literatura é alimentada pela realidade que a utiliza para criar novos espaços, é contaminada por ela e pode ser também um documento para a história. Ao valorizar o subjetivo, ela informa menos o historiador da economia e da sociedade que elabora as macronarrativas que analisam as macroestruturas, do que o historiador que procura, na subjetividade, os elementos para analisar as sociedades passadas.

As tendências da historiografia moderna, que construíram um arcabouço teórico baseado na cientificidade da história, ancoravam-se na certeza da oposição entre textos de ficção, de um lado, e os históricos de outro. A crônica foi então alijada do terreno da história onde havia transitado em outros tempos. Por sua vez, a crítica literária moderna percorreu, à sua maneira, um caminho

semelhante, identificando, definindo e baseando suas análises em grandes obras, consideradas os grandes marcos da Literatura.

Cada um destes campos do conhecimento, a História e a Literatura, tinha perfeitamente delimitado os seus: de um lado a História, o lugar da verdade e de outro a Literatura, o lugar da ficção, da imaginação. Esta concepção definidora de espaços bem limitados acabou ainda por classificar os grandes gêneros, separando-os dos gêneros menores, aqueles que não se enquadravam dentro da verdadeira ficção ou da verdadeira história.

Atualmente os historiadores, assim como os que se dedicam à crítica literária, estão descobrindo os gêneros de fronteira. Uma nova forma de se ver a História está mostrando que os gêneros de fronteira oferecem material para responder a questões que até então não eram levantadas, mas que não são de menor importância. Os gêneros menores estão alcançando maturidade nos tempos atuais da historiografia. Intelectuais da História e da Literatura têm procurado cruzar os seus olhares sobre os mesmo textos, ousando derrubar alguns marcos que delimitam as fronteiras entre as duas áreas. Para exemplificar, pode-se citar, no Brasil, a publicação inúmeras obras onde podemos encontrar artigos que mostram de que forma estes cruzamentos estão sendo realizados e algumas reflexões sobre a questão. Ao apresentar o objetivo geral de "Pelos margens"¹⁴³, Edgar De Decca afirma:

¹⁴³ DECCA, Edgar Salvadori de e LAMAIRE, Ria (org.). *Pelos margens: outros caminhos da história e da literatura*. Campinas, Porto Alegre: Ed. da UNICAMP, Ed. da UFRGS, 2000. Na mesma linha: PESAVENTO, Sandra Jatthy (org.). *Leituras cruzadas: diálogos da história com a literatura*. Porto

Pretendia-se, na ocasião, perceber de que modo os historiadores se debruçavam em textos literários em busca de historicidades, sem submeter os textos ficcionais à crítica metódica dos documentos, mas, ao mesmo tempo, buscava-se compreender os métodos utilizados pela crítica literária na análise dos estilos narrativos dos textos historiográficos. (...) Realizaram leituras de fronteiras, ali onde o literário dá lugar ao histórico, mas também no cruzamento do histórico com seus componentes narrativos.¹⁴⁴

A disposição em realizar leituras cruzadas entre a História e a Literatura representa uma atitude renovada destes profissionais antes voltados para a sua área de conhecimento e hoje dispostos a dialogar entre si. Sandra Jatahy Pesavento, em “Contribuição da história e da literatura para a construção do cidadão: a abordagem da identidade nacional” afirma que:

não é que a literatura alimente a história confirmando dados ou recriando um ‘clima’ de época, ou que a história forneça para a ficção informações sobre o passado, não é que elas andem paralelamente. Elas estão sofrendo um entrecruzamento: a história revela sua ficcionalidade e a literatura, seu empenho em ser verdadeira.¹⁴⁵

Assim como a flexibilidade de conceitos oportuniza o cruzamento entre a história e a literatura, há uma valorização dos gêneros de fronteira, uma redescoberta, ao mesmo tempo em que há um questionamento sobre o próprio conceito de “fronteira”. Ao se discutir a expressão ‘gêneros de fronteira’, tem-se o

Alegre: Ed. da UFRGS, 2000.

¹⁴⁴ Esta citação encontra-se na contracapa de “*Pelas Margens*”.

¹⁴⁵ “Contribuição da história e da literatura para a construção do cidadão: a abordagem da identidade nacional” PESAVENTO, Sandra Jatahy e LEENHARDT, Jacques, org. *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas, UNICAMP, 1998, p. 17-40.

objetivo de poder perceber que esta permeabilidade das fronteiras é uma zona de um intenso contrabando. Segundo Bosi:

(...) na sensibilidade que se está formando nos últimos anos, a própria idéia de fronteira dos gêneros, de fronteira entre artes, foi posta em questão (...) ¹⁴⁶

Para Carlos Reis ¹⁴⁷, a existências destes textos que ele denomina de 'situações híbridas', desvanece a fixidez com que se poderia pensar na separação do campo literário em relação ao histórico, ou outros, como rigidamente determinados.

Ainda Alfredo Bosi, ao abrir o debate intitulado "Gêneros de fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário" ¹⁴⁸, afirma:

Uma hipótese provável é que há realmente um momento em que a fronteira existe, por pura, por mínima que seja, por transparente que seja, como um cristal que separa dois ambientes. ¹⁴⁹

Dois ambientes separados por uma fronteira transparente, uma fronteira de cristal, que deixa passar a luz, é um lugar de troca, é uma fronteira mínima, onde a troca é tão intensa que mal se conseguem perceber os limites. Mas, então, onde se percebe a fronteira? Responde Bosi ¹⁵⁰: na própria consciência do escritor,

¹⁴⁶ BOSI, Alfredo [et al.] *Gêneros de fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário*. São Paulo: Xamã, 1997, p. 11.

¹⁴⁷ Cf. REIS, Carlos, op. cit.

¹⁴⁸ BOSI, Alfredo [et al.] *Gêneros de fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário*. São Paulo: Xamã, 1997.

¹⁴⁹ Ibidem, p.12

¹⁵⁰ Idem.

na sua posição de testemunha, consciência que só faz sentido quando o autor possui intenção histórica.

Ele pode ser um grande memorialista e não ser um historiador. Enquanto memorialista, porém, o que ele tem a dizer ao historiador? A presente pesquisa dirige esta questão à “Antigualhas...” do mestre Coruja.

Em qualquer dos planos aqui analisados, da História e da memória ou da Literatura e da História, as fronteiras não devem ser vistas apenas como o que separa, mas também como o que aproxima, o que coloca em contato. A fronteira é um lugar de interação, de trocas, materiais e imateriais e está sempre presente no processo cultural de construção de identidade, no jogo entre o mesmo e o outro. Fronteira é, portanto, o lugar da alteridade, ao qual a identidade constantemente se remete para se consolidar.

Sobre a crônica já foi observado que ela pode ser caracterizada, de forma geral, como um texto curto, publicado em jornais, tratando de assuntos corriqueiros, cotidianos e, portanto, de fácil consumo pelo leitor. Foi dentro destes padrões que a crônica se firmou como um gênero destacado no Brasil e Coruja é um pioneiro deste gênero. Ele é autor das primeiras crônicas sobre a cidade de Porto Alegre. Por suas características, estas crônicas abrem várias possibilidades para o debate a respeito das fronteiras: é crônica, uma forma da escrita da História e da Literatura; é memória, está relacionada ao passado através das lembranças do autor e também transita pela História e pela Literatura; sua produção se situa no período da transição do Romantismo para o Realismo, no Brasil, na segunda

metade do século XIX; sua divulgação ocorreu no período da transição da Porto Alegre quase vila colonial para a cidade moderna.

Importa destacar aqui que a complexidade resultante dos vários aspectos fronteiriços deste estudo é evidente. Para atenuá-la, sem perder a força das possibilidades que levaram a escolha desta fonte, é necessário priorizar alguns aspectos, definindo uma trajetória que permita alcançar o objetivo inicialmente proposto de situar as crônicas de memória na produção do conhecimento histórico, no âmbito dos debates sobre a história enquanto representação do passado tal como ocorrem atualmente.

Conforme este momento da produção do conhecimento histórico em que vivemos, dar voz a documentos narrativos que se referem a atores menores, a cidadãos comuns, é um caminho que podemos percorrer para revelar outras faces da nossa História e, principalmente, é um exercício que precisamos fazer com o objetivo de refletirmos sobre qual tipo de História estamos produzindo.

Assim as crônicas de Coruja servem como ponto de entrada para discutir a questão da ficção e da ciência na História, como um caminho para debater a questão da relação entre a memória e a História, considerando o processo de transformação de Porto Alegre durante a segunda metade do século XIX e as conseqüências desta transformação urbana na vida de Coruja e dos habitantes da capital gaúcha.

Enquanto processo mental e imagético, a memória reapresenta, no tempo do presente, uma vivência e uma sensibilidade transcorridas num outro

momento. É, pois representação que se coloca no lugar de um momento ou fato, objeto da rememoração.¹⁵¹

Peter Burke¹⁵², ao tratar dos meios de transmissão da memória como as 'memórias' e outros relatos escritos, alerta que "precisamos, é claro, nos lembrar de que esses relatos não são atos inocentes da memória, mas antes tentativas de convencer, formar a memória de outrem". Burke cita Stephen Owen: "Quando lemos narrativas de memórias, é fácil esquecer que não lemos a própria memória, mas suas transformações através da escrita."¹⁵³

Os 'relatos escritos' são para Burke um dos meios de comunicação da memória, entre outros. Dentro destes relatos escritos, destes meios de comunicação da memória, estão as crônicas do Coruja. Eles são empregados para a transmissão da memória e são influenciados pela organização social de sua transmissão.

Como se pode perceber do que foi exposto, o debate sobre o lugar da memória na história remonta desde os primeiros historiadores e se renova sempre que a própria História é discutida à luz das transformações econômicas e sociais. No caso dos escritos de Coruja, a preocupação com o tema da memória aparentemente é uma questão do indivíduo que, distante do espaço e do tempo, de sua infância e de sua juventude, dedica-se a rememorar o passado e, quem

¹⁵¹ Da autoria de Sandra Jatthy Pesavento, *As leituras da memória; a cidade imaginária de um cronista do sul brasileiro (Antônio Álvares Pereira Coruja e a Porto Alegre do início do século XIX)*.

¹⁵² Estas reflexões de Peter Burke encontram-se em "História como memória social". In: *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p.67-89.

¹⁵³ Stephen Owen, *Remembrances*, Cambridge, 1986 in Peter Burke, *Variedades de História*

sabe, com isto, amainar a sua dor, a saudade. Porém esta perspectiva do indivíduo, ainda que fundamental, pode representar uma situação mais ampla se vista sob outros aspectos.

Este trabalho de análise da obra de Coruja busca caracterizar não a cidade como um espaço físico, mas a cidade de Coruja, que é uma representação da cidade real. Nas crônicas, é possível encontrar a cidade, o próprio Coruja e o leitor, que, como nos mostra François Hartog¹⁵⁴, está alojado no texto. Para que haja comunicação, há saberes semânticos, enciclopédicos ou simbólicos que são comuns ao escritor (narrador) e ao leitor (destinatário). Hartog chama isto de 'simulacro de leitor'. A representação que Coruja fez da cidade, que conquistou os leitores, transformando-se em referencial, não é só do indivíduo Coruja e do seu universo pessoal, mas também da representação de uma coletividade que se identifica com a representação de Coruja.

A primeira crônica memorialística de "Antiguias..." inicia com a seguinte citação:

"Honni soit qui mail y pense"

Tradução Livre: Não pense ninguém

Que o que aqui vai escrito

Leva água no bico.¹⁵⁵

Cultural, 2000, p. 114.

¹⁵⁴ HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Ed. de UFMG. 1999.

¹⁵⁵ CORUJA, op. cit. p. 13.

Versão antiga da expressão “qualquer semelhança é mera coincidência...”, Coruja está anunciando que a sua crônica fala de personagens, lugares e histórias de uma Porto Alegre antiga, de uma Porto Alegre real, de uma Porto Alegre que está sucumbindo ao progresso. Nem todos os leitores terão oportunidade de perceber toda a água que vai no bico desta crônica, mas todos podem sentir nela o gosto do antigo, daquilo que se está perdendo, o gosto da história da cidade.

As intenções explícitas de Coruja em descrever a cidade o afastam do tipo de trabalho realizado por Funes, o memorioso de Borges. O autor das Antigualhas exerce a ação de selecionar, assumindo uma ação consciente na memória que registra.

Nos alerta Calvino, introduzindo este Capítulo: “Você sabe melhor do que ninguém, sábio Kublai, que jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve.” Prudente neste caso seria abandonar a análise das Antigualhas com vistas a fazer relações com seu contexto histórico. Mas continua o autor: “Contudo, existe uma ligação entre eles.”

Uma linha tênue liga as “Antigualhas...” à Porto Alegre da segunda metade do século XIX que, como a Olívia dos castelos, informa sobre a Olívia de fuligem e gordura, mas não a exclui. Na pitoresca cidade de Coruja pulsa a insegurança diante do novo, na nostalgia do retorno encontra-se um sentimento de reação à cidade transformada. Este capítulo procurou mostrar que a História que produzimos hoje criou os caminhos necessários para perceber na narrativa sobre Olívia uma outra Olívia, de encontrar, no discurso que descreve Porto Alegre, uma

outra cidade, inquietada pelas transformações urbanas em curso, expressas no registro de autores como Coruja, que aqui se destaca, ainda, por representar aspectos pouco explorados pela historiografia da vida das pessoas comuns.

Capítulo 3

As cidades de Coruja

A cidade não é feita disso, mas das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado: a distância do solo até um lampião e os pés pendentes de um usurpador enforcado, o fio esticado do lampião à balaustrada e o salto do adúltero que foge de madrugada; a inclinação de um canal que escoo a água das chuvas e o passo majestoso de um gato que se introduz numa janela; a linha de tiro da canhoeira que surge inesperadamente atrás do cabo e a bomba que destrói o canal; os rasgos das redes de pesca e os três velhos remendando as redes que, sentados no molhe, contam, pela milésima vez, a história da canhoeira do usurpador, que dizem ser o filho ilegítimo da rainha, abandonado de cueiro ali sobre o molhe.

A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata. Uma descrição de Zaíra como é atualmente deveria conter todo o passado de Zaíra. Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras.¹⁵⁶

¹⁵⁶ CALVINO, Ítalo, *As cidades invisíveis*, São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 15

3.1. Introdução: a modernidade e a questão urbana

Entre as principais características da modernidade, pode-se destacar a substituição das tradições, referência do viver medieval, pela busca do novo, onde a noção de moderno está relacionada à noção de progresso. O desapego das tradições, que foi um ponto fundamental na luta contra os valores medievais que caracterizaram o Renascimento e tiveram o seu auge no Iluminismo, foi se intensificando através da crescente valorização da transformação do mundo, do progresso técnico, das reformas, da renovação dos espaços, do crescimento, do desenvolvimento, enfim, do novo. O moderno identifica-se também com o domínio da ciência, o que conduz à valorização do uso das técnicas, da industrialização e da urbanização, sempre relacionados com a busca do progresso e da contínua mudança.

Os avanços no campo tecnológico, característicos da Revolução Industrial, possibilitaram uma revolução nos transportes e impulsionaram sobremaneira o crescimento das cidades, que passaram a ver surgir toda a sorte de soluções para os problemas resultantes da aglomeração humana, tais como projetos de iluminação e saneamento. Mas o principal efeito das transformações da modernidade, no que diz respeito ao desenvolvimento das cidades, localiza-se na profunda alteração dos quadros de existência no âmbito da vida social urbana, que a partir de então foram verificados, com os novos valores que vão representar um jeito de ser moderno.

Atraído pela concentração de riquezas, levado para a disciplinarização do trabalho na indústria, o homem sai do campo e atinge as cidades, abandonando suas raízes culturais e rompendo com as tradições. Na superação da sociedade rural, característica do período medieval, a cidade surge como *locos* privilegiado das manifestações do homem moderno.¹⁵⁷

A irrupção de novidades radicais e a desobrigação da transmissão dos valores tradicionais também trazem consigo, além da expectativa do conforto, do progresso e do fascínio pela tecnologia, a insegurança do desconhecido, pois este mesmo homem não domina o novo ambiente em que se vê inserido, que está em contínua e vertiginosa transformação. Neste cenário, definido por diversos autores como o da *modernidade urbana*, a compreensão do moderno se caracteriza por uma justaposição do passado e do presente, onde o ser moderno reinventa o passado e concomitantemente constrói o discurso que simboliza a transformação.

Analisando fotografia do início do século XX, Claudia de Oliveira destaca que:

As imagens criadas pelos fotógrafos para as revistas ilustradas sobre a cidade pós-"melhoramentos urbanos" marcariam um novo padrão de descrição topográfica: mobilidade, ordenamento, apazibilidade e sobretudo monumentalidade tornaram-se os principais objetos do olhar do fotógrafo(...). Nestas imagens um forte contraste na escala, entre a luz e a sombra, e entre o preto e o branco é utilizado para despertar a monumentalidade, suscitando no espectador a sensação de grandiosidade do "novo" frente à decadência do "velho". Nos novos tempos, as avenidas com suas

¹⁵⁷ SAKAMOTO, Lucia "Modernidade e cidade", *Revista Autor* (Digital), Ano II n. 9, 2002.

edificações imponentes deveriam encarnar o progresso, sobrepondo-se às antigas ruas, simbolizadoras de uma imagem degenerativa da cidade.¹⁵⁸

A descrição poderia ser transposta para o terreno da produção do conhecimento histórico onde a História e a Literatura, ao elegerem os conceitos macroestruturais e relegarem o universo micro para um segundo plano, buscaram a monumentalidade dos grandes conceitos e basearam suas análises na noção de progresso e da superioridade, que se reatualiza eternamente, do presente em relação ao passado.

A questão urbana é hoje um importante objeto de trabalho de analistas que reconhecem nela o espaço por excelência das características, positivas ou não, da modernidade. O estudo da modernidade urbana pode se situar no campo do estudo do espaço físico, dos lugares da memória, dos projetos de arquitetura, das imagens recolhidas nas fotos e, no caso específico desta pesquisa, nas primeiras crônicas sobre a cidade de Porto Alegre, onde se vislumbra a possibilidade de analisar aspectos de como seus habitantes viveram a transição para a cidade moderna.

Na Literatura, a representação da cidade e do indivíduo tem sido um dos temas mais significativos. A temática da relação do homem moderno com o ambiente urbano é muito freqüente, a partir das décadas de 20 e 30, no texto

¹⁵⁸ Cláudia de Oliveira, "Fotografia e a representação do Rio de Janeiro moderno em Fon-Fon!, Selecta e Para Todos... (1907-1930)", in *Revista Eletrônica Studium*, Revista Fotográfica do Século 19, do Departamento de Multimeios da Unicamp 15ª edição, site: <http://www.studium.iar.unicamp.br/15/06.html?studium>

literário quando, inclusive, são inaugurados novos registros estéticos pela influência de vanguardas européias¹⁵⁹.

Com a modernização de suas cidades capitais, desde o século XIX, o espaço urbano torna-se objeto teórico e poético, e um dos temas centrais das representações visuais do "mundo moderno".¹⁶⁰

A autora mostra que, para Michel de Certeau, a cidade torna-se um "vasto texto humano" onde "uma construção se impacta sobre a outra em um processo de acumulação, de condensação e de concentração econômica, política e cultural. Os novos espaços urbanos tornam-se lugares e objetos de uma composição visual que articula e é articulada por novas experiências objetivas e subjetivas. Divertimento e alienação, prazer e medo, mobilidade e confinamento, expansão e fragmentação passaram a constituir as principais características da cidade metrópole do século XX."¹⁶¹

A historiadora Sandra Pesavento tem, no âmbito da Nova História Cultural e com ênfase na questão do imaginário, desenvolvido análises renovadoras sobre os eixos principais que sustentam esta pesquisa: a cidade, a história, a literatura, o imaginário. Em "O espetáculo da rua"¹⁶² e "Memórias de Porto Alegre: espaços e vivências"¹⁶³, obras que tratam especificamente da

¹⁵⁹ JAGUARIBE, Beatriz. Memórias da modernidade: o relato memorialista e a construção da cidade. *Anais do 2º Congresso ABRALIC*, Belo Horizonte, 1991, p. 342.

¹⁶⁰ OLIVEIRA, idem.

¹⁶¹ Idem.

¹⁶² PESAVENTO, S. J. *O espetáculo de rua*. Porto Alegre : Ed. da Universidade-UFRGS/Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

¹⁶³ PESAVENTO, S. J. *Memória Porto Alegre: espaços e vivências*. Porto Alegre : Ed. da Universidade-UFRGS/Secretaria Municipal de Cultura, 1991.

organização do espaço urbano de Porto Alegre, a autora relaciona as mudanças que ocorrem na cidade com as representações que, no plano do simbólico, "se fazem no e sobre o fenômeno urbano"¹⁶⁴. Apresentando farto material iconográfico como mapas e fotos, o leitor é convidado a percorrer os espaços analisados.

Em outra contribuição fundamental para este trabalho, o artigo intitulado "As leituras da memória: a cidade imaginária de um cronista do sul"¹⁶⁵, publicado na Revista Anos 90 do PPG de História da UFRGS, Pesavento analisa a "Antigualhas..." enquanto um esforço de presentificação do passado elaborado por Coruja, que acabou por forjar uma identidade e produzir "uma espécie de discurso normativo que legitima todo um sistema de idéias e imagens sobre a Porto Alegre antiga"¹⁶⁶. São estudos fundamentais para se compreender a relação entre as transformações urbanas e as "Antigualhas...", pois buscam justamente mostrar as representações que foram sendo construídas sobre o passado, revelando como os habitantes viveram esta passagem que fez surgir a cidade moderna.

No Capítulo II, discutiram-se as possibilidades dos estudos relacionados a memória no campo da história. O objetivo deste Capítulo é mostrar de que maneira os escritos de Coruja problematizam as concepções mais tradicionais, que buscam estabelecer fronteiras rígidas entre as formas de se escrever, quer seja na História, quer seja na Literatura, visando ainda compreender quais outras fronteiras podem ser desveladas no estudo das

¹⁶⁴ Idem, p. 8.

¹⁶⁵ PESAVENTO, S. J. "As leituras da memória: a cidade imaginária de um cronista no sul". *Anos 90*. Porto Alegre: , v.14, n.dez, p.47 - 60, 2000.

¹⁶⁶ Idem, p. 60.

“Antigualhas...” e como o questionamento acerca dos referencias de fronteira levam ao universo das “pessoas comuns”.

3.2. Porto Alegre

Correm os anos de 1880, Porto Alegre se transforma. Sobre a cidade ainda com jeito de vila, surge uma nova cidade, dentro do mesmo surto urbano modernizador que atingiu toda a América Latina nos anos que levarão à virada do século XIX. O período que vai de 1820 a 1890, praticamente o mesmo que Coruja viveu no Rio de Janeiro (1836 -1888), pode ser caracterizado como sendo o período em que ocorre o processo de transformação burguesa, na transição para o capitalismo que teve como característica central, no Brasil, a passagem do trabalho escravo para o trabalho baseado na mão-de-obra livre. Fora do eixo econômico propulsor deste processo no Brasil, o complexo cafeeiro situado na região Sudeste, Porto Alegre sofreu as alterações provocadas por este fenômeno transformador. A cidade virou, no decorrer deste período, o maior centro econômico, político e cultural do Rio Grande do Sul.

O processo de internacionalização do capitalismo atingiu o país modificando gradativamente a estrutura urbana e o cotidiano de todos os habitantes da cidade de Porto Alegre. No período que durou menos de um século, a cidade saiu da condição de quase vila colonial, com seus pouco mais de 12 000

habitantes¹⁶⁷, para tornar-se uma cidade onde a aglomeração humana e a disputa pelo espaço exigiam medidas no plano administrativo de saneamento, transporte, iluminação e regramento de conduta. A população se adensava e a renovação e a criação de equipamentos de uso comunitário era uma necessidade crescente.

Pesavento¹⁶⁸ aponta quatro momentos cruciais para estas mudanças: a chegada dos imigrantes alemães na província; a desagregação do trabalho escravo; a Revolução Farroupilha e a Guerra do Paraguai.

A chegada dos imigrantes alemães em 1824 foi fundamental para a definição da nova paisagem urbana de Porto Alegre. Foi aberto um caminho para ligar a cidade ao Vale do Rio dos Sinos, onde os imigrantes se fixaram. Esta via que "lembra tudo o quanto existe de mais agradável na Europa"¹⁶⁹ nas palavras do viajante Saint Hilaire, foi chamada de Caminho Novo. Por ela era escoada a produção colonial em direção ao porto que ficava na península, onde estava o centro da cidade. Durante a Revolução Farroupilha, o abastecimento da cidade era feito por produtos que vinham da zona colonial, o que impulsionou a economia desta região e intensificou o fluxo de pessoas para esta via de acesso à capital. Com o tempo, este caminho foi adquirindo cada vez mais feições industriais, com suas fábricas e pequenas indústrias. A primeira linha férrea construída em Porto Alegre ligou a capital à São Leopoldo, em 1874, o que mostra a importância da

¹⁶⁷ Segundo estimativa de Arsènn Isabelle, em 1833, conforma Sergio da Costra FRANCO, in CORUJA, op. cit. p. 9.

¹⁶⁸ PESAVENTO, S. J. *Memória Porto Alegre: espaços e vivências*. Porto Alegre : Ed. da Universidade-UFRGS/Secretaria Municipal de Cultura, 1991.

¹⁶⁹ PESAVENTO, op. cit. p. 33.

ligação entre as duas regiões, pois, na medida em que esta zona prosperava, sua ligação com Porto Alegre se estreitava, exigindo e provocando novas mudanças.

A desagregação da escravidão também contribuiu para transformar a paisagem da cidade. Os escravos libertos passaram a ocupar os espaços urbanos. Colocados à margem da produção e do trabalho, eles foram levados a ocupar espaços marginais no processo que definia a paisagem de acordo com a lógica burguesa, que separa os expropriados da classe dirigente.

Pode-se considerar que o primeiro Código de Posturas da cidade de Porto Alegre, elaborado desde 1829, foi fruto da necessidade de reger a vida dos moradores da península, a fim de tornar possível sua convivência dentro dos padrões morais definidos pela classe dirigente, onde a presença de escravos libertos ameaçava a ordem burguesa.

Assim Pesavento analisa este momento:

Espaços burgueses e redutos do povo viviam seus últimos momentos de co-habitação na área central. Da mesma forma, a feição bucólica dos arraiais chegava progressivamente ao seu final.

No processo de transformação burguesa, as classes menos abastadas e seus territórios passaram a sofrer uma investida dos notáveis da comunidade local no sentido do controle social e da disciplinarização das socialidades. A nova ordem estabeleceria suas normas, valores e procedimentos na busca de uma vida urbana adequada.¹⁷⁰

¹⁷⁰ PESAVENTO, op. cit. p. 31.

A reorganização espacial expressou o conflito entre os que buscavam disciplinarizar a ocupação do espaço dentro da nova ordem e os que resistiam aos novos valores, por serem os excluídos das benesses do sistema. Do entrechoque de interesses proliferaram becos e cortiços, ruas e sobrados, chácaras e sítios, redimensionando a divisão espacial urbana.

Deve-se considerar que a cidade de Porto Alegre vinha sofrendo graves problemas no seu aspecto urbano desde o período da Revolução Farroupilha quando, sitiada pelos Farrapos, permaneceu leal às forças imperiais. Nesta época, trincheiras e fortificações foram construídas, delimitando o espaço da cidade. Como consequência, na ponta da península, houve uma concentração da população provocando graves problemas sob o ponto de vista urbano, como as precárias condições higiênicas. É fácil compreender por que Porto Alegre viverá um crescimento significativo com o fim da Guerra: a cidade vai explodir para além dos limites impostos pelo isolamento de 10 anos de conflito e serão feitos investimentos no espaço urbano. O traçado original da cidade com suas três ruas principais, da Praia, da Igreja e da Ponte, diversificar-se-á: surgirão ruas, becos, travessas e cortiços. Serão construídos o Mercado Público, a Cadeia Pública e o Theatro São Pedro.

Fora dos limites definidos no período de guerra, formaram-se e multiplicaram-se os arraiais, que se uniram à cidade quando as fortificações, que fechavam a área urbana, foram demolidas, em 1845. Com o fim da guerra, os arraiais encontraram a cidade e ela também foi ao encontro das zonas circundantes, pois já não havia mais espaço na área densamente povoada para

alguns equipamentos comunitários, como é o caso dos cemitérios que ficavam atrás da Catedral e próximos à Santa Casa que foram mudados para o Alto da Azenha.¹⁷¹

Quatro arraiais principais formavam uma linha circundante à cidade: o arraial do Menino Deus, o de São Miguel, o de São Manoel e o dos Navegantes. Outros surgiram depois, mas estes já evidenciavam que a cidade precisava ser percebida com um olhar moderno, como um organismo, onde a vida comunitária e a zona circundante funcionassem juntos. Neste período, obras viárias eram solicitadas, estudadas e executadas, como aterros, alargamento e criação de ruas, mostrando que “a vida da cidade é a própria vila urbana mais as circunstâncias sócio-espaciais”.¹⁷² A ligação com os arraiais, por sua vez, exigia a criação de transportes coletivos como os bondes puxados a burros que serviram, segundo contrato de 27 de fevereiro de 1872, o arraial do menino Deus e o Partenon e, em 1888, o Caminho Novo.

A dinâmica de renovação e ampliação urbana, praticamente inexistente no Período da Revolução Farroupilha, foi impulsionada com a Guerra do Paraguai (1864-1860), quando Porto Alegre se tornou um importante centro de operações militares por sua proximidade com o conflito. Os investimentos vindo do Governo Central levaram a melhoramentos urbanos de serviços estratégicos, tais como serviço telegráfico, quartéis e melhorias portuárias.

¹⁷¹ MACEDO, Riopardense de. Porto Alegre, origem e crescimento, Porto Alegre, Sulina, 1968: p.

94

¹⁷² Idem.

Os novos espaços, as novas edificações e os novos personagens surgidos neste processo não foram conhecidos pelo Professor Coruja. A imagem da cidade que ele levou para o Rio de Janeiro ficou congelada no início da Revolução Farroupilha. De longe, ele recebia as notícias dos novos edifícios da cidade, dos moradores e dos novos problemas da cidade. E, ainda que a tenha visitado neste período, ainda que seus olhos tenham pousado na cidade que surgiu após a guerra e que os novos caminhos do centro tenham recebido a marca de suas pegadas, a sua vivência cotidiana na cidade era agora privilégio do Rio de Janeiro.

Coruja recebia periodicamente notícias de Porto Alegre e estava a par de tudo o que era possível, como mostra a correspondência com Varela. Na mesma carta citada no Capítulo I em que fala de Zambecari, Coruja também informa, a pedido de Varela, sobre uma D. Nísia, aconselhando-o a procurar na Biblioteca Pública de São Paulo os jornais publicados no Rio de Janeiro que divulgam seu falecimento na França. Isto mostra que ele estava bem informado sobre os habitantes do "torrão nativo"¹⁷³ e deles ainda continuava querendo saber: o próprio Varela passa a ocupar um lugar nas anotações de Coruja, pois ele pergunta sobre seu nome de família, origem, enfim, elementos para que ele possa lembrar de quem se trata, situar a família de Varela entre os tantos personagens porto-alegrenses que povoam sua mente. Porém, a imagem que mantinha da cidade, aquela que acolhia os seus sonhos¹⁷⁴, desaparecera, em

¹⁷³ Anais do Arquivo Histórico do Estado do Rio Grande do Sul, Coleção Varela, 4990, p. 237.

¹⁷⁴ Referência à cidade de Zenóbia, de CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*, São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 37.

parte, no período descrito, quando o cotidiano dos habitantes da cidade foi rápida e radicalmente alterado na segunda metade do século XIX.

Um processo equivalente de transformações urbanas ocorria também neste período no Rio de Janeiro pois, mesmo considerando as particularidades locais, trata-se de um momento de transformação que atingiu todo o mundo capitalista. No Rio de Janeiro, em 1852, registra-se a inauguração do telégrafo e de uma linha regular de vapores entre Rio de Janeiro e Europa, em 1868, a inauguração de bondes de tração e em 1874, a iluminação a gás.

Coruja experienciava no Rio de Janeiro o desenrolar das mudanças nos valores e nas regras de convivência relacionado com as transformações ocorridas no grande processo da Revolução Industrial. No âmbito nacional, pode-se citar, como fatores que caracterizam este período de grandes transformações, o aumento demográfico, a expansão da lavoura cafeeira de exportação, a ampliação e diversificação das atividades econômicas e financeiras, a modernização dos serviços urbanos, o ingresso cada vez maior de imigrantes europeus e o crescimento das atividades do Estado.

Junto ao sentimento de orgulho de ver a cidade modernizar-se e as tarefas diárias facilitadas com as novas tecnologias, pairava um sentimento de perda: uma preocupação com o passado próximo que desaparecia na mesma velocidade das mudanças. A transformação exige desenraizar antigos sentimentos, pertencimentos e valores. No caso de Porto Alegre, não eram mais os conflitos que a cidade via desenrolar-se durante anos a fio que traziam a

insegurança para os cidadãos, mas uma vida nova que se apresentava parcialmente, que parecia prometer melhorias ao mesmo tempo que trazia as dúvidas do desconhecido. Nas crônicas "Antigualhas: Reminiscências de Porto Alegre", Coruja recriou, para o leitor, as imagens congeladas do passado, ao evocar a cidade perdida.

Nos jogos da memória e da cidade, as crônicas trazem as marcas da cidade, guardiã de tempos passados, que desaparecem na paisagem urbana e que ressurgem como paisagem escrita que registra o olhar de Coruja, o olhar do primeiro cartel do século XIX, sob o ponto de vista dos cidadãos comuns, daqueles que assistem, com distanciamento, ao surgimento de uma cidade que, ameaçadora, não mais lhes pertence. Agora ela desafia.

3.3. Rio de Janeiro



Rio de Janeiro, correm os anos de 1880. É o período das transformações na paisagem física e social que levarão a denominação de

“Cidade Maravilhosa”¹⁷⁵, fazendo da cidade, então capital do Império, um dos maiores e mais importantes símbolos visuais da ordem política, econômica e cultural que se instaurará com a República.¹⁷⁶

Como cidade moderna em construção, também no Rio de Janeiro o entusiasmo em relação ao novo trazia, paradoxalmente, o medo das perdas em relação ao passado. A justaposição do passado e do presente expressou-se no fato de que a modernização, “ao mesmo tempo em que posicionava a sociedade brasileira no compasso com as sociedades “civilizadas”, trazia, em contrapartida, uma perda da memória e do passado coletivo nacional.”¹⁷⁷

A vida do Professor Coruja também se transformará radicalmente nesta última década de existência, quando ele enfrentará as dificuldades advindas da solidão e da pobreza e sentirá, ao mesmo tempo, as conseqüências da ausência da família e do amparo financeiro. Agora o velho mestre Pereira Coruja ocupará parte dos seus dias escrevendo sobre Porto Alegre.

Para entender alguns aspectos da produção das crônicas memórias de Coruja, pode ser significativo refazer seu percurso intelectual dentro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do qual fez parte desde a sua fundação em 1838, quando se tornou tesoureiro, e assim se manteve por aproximadamente 20 anos. Além de ocupar um cargo administrativo, ele também produziu, publicou e participou de debates importantes que ocorreram no âmbito cultural neste período,

¹⁷⁵ O Rio de Janeiro foi batizado *Ville Merveilleuse* pela francesa Jeanne Catulle Mendes, em 1912, cf LESSA, Carlos. *O Rio de todos os Brasís*, Rio de Janeiro: Record, 2001.

¹⁷⁶ OLIVEIRA, op. cit.

¹⁷⁷ Idem.

que se caracterizou fundamentalmente pela busca de uma sistematização da História da Brasil nascente e pelo debate a respeito da construção de uma identidade nacional.

Até a criação do Instituto, o desenvolvimento cultural do Rio de Janeiro era bastante limitado. Antônio Cândido¹⁷⁸ aponta alguns aspectos da cultura deste período e destaca que a fundação de cursos técnicos e superiores contribuíram decisivamente para o incentivo ao debate intelectual, por oferecerem a possibilidade de uma formação completa dentro do Brasil e uma alternativa à carreira eclesiástica. O estímulo ao pensamento livre, fora dos conventos, com moldes diversos de interpretação daqueles oferecidos pelo pensamento de natureza eclesiástica, possibilitava, inclusive, confrontar a censura imposta pela Igreja.

O surgimento da imprensa periódica também contribuiu para este movimento de ampliação intelectual, quando, além da Imprensa Régia, surgiram tipografias privadas que publicam trabalhos oficiais, periódicos e literatura. É de se notar que os livros começaram a chegar ao país oficialmente com a Abertura dos Portos em 1810 e, em 1821, havia no Rio de Janeiro 8 lojas que vendiam livros. Em 1814, foi aberta a Biblioteca Real que, em 1820, já reunia mais de 60 mil volumes, ainda que considerado o acervo "inatual, pouco variado e sem ordem, embora confortável a sala de leitura"¹⁷⁹. A Igreja foi assumindo a tarefa educacional, ocupando o vazio deixado pela ausência de escolas públicas e

¹⁷⁸ CANDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975, 5 edição.

particulares. Os debates, conferências e concertos ocorriam na Capela Imperial e nas sociedades secretas e semisecretas, na sua maioria de influência maçônica

Assim, o Rio de Janeiro transformou-se no centro cultural do país e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o lugar onde os debates sobre a formação da identidade nacional se davam com maior profundidade e influência. A função do Instituto era de conduzir discussões e, por meio da sua revista, publicar documentos pertinentes aos estudos históricos, tornando-se um espaço de debates sobre os rumos políticos e culturais do país, no período da formação do nosso Estado Nacional. O Imperador D. Pedro II foi um freqüentador assíduo do Instituto, incentivador e seu protetor, o que mostra ter sido a questão da identidade, no período, uma preocupação de caráter oficial. Para Manoel Guimarães, o "Instituto desempenhou, no século XIX, um importante papel homogeneizador das elites políticas e intelectuais, contribuindo significativamente para a formação dos mitos e do imaginário da nacionalidade."¹⁸⁰

Foi dentro da entidade que se pensou, pela primeira vez, a História do Brasil enquanto fundamento para definir-se uma identidade nacional e como essência da formação do povo brasileiro. Afrânio Coutinho afirma que, na Revista do IHGB, as figuras de destaque como Joaquim Norberto de Souza e Silva, Cônego Januário da Cunha Barbosa e Francisco Adolfo Varnhagen tinham todas "o mesmo ideal nacionalista, o espírito moderno, em luta contra o antigo, contra o

¹⁷⁹ CÂNDIDO, op. cit. p. 233.

¹⁸⁰ GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. "Nação e Civilização nos Trópicos: o IHGB e o projeto de uma História Nacional" In *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, FGV, (1), 1998.

mitológico e a imitação, em favor da natureza brasileira e dos costumes locais, sobretudo indígenas.”¹⁸¹

3.4. Os limites da História e da Literatura: a busca das identidades nacionais

As orientações estéticas e filosóficas vindas da Europa interferiram e sofreram as adaptações da realidade local do país que nascera colônia, mero apêndice de sua metrópole. O racionalismo deu lugar aqui à “filantropia e ao desejo de criar uma sociedade livre e bem organizada; o culto da natureza promoveu a valorização do pitoresco, alimento do nativismo e da descrição da realidade; a moda pastoril encaminhou para a valorização do homem natural, o índio, para nós; a tradição clássica apresentou um estilo de civilidade que nos entroncava de certo modo da tradição e assegurava a participação no mesmo sistema simbólico do Ocidente.”¹⁸²

Os estudos históricos empreendidos dentro do IHGB avançaram para uma orientação mais científica, de acordo com os debates teóricos que ocorriam na Europa com Comte, Humbolt e Ranke, entre outros. O IHGB contribuiu assim para lançar as bases da Historiografia Brasileira e, portanto, da separação entre a História e a Literatura do Brasil. Isto pode ser visto como um avanço, um amadurecimento por parte da História no sentido de constituir-se como uma

¹⁸¹ COUTINHO, Afrânio (dir.). *Literatura no Brasil*, Rio de Janeiro: Sul Americano, 1969 vol. III. p. 339.

¹⁸² CÂNDIDO, op. cit. p. 72.

produção independente, sistemática, rigorosa, enfim, científica. A História do Brasil teve um notável avanço neste período em que se discutiram as suas ferramentas, suas teorias, métodos e critérios; reuniram-se o maior número possível de documentos; organizaram-se associações e debateu-se uma periodização para História do Brasil.

O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, como diz seu próprio nome, não era um órgão manifestamente literário, porém o debate literário estava presente na Revista do Instituto, um dos lugares onde se produzia o debate crítico sobre o Romantismo no Brasil.¹⁸³ Junto com a produção historiográfica, a revista do Instituto publicou textos de caráter literário como biografias de poetas e escritores brasileiros, estudos de obras poéticas e instituições literárias, poesias e composições poéticas de caráter laudatório.

A História e a Literatura, estas duas dimensões da produção cultural do IHGB, andavam juntas e tinham raízes comuns: a preocupação em criar uma identidade nacional que desse os contornos culturais ao país recém-independente. Neste período, então, como nos mostra Thanira Chayb de Pillar ao analisar “A literatura na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro de 1839 a 1869”¹⁸⁴, a produção histórica confundia-se com a produção literária. A autora concluiu, na sua análise, que havia uma débil fronteira entre a História e a Literatura, já que a Literatura é vista junto com a História, mas também o escritor brasileiro é usado como material da História. Ela percebe, por exemplo, a preocupação dos

¹⁸³ COUTINHO, op. cit. p. 339.

historiadores, como Varnhagen, em abordar temas referentes à literatura, ainda que a paixão do diplomata tenha sido fundamentalmente a compilação de documentos.

Luis Costa Lima¹⁸⁵ percebe, na preocupação da literatura brasileira com a identidade, a primazia do documento, mostrando que ela sofreu, desde as suas origens, um veto ficcional, uma coibição da ficção pelo do compromisso que manteve com a questão documental. Para o autor, isso fez com que o entendimento da literatura, o seu conceito ou “o que é próprio da literatura”, nas palavras do autor, ficasse comprometido.

A ficção não tem um caráter documental, aponta Lima¹⁸⁶, não é primordial ao trabalho do escritor de ficção a questão documental, ainda que ela esteja presente de forma secundária. Se considerarmos que no Brasil a busca de uma identidade foi compromisso de toda a cultura que incluiu os letrados da história e da literatura, podemos compreender por que débeis eram as fronteiras que separavam ambas as áreas. O autor mostra que o culto ao fato, que penetrara na história neste período, contaminou a literatura:

Esse domínio da história factual interferia na produção literária do século, tanto de dentro quanto de fora. De dentro da produção literária, fazendo com que o gênero dominante, o romance, antes assumisse uma linha coerente com Fielding do que com Stern, e, assim, se mostrasse como

¹⁸⁴ PILLAR, Thanira Chayb. “A literatura na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro de 1839 a 1869”, estudo desenvolvido dentro do Centro de Pesquisas Literárias na linha de pesquisa de História da Literatura do Curso de Pós-Graduação da PUC-RS.

¹⁸⁵ LIMA, Luis Costa, *Sociedade e discurso ficcional*, Rio de Janeiro, editora Guanabara, 1986, onde analisa as condições de controle com que o discurso ficcional foi controlado no Ocidente desde o início dos tempos modernos.

¹⁸⁶ LIMA, op. cit. p. 191 a 196.

uma sucursal da história. (Ranke conta que seu entusiasmo por Walter Scott só cessou quando descobriu que a história era ainda mais cativante.) Fora da produção literária, tal influência se mostrava no fato de que a maneira mais sistemática de se estudar a literatura consistisse em desdobrá-la em uma diacronia nacional.¹⁸⁷

A literatura deste período, portanto, para ser levada a sério, para ser considerada como tal, devia ser dissecada como um fato e só um fracasso deste absolutismo factual dentro da historiografia poderia levar a literatura a refletir sobre as suas especificidades.

As reflexões de Antônio Cândido sobre a época das Luzes no Brasil¹⁸⁸, que coincidiu com o processo da Independência e a decorrente superação do regime colonial, destacam a concepção pragmática da inteligência nacional através da confiança na razão e na ciência, que interferiram na atividade literária no Brasil, colocando o labor literário numa condição inferior, diante da tarefa maior, que era pensar e debater os problemas sociais.

No caso de Antônio Álvares Pereira Coruja, ele contribuiu para a Revista do IHGB através de pesquisas sobre a história do Rio Grande do Sul e especialmente na área da filologia, como no caso da sua "Coleção de Vocábulo e Frases Usados na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul", publicada na Revista de 1852 e que teve uma segunda edição, em 1857, de apenas 25 exemplares, às custas do Príncipe Luís Bonaparte, em Londres. Nas obras sobre

¹⁸⁷ Idem, p. 233

¹⁸⁸ CÂNDIDO, op. cit. pp. 227-267.

o Rio Grande, Coruja desenvolveu seus conhecimentos e atividades de pesquisador e filólogo.

Os estudos de filologia colocam Coruja no mesmo rol dos pensadores que, neste período, dedicaram-se a pensar a identidade nacional, o que fez através das discussões sobre a criação de uma língua brasileira. Em "A natureza da língua do Brasil e sua ligação com uma construção do nacional, no século XIX", Lygia Maria Gonçalves Trouche destaca os debates que existiram entre os estudiosos do Brasil sobre a nossa língua, nos quais Coruja foi um precursor. Nos textos do século XIX, é possível encontrar aproximações e desvios de sentido sobre a natureza da língua do Brasil e sua ligação com uma construção do nacional.¹⁸⁹

A "Coleção de Vocábulo e frases usados na província de São Pedro do Rio Grande do Sul"¹⁹⁰ foi a primeira e relativamente original contribuição de Coruja para a Revista do IHGB. No texto Coruja afirmou esperar que seu trabalho servisse de incentivo para outras iniciativas deste tipo, nas demais províncias do Brasil. O seu texto mostra que usos, costumes e intercâmbios com países vizinhos e com indígenas justificavam a existência de um vocabulário estranho ao restante do país, mas nem por isso tratava-se da contaminação por uma língua estrangeira, que pudesse impedir que o Rio Grande participasse do projeto nacional de construção de uma identidade cultural e lingüística. Muitos destes

¹⁸⁹ TROUCHE, Lygia Maria Gonçalves "A natureza da língua do Brasil e sua ligação com uma construção do nacional, no século XIX" *Cadernos do V Congresso Nacional de Lingüística e Filologia*, série V, nº 04 _Lingüística e Gramática da Língua Portuguesa

¹⁹⁰ CORUJA, Antônio Álvares Pereira, "Coleção de Vocábulo e frases usados na província de São Pedro do Rio Grande do Sul" in Tomo XV da *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, 1852.

vocábulos, afirma o autor, “são tirados por analogia, outros desviados de seu sentido natural e óbvio para os adaptarem as suas necessidades, outros (muitos poucos) alterados na pronúncia, outros finalmente inventados ou procedentes de alguma origem talvez desconhecida”.¹⁹¹

Pode-se analisar aqui a formação ilustrada que Coruja possuía e que influenciou na sua trajetória intelectual. Coruja participava, desde que vivia em Porto Alegre, da maçonaria, entidade que teve uma participação fundamental na formação intelectual do Brasil deste período. A partir de 1800, registra-se uma multiplicação de lojas, inspirando a formação de grupos interessados na difusão do saber e no culto à liberdade¹⁹².

A ligação da maçonaria com o Iluminismo pode ser apontada desde os tempos da Revolução Francesa. Importante instituição do Antigo Regime foi responsável por expandir idéias e práticas do Iluminismo na França, onde o debate político e o acesso à vida pública só era possível a quem obtivesse títulos de nobreza. Nas reuniões da maçonaria, os burgueses encontravam espaço para também participar da vida política da nação.

Uma das características da forma como estes homens pensavam a política está na questão da formação moral. A essência de todas as sociedades maçônicas é partilhar de um segredo, unindo seus membros através de um elo que não tem natureza religiosa, nem política, mas sim moral. Ao separar o campo

¹⁹¹ CORUJA, Idem, p. 120.

¹⁹² CÂNDIDO, op. cit. p. 233.

da política do campo da moral, aos maçons tinham duas frentes de combate: a Igreja, tradicionalmente a guardiã da moral, e a monarquia.

É bastante provável que foram os ideais desencadeados a partir das reuniões na Maçonaria que influenciavam as convicções políticas de Coruja no processo da Revolução Farroupilha e acabaram por afastá-lo da cidade de Porto Alegre em 1836. As lojas Maçônicas exerciam funções dos partidos políticos, dos jornalistas e mesmo das universidades: “um toque de reunir para os homens interessados na cultura e na política.” Ainda, segundo Antônio Cândido, elas “congregaram e poliram patriotas, serviram de público às produções intelectuais, contribuíram para laicizar as atividades do espírito, formularam os problemas do país, tentando analisá-los à luz das referências teóricas da Ilustração”¹⁹³.

Em Coruja, os ideais cultivados no seio das reuniões da maçonaria possibilitaram a formação de um cidadão defensor da moral e do conhecimento, amante da filantropia. Coruja fundou no Rio de Janeiro, no dia 08 de novembro de 1857, a Sociedade Riograndense Beneficente e Humanitária, que visava reunir os gaúchos “de posses” residentes na Capital do Império para ajudar os gaúchos “necessitados” no Rio de Janeiro, inclusive proporcionar meios para o seu retorno à terra natal. Os seus atos foram reconhecidos oficialmente através do Decreto 2933 de 11/06/1862, assinado pelo Conselheiro do Estado, o Marquês de Olinda e cancelado por Sua Majestade o Imperador Dom Pedro II, lhe concedendo a “Autorização de Atuação Beneficente e Humanitária”.

¹⁹³ CÂNDIDO, op. cit. p. 234.

Percebe-se que Coruja mantinha excelentes relações na Corte, especialmente para quem havia chegado ao Rio de Janeiro oriundo de uma província marcada pela luta farroupilha, na qual havia sido preso como rebelado e da qual, não sendo um representante da elite, recebera condecorações oficiais.

No IHGB, Coruja pode alimentar sua veia política, através da postura do cidadão intelectual cujo ideal de dignidade era a participação nos problemas sociais do país, sem que obrigatoriamente isto significasse uma atuação partidária.

Nas Antigualhas, as autoridades políticas aparecem como um motivo quase constante de escárnio e o autor se coloca numa atitude de distanciamento. O exemplo mais notório está no relato do governador que resolveu "governar os vereadores militarmente" e mandou fechar os portões da cidade para impedir que eles retornassem para Viamão após uma sessão na câmara situada na capital. Perguntado porque desta atitude, que de fato era um castigo do governador diante de uma negativa dos vereadores de aprovar o conserto de uma ponte, respondeu que era para eles, os vereadores, "assistirem as Ladainhas de maio" ¹⁹⁴, como se estivesse tratando com crianças e a elas quisesse dar uma lição.

Outro exemplo da conduta de Coruja em relação à política e à cultura pode ler abaixo:

A propósito da Câmara, conta-se que mandando ela lavrar um edital com postura que proibia andar a galope dentro da vila, o escrivão, entramelando-se-lhe a pena, escrevera que era proibido andar *galo-*

piando, nome que não esqueceu aos gaiatos daquele tempo, e que tem chegado até nós.¹⁹⁵

Esses temas serviam para alimentar as conversas em que os cidadãos se reuniam para se divertirem com a falta de cultura de muitos políticos da época, contados episódios, que se tornariam folclóricos, como o seguinte:

A lei de 1 de outubro de 1828, que transformou em câmaras municipais os antigos senados das câmaras, determinou em seu artigo 39 que as câmaras em sua primeira reunião examinassem e reorganizassem as suas posturas para submetê-las à aprovação dos conselhos gerais das províncias.

A de Santo Antônio da Patrulha, querendo dar execução a esse artigo, incumbiu esse trabalho a um advogado de nota, aprovado em "direito jurídico", o qual, entre outros, escreveu o seguinte: "*É proibido andar solto pelas ruas e praças desta vila gado vacum, cavalum, ovelhum e cabrum*". Um dos vereadores, a quem a postura não agradou, mandou consultar na cidade a um amigo muito nosso conhecido, que lhe deu a seguinte resposta: - A postura está muito bem redigida; só lhe falta acrescentar - "*cachorrum e porcum*." ¹⁹⁶

Homem ilustrado, defensor da educação e do conhecimento, realizava sua crítica aos políticos através do relato cômico. "O nosso mundo edil é mesmo assim"¹⁹⁷, exclama Coruja.

¹⁹⁴ CORUJA, op. cit. p. 16.

¹⁹⁵ CORUJA, op. cit. p. 26.

¹⁹⁶ CORUJA, op. cit. p. 53.

¹⁹⁷ CORUJA, op. cit. p. 17. O autor refere-se aqui à Guarda Municipal que foi destruída em Rincón de las Gallinas por Fructuoso Rivera em 1825, segundo nota de Sérgio da Costa Franco, p. 39.

Logo chegado ao Rio de Janeiro, o sentimento de responsabilidade dos intelectuais sobre os rumos políticos e sociais do país levou Coruja a produzir trabalhos de pesquisa mais científica.. O avançar da idade possibilitou emergir uma trabalho de caráter mais subjetivo, que são as crônicas memorialísticas. Mas, ainda assim, nem nas “Antigualhas...” ele abandona seu compromisso para com a verdade, para com o rigor da pesquisa:

Nem se admirem de ver nome no plural com artigo no singular, pois mais adiante terão de ver nome masculino precedido de artigo feminino, e outro feminino com artigo masculino.¹⁹⁸

O autor não se sente livre para brincar com as palavras e necessita explicar que o mau uso dos artigos no texto não ocorre por erro seu, mas por ser esta uma característica de muitas das alcunhas por ele citadas, neste caso, a Rua do Nabos a Doze. Ele não quer ser julgado por trocar os artigos.

A sua missão de homem de letras aparece com frequência. Na crônica publicada na Gazeta de Porto Alegre de 6 de fevereiro de 1884, Coruja elabora uma Lição de História, onde aponta e analisa um erro no registro de um fato e faz uma crítica bem-humorada à forma de como se escreve e se publica, em periódicos, a história do país.

Em uma delas, com o título de *Folhinha de desfolhar*, se lê o seguinte, em grandes caracteres:

Terça-feira

Janeiro

15

Santo Amaro Abb.

¹⁹⁸ P. 13.

1827 – O Sr Dom Pedro I recebe em campanha a notícia do falecimento de S. M. a Imperatriz.

Se eu fosse da redação da *Gazeta de Notícias* ou da *Folha Nova*, exclamaria logo: - *Hom'essa!* O Imperador foi à campanha e está lá nesse dia?

Para contrariar essa notícia basta recorrer aos jornais do dia 16, os quais todos anunciam que D, Pedro I, com sua comitiva, chegara na véspera à corte..

Em conclusão:

C'est ainsi qu'on écrit l'histoire.

Isto agora é francês muito sabido e quer dizer: É assim que se escreve a história... e as folhinhas.¹⁹⁹

Aqui se está diante do cidadão que toma para si a responsabilidade de atentar para a verdade, posicionando-se em relação aos erros e eventuais equívocos, os quais está preparado para corrigir, defendendo a História do Brasil.

A obra de Coruja cronista e memorialista, enfim, nem pode ser classificada como Literatura, por seu compromisso com a verdade, nem pode ser classificado como História, porque o ideal de ciência exigia um tratamento objetivo com documentos oficiais. Enquanto o Iluminismo europeu distanciava cada vez mais a Literatura da História, uma cada vez mais próxima da imaginação e a outra comprometida de forma crescente com o controle da ciência, o Iluminismo, no Brasil, se depara com o cenário da formação da identidade nacional.

¹⁹⁹ CORUJA, op. cit. p. 60-1.

3.5. “Antigualhas...“: novas fronteiras, elementos para uma identidade das ‘pessoas comuns’

Se tomadas no escopo da produção literária do período de sua publicação, as crônicas memorialísticas “Antigualhas...” ocupam um outro espaço de transição, pois a literatura, no final do século XIX, é marcada pelos debates acerca do romantismo e do realismo no Brasil. Não de forma mecânica e nem acabada, neste período, o estilo romântico na literatura vai conviver com um estilo que responde aos anseios desta nova forma de vida, urbana e burguesa, chamado de Realismo.

Como já apresentado, as mudanças percebidas no cenário urbano de Porto Alegre e Rio de Janeiro, no período que vai principalmente de 1845 até o final do século XIX, não são um fenômeno isolado. Trata-se de transformações no panorama geral dos países que possuíam laços históricos, como é o caso da Europa com a América, em todos os aspectos da sociedade, quer seja no plano material, com as estruturas de saneamento e urbanização, ou no plano mental, com os valores e as formas de expressá-los.

Ainda que não seja propósito desta análise aprofundar o tema, a definição dos períodos literários baseia-se na existência de algumas entidades com uma coerência interna que possibilita uma divisão, que se justifica pelo valor

pedagógico que possui. Segundo Reis, para compreender os períodos literários, é necessário considerar os aspectos de sua existência histórico-cultural.²⁰⁰

O realismo, como atitude, caracteriza-se pela observação direta da vida e por sua representação exata, e é uma constante universal que sempre existiu na arte, em oposição à atitude romântica, marcada pela fantasia. Enquanto período literário, com contornos cronológicos mais ou menos definidos, o Realismo se desenvolve no Brasil no final do século XIX, quando Coruja escreve as crônicas memorialísticas “Antigualhas...”

Quando a decadência da produção açucareira sinalizou um momento de transformações em todo o mundo capitalista, as idéias liberais, abolicionistas e republicanas aqueceram os debates e outras formas de expressão literária começaram a se desenvolver. O ponto mais alto da prosa realista está na ficção de Machado de Assis (1839 -1908), sobretudo a partir das “Memórias póstumas de Brás Cubas”, de 1881. O realismo é, segundo Bosi:

uma grande mancha pardacenta que se alonga aos nossos olhos: cinza como cotidiano do homem burguês; cinza como a eterna repetição dos mecanismos do seu comportamento; cinza como a vida nas cidades que já não se unificava em todo o Ocidente.²⁰¹

²⁰⁰ REIS, Carlos. *O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários*, Coimbra, Editora Almediana, 1995, p. 107.

²⁰¹ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1987, p. 187.

Conforme nos mostra o autor, o Realismo está relacionado com uma forma de existência urbana e burguesa, caracterizada pelas transformações deste período de surgimento da cidade moderna.

As crônicas memorialísticas de Coruja trazem o tom nostálgico do passado perdido, a visão idealizada de um passado que mostra uma cidade tranqüila e feliz, que transforma seus problemas em fatos folclóricos, típicos de um atitude romântica. Mas a sua forma expressa características do Realismo, como a ênfase na observação e representação da realidade, com profusão de detalhes. A subjetividade, esteio da atitude romântica, em Coruja, é controlada pelo comprometimento com o social, mas é pulsante, na memória que recorda uma cidade feliz.

Entre o romantismo e o realismo, no Brasil, poderíamos estabelecer muitos pontos em comum, considerando que ambos se basearam no princípio canônico de que “a literatura deve nascer da observação da terra e dos costumes”²⁰², mas as Antigualhas podem ser consideradas uma forma da transição de um período literário para outro, pela convivência de características de atitudes estéticas opostas.

Um romance considerado precursor do realismo no Brasil é “Memórias de um sargento de milícias”²⁰³ de autoria de Manuel Antônio de Almeida (1831-1861), que foi publicado em folhetins semanais nos anos de 1852 e 1853. Neste período, o romantismo ainda caracterizava a literatura nacional, arrancando

²⁰² LIMA, op. cit. 218.

lágrimas dos leitores, moços e moças das classes altas em busca de entretenimento, que se projetavam nos heróis e heroínas que, segundo Alfredo Bosi, nos romances encontravam um modo de fuga que, de outro modo, não se vivenciava no ritmo vegetativo da sociedade conservadora do período imperial²⁰⁴. De leitura acessível, repudiando os padrões clássicos, valorizando a liberdade, o romantismo foi a expressão da busca e definição de uma história própria, da criação das origens, da descoberta de uma identidade, que, como se viu, expressou-se também na historiografia. Na transição entre o Romantismo para o Realismo, as “Memórias de um Sargento de Milícias”, possuem o compromisso romântico com a questão da identidade nacional, tratando de um passado recente, o período de D. João VI.

Em “Memórias de um Sargento de Milícias”, encontra-se um traço primordial da crônica que Coruja vai elaborar, ressaltados os elementos que ligam Coruja à preocupação de escrever crônicas memórias da cidade de Porto Alegre, que é retratar o povo em sua simplicidade, malícia e humor.

Diferentemente de Coruja, que espera estar falando de pessoas que realmente existiram, Almeida criou personagens fictícios, mas os seus personagens em muito se assemelham aos recuperados pela memória de Coruja. Manuel Antônio de Almeida elaborou um romance de costumes com ênfase nos personagens das classes baixas, vivendo toda a sorte de acontecimentos comuns,

²⁰³ ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*, São Paulo. Ática, 1985.

²⁰⁴ BOSI, op. cit. p. 142.

inseridos na sociedade de seu tempo, onde estão presentes os vínculos e as características próprias do país recém-independente.

Embora a diferença de objetivo de cada um dos autores, Coruja e Almeida, eles possuem muitas semelhanças. O texto de Coruja, produzido posteriormente ao de Almeida, inicia com uma descrição de ruas do centro da cidade de Porto Alegre.

No tempo em que se vendiam os ovos a dois e três por um vintém, se fazia nas tabernas melado com água e no *açougue* (digo açougue no singular porque só havia um) se vendia a libra de carne a vintém ou quinze réis, parece que se vendiam *nabos* a *doze* por um vintém, e quem os vendia, se é que os vendia, era um tal de José Antônio da Silva, esmoler-mor da pobreza, que de parceria com sua vizinha Ângela, tinha um *arremedo* ou *frege* de casa de saúde na Rua do Arroio mais ou menos onde morreu o Pedro Jacaré. Isto é, na Rua da Igreja para os lados da do Arvoredo; o certo é que a esse pedacinho se chamou então de *Nabos a Doze* ou simplesmente a Rua do Nabos.²⁰⁵

Manuel Antônio de Almeida assim introduz sua história:

Era o tempo do rei.

Uma das quatro esquinas que formam as Ruas do Ouvidor e da Quitanda, cortando-se mutuamente chamava-se naquele tempo "O canto dos meirinhos". E bem lhe assentava o nome, porque era aí o lugar de encontro favorito de todos os indivíduos dessa classe (que gozava então de não pequena consideração).²⁰⁶

²⁰⁵ CORUJA, op. cit. p. 13.

²⁰⁶ ALMEIDA, op. cit. p.9.

As suas “*Memórias de um Sargento de Milícias*” são escritas na terceira pessoa e memória aqui significa não mais do que uma narrativa inventada de acontecimentos passados. Coruja, por sua vez, escreve na primeira pessoa e pretende fazer “*Reminiscências*”, lembranças de fatos acontecidos no passado.

Para escrever sua história, Manuel Antônio de Almeida, como Coruja, utilizou um arquivo de informações como indumentárias, culinária, festas, nomes de ruas e a língua falada. Certamente não era seu objetivo de ambos os autores a exatidão dos fatos. Coruja afirmou que não visava “fixar datas”²⁰⁷ e o uso do anacronismo, por exemplo, foi um recurso utilizado deliberadamente para dar mais dinâmica a um pequeno romance que inventou dentro da crônica.

As relações entre o sexagenário professor Coruja e o jovem Almeida, que possuía apenas 21 anos quando da publicação das “*Memórias de um sargento de milícias*”, não se podem precisar. Manuel Antônio de Almeida chegou a polemizar com Varnhagen sobre a questão da identidade e da literatura²⁰⁸ o que mostra estar sintonizado com os debates do IHGB, do qual Coruja neste tempo também fazia parte.

Enquanto o primeiro cria uma memória para um outro inventado, o segundo acredita trazer a memória de si mesmo, que acaba por criar um outro, também inventado: a cidade. Mas, fundamentalmente, em ambos há uma narrativa sobre a vida urbana de pessoas comuns, uma exposição da mundo

²⁰⁷ CORUJA, op. cit. p 27.

²⁰⁸ “*Memorial Orgânico*”, publicado nas páginas da revista Guanabara em 1850 por Varnhagen gera muitas polêmicas inclusive uma com Antônio Manuel de Almeida. Ver: “A historiografia

cotidiano dos habitantes anônimos das cidades do Rio de Janeiro e de Porto Alegre.

Manuel Antônio de Almeida, como Coruja, possuía origem humilde. Coruja diferenciava-se dos demais homens de letras do IHGB, por não possuir formação acadêmica e por não trabalhar na burocracia do estado monárquico. Mais autodidata e menos ligado à vivência oficial, ele não pode ser enquadrado na elite rural, que era a detentora do poder militar, político ou econômico do Brasil Imperial. Fracassou nos seus intentos de entrar para a elite através da política e através dos negócios e ficou em uma fronteira social onde, entre os letrados, era, seguramente, dos mais pobres. Nas “Antigualhas...”, ele não poupa críticas à burocracia do reino:

Uma lição de estatística – Tenho defronte de mim um manuscrito inédito que diz o seguinte.

Desde 1837 até 1884, o Rio Grande do Sul tem tido:

Comandantes – 4

Governadores – 10

Capitães-generais – 4

Triunvirato – 1

Junta Governativa – 1

Presidentes – 53

Vice-presidentes – 32

Soma: 105

Em resumo:

De 1737 até 1822 (Brasil-Reino), 85 anos, foram bastante para governarem ... 19

De 1822 até 1884 (Brasil Império), 6 anos têm sido precisos,, 86

Soma:...105

(...)

Findou aqui o manuscrito, que podia ser mais longo, se seu autor quisesse entrar em apreciações, sempre odiosas quando estão vivos os apreciados ou seus descendentes próximos. E findou-se aqui esta primeira lição.”²⁰⁹

Esta lição de estatística Coruja ofereceu ao público em 1884, quando já afastado do IHGB, e quando já os rumos da política nacional aproximavam-se do auge da crise definitiva da monarquia, em 1889.

Para efeitos desta análise, procura-se mostrar que as crônicas memorilísticas de Coruja contribuem para mostrar que os conceitos da Literatura baseada na substancialidade dos gêneros, das escolas, dos conceitos excluíram escritos que não conseguem ser abarcados pelos critérios pelos quais estas definições são baseadas, criando um espaço híbrido e de fronteira que é habitado por um universo significativo de trabalhos que também compõe a história e a cultura da sociedade. Além do mais, este espaço no Brasil foi alargado com o desenvolvimento de uma literatura presa aos moldes da história factual.

A análise de “Memórias de um Sargento de milícias” mostra que mesmo os limites dentro da própria literatura entre períodos literários possuem fronteiras e apresentam situações híbridas que desafiam os conceitos reguladores. Nesses espaços, encontram-se obras que revelam situações inéditas da Literatura oficial que partilham com outros textos preocupações similares, como a de registrar a vida de personagens ausentes da Literatura oficial ou não idealizada por ela.

4/02/2004, <http://www.historiadoreletronico.com.br/secoes/faces/96.html>.

²⁰⁹ CORUJA, op. cit. p. 59.

Ainda é possível que a condição social de Coruja o tenha colocado em uma situação de compromisso com setores da sociedade diferentes da elite. Desde seus trabalhos de filologia, ao incluir palavras do vocabulário indígena e referentes a objetos, trabalho e costumes utilizados dos homens da campanha, o autor integrava à língua nacional elementos “menos civilizados”, o que mostra que, mesmo em se tratando de filologia, sua noção identitária para o Brasil incluía ‘as pessoas comuns’.

É possível que, por opção, disposto a percorrer o passado sem grandes compromissos, pareçam modestos os seus objetivos enquanto literato. Não lhe seduzia a história épica que caracterizava a produção historiográfica oficialmente reconhecida como tal e que tinha, em Visconde de São Leopoldo, seu padrão mais elevado. Como afirmou Guilhermino Cesar, Coruja “escarafunchava” a história. Falava do pequeno, contava para as pessoas, em tom quase íntimo, as coisas da cidade onde vivera mais de 30 anos. Não é que ele não tratasse dos grandes temas da História Nacional, mas o fazia sob o ponto de vista do cidadão comum, como mostra sua versão sobre a Independência do Brasil, através de um fato ocorrido em Porto Alegre:

Estávamos no ano 1823, em princípios da Independência, época crítica, em que ainda uns pretendiam abrilhantar os vidros de sua botica com as Cortes Gerais Extraordinárias e Constituintes da nação portuguesa vociferando às bandeiras despregadas contra os pés de cabra e outros já se amenizavam com o distintivo de “Independência ou Morte” dizendo cobras e lagartos contra os pés-de-chumbo; se uns andavam de orelha em pé, outros traziam a pulga na orelha; todavia, nunca chegou a haver

conflito sério; houve porém contusões parciais, sendo algumas a fio de espada.

(...) Saldanha, ou por desgostoso ou por convicções próprias, não aderindo à causa da Independência, deixara o governo e se retirara, ficando em seu lugar João de Deus, cujo filho, o coronel José Luis Menna Barreto, comandava o corpo de guaranis.

Estes (os guaranis), tendo por orago de sua devoção a Santa Bárbara, tinham de festejá-la com as músicas do costume, com seus cavalinhos de madeira enfeitados, fingindo contradanças na frente do quartel, e outros brincos próprios dos caboclos.

Como acima disse, havia prela em pé e pulga na orelha e o povo, principalmente o feminino, andava assustado.

Havia nesse tempo na igreja matriz às 4 horas da manhã uma missa chamada da madrugada, a que concorria muita gente por causa dos calores do dia; estávamos em 4 de dezembro, dia em que a igreja soleniza Santa Bárbara; o templo estava literalmente cheio de fiéis; e os guaranis, tendo vindo dos lados do Arsenal para tocar a retreta às portas do palácio, não tinham sido pressentidos pelos que ouviam a missa.

Quando inesperadamente se ouviu o rufo de dúzia e meia de tambores, um dos ouvintes da missa, assustando-se, foi cometido de um ataque e caiu sobre os vizinhos; ouviu-se de trás uma voz que dizia: "Levante-o"; os circunvizinhos bem sabiam de que se tratava; porém os mais distantes só ouviam "Levante".

A cena que daí se seguiu, não se pode descrever; houve gritos, choros e lamentos; os que tinham visto e ouvido foram obrigados pelo tumulto a sair; e a quase totalidade dos assistentes barafustou para a sacristia, onde, quebrando telhas e pulando janelas, foram muitos arrombar a porta do Cemitério a procurar a paz dos mortos, ficando na igreja somente o padre José de Freitas Castro no altar, sem acólito, e o velho Manoel Vaz Ferreira, que não foi levado pela turbamulta por se ter amparado com a pia de água benta, que como se sabe, é saliente da parede.

O resultado, como é de prever, foi ficar a igreja alastrada de chapéus, bengalas, sapatos, chinélos, lenços, baetas, mantilhas, pentes, e até de

defuntos e chouriços, espécie de enchimentos então usados nos cabelos das damas.

Os guaranis passaram depois pela porta da igreja tocando a sua música, e ignorando o que por causa deles se passara.”²¹⁰

Os estudos sobre o processo da Independência do Brasil têm o seu lugar garantido nos arquivos oficiais e nas análises históricas. Porém a forma de como este momento político penetrou no cotidiano dos moradores de Porto Alegre expressa-se em fontes como as crônicas aqui analisadas.

Ele fugia dos padrões de uma história com *h* maiúsculo e também não era possível classificá-lo dentro das correntes tradicionais da Literatura. Ele foi político, mas não conseguiu ser um grande político. Nem conseguiu ser um grande banqueiro. Num país onde a educação é questão menor, conseguiu ser, sim, um grande professor. Um grande escritor de livros didáticos. Também no campo da produção escrita conseguiu, no máximo, ser grande naquilo que era considerado menor: a crônica e a memória.

O velho professor mostra sentir-se muito à vontade para escrever suas crônicas sobre a cidade, utilizando fatos retirados da memória e com eles recriando um ambiente de época. Ele não pretendia escrever a história da cidade, mas reviver o passado, reviver no sentido de repetir vivências passadas. E esta pode ser considerada a contribuição mais preciosa de suas crônicas que, no plano das representações, no exercício da literatura, se converte em fonte da história.

²¹⁰CORUJA, op. cit. 38-92. Grifos do autor.

3.6. A cidade de Coruja

A análise de um 'romance feito às pressas', criado, segundo Coruja, com o objetivo de mostrar o quanto eram usadas as alcunhas naquele tempo, que integra as "Antigualhas...", pode mostrar alguns sinais do valor das crônicas memorialísticas de Coruja para o leitor portoalegrense do final do século XIX. Trata-se da história de um tal Pisa-flores de Figueiredo, que, após mandar fazer um traje novo, saiu no domingo, a passear pela cidade.

Estando o fato pronto, escolheu o domingo; e logo cedo, depois de ter lido o *Federal* do Capororoca e de mandar frisar os cabelos pelo Carrapatu, dirigiu-se à igreja a ouvir a missa do Padre Vira Cambota, acompanhada a órgão pelo Inácio Músico, e assistindo de opa e tocha os dois inseparáveis Boca-Negra e Saca-rolhas.* Este era assim chamado porque trazia caídos pela testa abaixo molhozinhos de cabelos enroscados como cachos de moça.

Além de outras pessoas, assistiram à missa o Espada Preta e Joaquim-Pintor, ambos de capote; a Faz-Tudo de casaca alvadia de gola em pé e bengala de castão duplo (usos daquele tempo); o Nariz-de-Papelão, de calça justa e sapatinhos de mulher a ler de óculos o seu livrinho; e a Isabel Beata, de mantilha, que levou toda a missa a remexer uma camisinha que levava para o Menino Jesus não sei de que santo.

Como o dia estava sombrio, o senhor Pisa-Flores quis dar um passeio a cavalo, e subindo ao alto da Bronze, foi alugá-lo ao Luís Nenhures, e enquanto se encilhava este, (o cavalo, não o Nenhures) divertiu-se ele em ouvir uma conversa muito anilada entre o Melado e o Pedro Mandinga, sobre as novidades da véspera à noite.²¹¹

²¹¹ CORUJA, op. cit. p. 27.

Assim segue Pisa-Flores no seu passeio a 'trote chasqueiro' pela cidade. No caminho, encontra dezenas de pessoas, nomeadas pelas alcunhas mais exóticas, suas vestimentas descritas com detalhes, acrescidas de referências aos seus hábitos que recriam um cenário rico de personagens em ação e trazem à tona um clima pitoresco, com sabor de passado.

No "romance", pode-se acompanhar os hábitos da época, como o hábito de os homens mandarem frisar seus cabelos, o assistir a missa pela manhã, o passeio a cavalo, a camisinha tecida para o Menino Jesus. A riqueza de detalhes aproxima o leitor das coisas comuns, como as vestimentas usadas pelos personagens reais que inventou: o capote, a casaca alvadia de gola em pé, a mantilha da beata, a calça justa e os sapatinhos de mulher nos pés do Nariz-de-Papelão.

A sua descrição objetiva compor e revelar cada um dos personagens, oportunizando que eles sejam reconhecidos. Ao leitor da crônica, era possível criar uma representação articulando o passado nela inscrito com o presente fixado na própria existência, expresso nas marcas do passado ainda presentes na cidade. Há os amigos inseparáveis, o que veste sapatos de mulher, a beata. Definindo as tarefas de prestação de serviços torna possível identificar-se as pessoas, possivelmente as únicas na cidade dedicadas a estes serviços. O Capororoca oferta o Jornal; o Carrapatu frisa os cabelos; o Padre Vira-Cambota reza a missa dos domingos, o Inácio Músico toca órgão na Igreja; o Luis Nenuires aluga cavalos. Suas identidades estão relacionadas ao trabalho, o que

possivelmente desaparecerá com o crescimento da cidade, que transforma os seus moradores em habitantes anônimos.

O humor é o traço escolhido pelo autor para prender o leitor. Assim o texto é atraente também aos que não tiveram a oportunidade de conhecer os personagens por ele citados, pois está repleto de anedotas, brincadeiras, olhares maliciosos, personagens folclóricos, cheios de graça. Os molhozinhos de cabelos do Saca-Rolhas, os sapatinhos de mulher do Nariz-de-Papelão e o quase encilhamento do Nenhures são recursos que além de criar um ambiente que parece ser conhecido de todos, um passado comum a todas as cidades pequenas, uma memória coletiva que se baseia em situações típicas, também divertem o leitor.

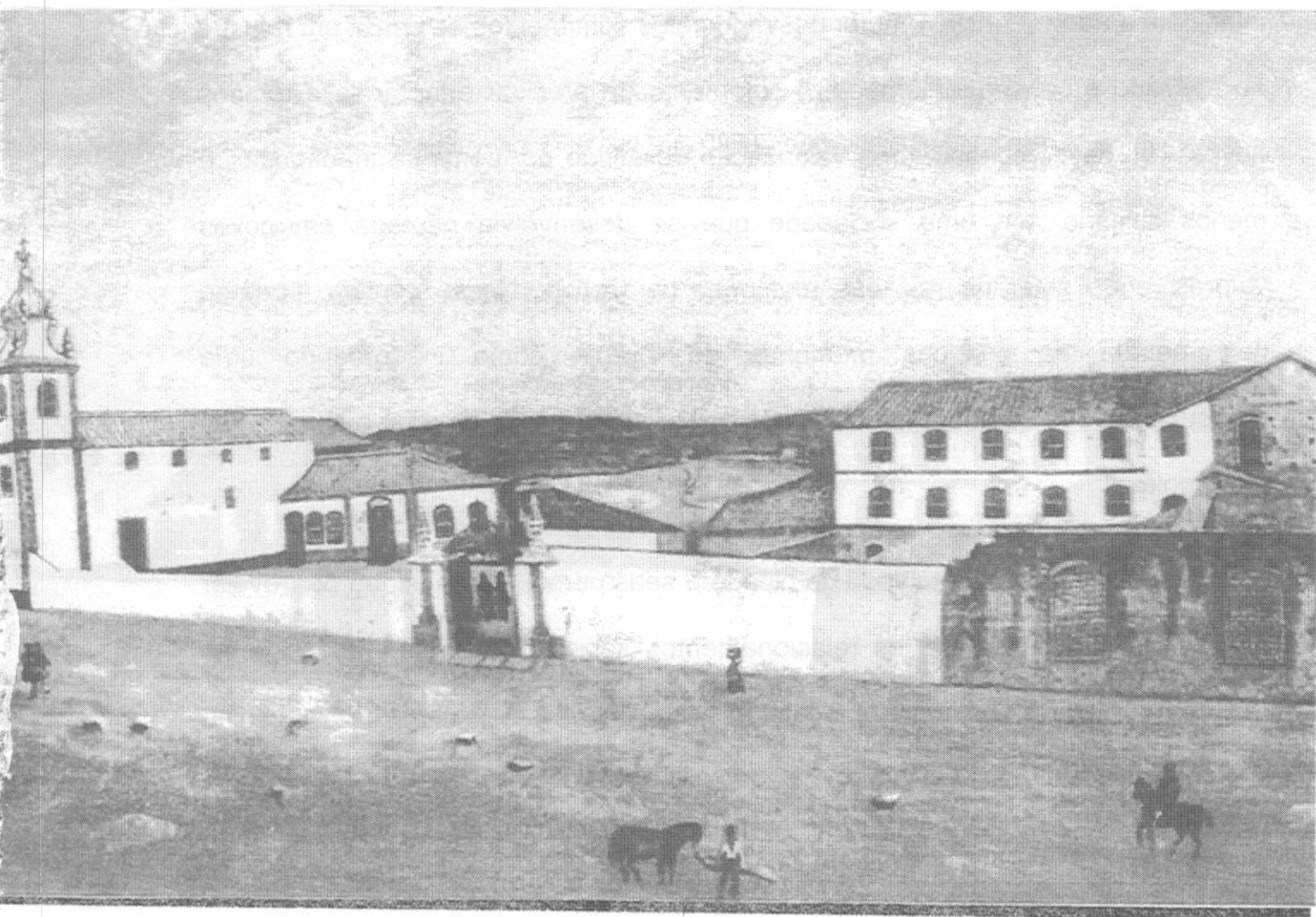
Para dar dinâmica ao texto, ele mesclou personagens de diferentes épocas. Seu objetivo não é traçar uma cronologia dos acontecimentos do passado da cidade de Porto Alegre, mas reviver um ambiente, um clima que não voltará, na medida em que grandes alterações do espaço urbano avançam inexoravelmente. No plano mental, onde homens de bem buscavam cultivar formas elevadas de cultura e do espírito, o período caracterizava-se também pela melancolia de uma etapa onde a história e as tradições da cidade iam deixando de existir com a modernização do espaço urbano, com a criação de novos valores.

Pesavento²¹² vê neste esforço deliberado "uma articulação entre produção e consumo, uma interação entre escrita e leitura que faz da obra de

²¹² PESAVENTO, Revista Anos 90, op. cit, p.51.

Coruja uma atividade de "memória voluntária", à qual não faltam recursos estilísticos e estratégias de convencimento para oferecer ao público um produto que atenda ao horizonte de expectativas de uma cidade que cresce, que já se arvora a ter passado e que já qualifica o "velho de antigo", transformando temporalidades em "lugares de memória".

Apesar da ênfase da autora numa clara intencionalidade de Coruja, na sua memória voluntária, é possível apontar o aspecto subjetivo que pode estar camuflado na aparente consciência de Coruja quanto à função da sua tarefa de memorialista, das motivações pessoais que o levaram a escrever desta forma e que interferiram para criar a Porto Alegre de Coruja.



O desenho ilustra a Santa Casa de Misericórdia, e a Igreja de Nosso Senhor dos Passos, inaugurada em 1826, em terras de chácaras doadas pelo Brigadeiro Pinto Bandeira. Fonte: PESAVENTO, 1991. P. 33.

Suas intenções em relação ao passado parecem estar bastante claras.

Diz Coruja:

vou inventar um romance feito à pressa, que para muitos será enigma, mas que para outros fará despertar recordações adormecidas."²¹³

As suas memórias sobre a cidade podem ter sido motivadas pela consciência da necessidade de salvaguardar informações. Mas para recordar a infância e a adolescência, o autor é levado pelos sentimentos de perda em relação ao passado e conseqüentemente o sofrimento de precisar adaptar-se a tempos novos. Um descompasso, uma valorização do antigo por sentir-se inadequado e menos solitário, em uma sociedade que se desenvolvia pautada em novos valores, pode estar na raiz das memórias de Coruja. Nesse sentido, pode-se compreender as crônicas memórias de Coruja como inaugurando uma preocupação que será lugar comum nos textos sobre a vida urbana: a solidão das metrópoles.

A descrição detalhada da cidade e seus personagens acaba por revelar os valores que baseavam os relacionamentos sociais. Suas lembranças estão repletas de formas de representação da sociabilidade, de valores presentes no imaginário social da pequena cidade quase vila recriada na imaginação

memorialística de Antônio Álvares Pereira Coruja, perdidas no processo de transformação urbana em curso.

No espaço da crônica, a cidade é toda reconstruída através das lembranças que vão se conectando como as ruas que descreve. Entramos na Rua do Nabos a Doze e, em seguida, dirigimo-nos a outro pedaço da rua do Arroio, em direção à Igreja, até os Pecados Mortais. Entre estas, vemos o Alto de Manoel Caetano e o Alto do Senhor das Passos. No caminho que segue ainda entre muitas ruas, becos, quadras e praças, damos uma parada na fonte para conhecer um cágado solitário que sobreviveu às investidas de jovens alunos saídos da escola do professor Amansa Burros no período em que uma sentinela da guarda do palácio era deslocada para proteger o animal diariamente. Retirada a sentinela, o cágado morreu a pedradas.

Para passar de uma rua à outra na crônica, não é necessário que elas estejam ligadas, porque a lembrança de uma desperta a lembrança de outra e na imaginação saltamos de um ponto da cidade para seu oposto nesta conexão, provocada pelas recordações que vão se conectando no espaço mental do cronista e o do seu leitor. Como analisa abaixo Oliveira, sobre os cronistas da cidade:

Imagens e textos parecem sugerir estados de devaneio daquele que olha a paisagem e identifica-se com as singularidades e particularidades de sua história, seus marcos geográficos e seus personagens. Observação e fantasia criavam o espetáculo da cidade para os cronistas e os fotógrafos; lembrança e invenção teciam a história de caminhos, de acidentes

²¹³ CORUJA, op. cit. p. 27.

geográficos e de espaços físicos através dos quais eles vagavam e a descobriam.”²¹⁴

O historiador francês Roger Chartier tem elaborado importantes reflexões acerca da criação de uma nova História Cultural do Social, referindo-se aqui à clássica História Social da Cultura que, segundo ele, deixou de lado aspectos essenciais para se analisar a relação dos textos produzidos e o mundo social. Com o objetivo de analisar a cultura escrita da Europa no Antigo Regime, durante os séculos XVI, XVII e XVIII, o autor percorre e indica caminhos importantes para os historiadores que queiram analisar os textos e as formas de sua apropriação pelas sociedades do passado.

Ao considerar que a apropriação de uma leitura não pode prescindir da análise da materialidade do texto nem das formas de sua apropriação, Chartier estabelece as bases para o que chama de uma História Social da Cultura. Seu objetivo é compreender as práticas de sociabilidade relacionadas à produção e à apropriação das obras escritas. O alcance das pesquisas de Chartier não pode ser pensado para o caso deste trabalho, para a realidade que compreende esta pesquisa, tanto no que diz respeito à documentação, ou à falta dela, quanto ao que respeita ao período tratado, já que ele analisa três séculos de cultura escrita e de sociedade. No entanto, pode-se utilizar da experiência do historiador para aproximar alguns pontos do estudo das crônicas de Coruja.

O autor faz uma análise da história das apropriações e coloca em relevância as condições e os processos “que, muito concretamente, sustentam as

²¹⁴ OLIVEIRA, op. cit.

operações de construção do sentido”. Para Chartier, a articulação entre os recortes sociais e as práticas culturais envolvem o texto, o material impresso e a leitura.

As crônicas foram publicadas no Jornal a Gazeta de Porto Alegre, em um folheto e no Anuário. A área social por onde circulou o texto provavelmente estava circunscrita a alguns leitores da cidade de Porto Alegre, onde a identidade entre o texto e o leitor se daria com maior profundidade. A reedição do material comprova já existirem consumidores para este tipo de texto: crônicas de memória, crônicas sobre o passado.

Outro aspecto que Chartier aponta como fundamental para a compreensão da relação entre o texto e o leitor é a materialidade do texto: “não há compreensão de um escrito, seja qual for, que não dependa das formas nas quais ele chega ao seu leitor”²¹⁵, afirma.

A materialidade das crônicas, em sua primeira edição, provavelmente é o jornal e, portanto, isto implica considerar a fragilidade do material que deu suporte ao trabalho de Coruja. Chartier sustenta que as formas materiais que sustentam o texto contribuem para modelar as antecipações da leitura e para atrair o público.

No Brasil, o gênero conhecido como crônica vai se moldar ao seu veículo de transmissão que é o jornal, acompanhando, a partir dos anos de 1830 e

²¹⁵ CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002, p. 71.

1840, o desenvolvimento da idéia de jornalismo. Para entender a crônica, que se construiu no mesmo ritmo e sentido do desenvolvimento da imprensa, é necessário compreender como se estabeleceu esta relação. Dileta Silveira Martins, em sua tese intitulada "História e Tipologia da Crônica no Rio Grande do Sul", mostra que a crônica é a tradução brasileira do "essais" francês, definido como uma "dissertação sem método sobre assuntos variados em tom íntimo e coloquial".²¹⁶ Na França, a crônica ocupava no jornal o espaço denominado de "feuilleton", que já em 1799 dedicava-se à crítica diária da atividade dramática. No Brasil, o termo "feuilleton" foi traduzido para "folhetim". Era um espaço dentro do jornal ocupado por textos de ficção, variedades, culinária. Na sua origem, a crônica brasileira inspirou-se na crônica europeia do "feuilleton", mas ela aqui adquiriu autonomia, recebeu contornos singulares.

Conforme a análise realizada por Martins, a crônica, comparada com outros gêneros da literatura, é um fato moderno tanto pela sua localização temporal quanto pela forma que, contaminada com seu tempo, o representa.

"Submetendo-se aos choques da novidade", porque é de novidades que se faz o conteúdo jornalístico; "ao consumo imediato", porque o jornal servirá no dia seguinte de embrulho, substituído diariamente por outro; "às inquietações de um desejo sempre insatisfeito" porque ele nunca esgota os seus assuntos, suas possibilidades infinitas quanto às ações que ele relata; "à rápida transformação",

²¹⁶MARTINS, Dileta Silveira. *História e tipologia da crônica no Rio Grande do Sul*. Tese de Doutorado em Letras-PUC, Porto Alegre, 1984, p. 18.

porque o tempo acelera-se com o avanço tecnológico, estas características do jornal dão forma à crônica.²¹⁷

A crônica está limitada pelo tempo, porque o jornal é produzido diariamente, e o cronista deverá acompanhar este ritmo; limitada pelo espaço, porque ele terá uma coluna, um espaço predeterminado para preencher, respeitando a urgência de tudo o mais que ali vai escrito; limitada pelo conteúdo, porque ela integra um veículo da imprensa que tem suas exigências quanto ao assunto e quanto à abordagem, já que o seu objetivo é o leitor. E limitada pela forma, pois ela deve divertir, denunciar, informar, e... passar. Para Jorge da Sá, "é dessa economia que nasce sua riqueza estrutural".²¹⁸

Chartier faz, ainda, uma importante distinção entre as estratégias de escritura e as intenções do autor e a decisão do editor ou a imposição de uma oficina, pois os "autores não escrevem livros: não, eles escrevem textos que outros transformam em objetos impressos"²¹⁹

No caso de Coruja, é provável que a sua relação com os editores das crônicas tenha sido muito harmônica. Quando da fundação do Instituto Histórico e Geográfico da Província de São Pedro em 1860, presidido por José Feliciano Fernandes Pinheiro, Coruja foi indicado representante do órgão dentro o IHG Nacional, transformando-se no representante oficial da província nas solenidades imperiais. Von Koseritz, editor da Gazeta de Porto Alegre, mantinha com ele

²¹⁷ ARRIGUCCI JR., Davi. *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

²¹⁸ SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1985. (Série Princípios) p. 8.

²¹⁹ CHARTIER, op. cit. p. 71.

relações cordiais, apesar de tantos anos estar Coruja morando no Rio de Janeiro.

São palavras de Coruja:

Ilmo. Sr. Alfredo Varela Vilares

Rio de Janeiro, 16 de outubro de 1885.

Com um cartão de apresentação do meu bom amigo o Sr. Koseritz recebi sua apreciável carta de 4 de outubro do corrente ano pedindo esclarecimentos sobre...

Koseritz apresentou Varela a Coruja, indicando-o para auxiliar nas pesquisas que Varela realizava sobre a Revolução Farroupilha.

No ano anterior Koseritz havia publicado um interessante apelo na Gazeta, de 21 de abril de 1884:

Um apelo

Vamos dirigir mais um apelo aos leitores da Gazeta: tencionamos colecionar em nossas colunas, como outrora fizemos com as 'quadrinhas', o que resta de poesia anônima e tradição literária em nosso povo.

Os leitores sabem que a província vai rapidamente transformando-se, a civilização que tudo nivela e extingue todas as velhas diferenças típicas na vida dos diferentes povos, invadiu esta terra e disto ninguém se queixa.

É o progresso que apanhou a província em sua veda e que vai transformando-lhe o aspecto, os usos e os costumes."²²⁰

As palavras de Koseritz mostram que ele pode ter solicitado a Coruja que escrevesse para o seu jornal. Ele mostra ter consciência de que mudanças

profundas estão acontecendo na estrutura urbana da província e da importância de se guardar as coisas do passado antes que elas se percam definitivamente. Daí o apelo para que os leitores enviem à redação do jornal “*poesia anônima e tradição literária*” assim como já havia acontecido com as quadrinhas, o que pode indicar a instituição do passado como uma preocupação social do período.

As modificações urbanas da Porto Alegre da segunda metade do século XIX podem parecer pequenas aos nossos olhos e mesmo parecer sutis em relação a outros processos urbanos mais marcantes da nossa história, mas, aos olhos de Koseritz, elas parecem significar muito. Suas palavras denunciam a preocupação com a ameaça da perda e a consciência da importância do passado. Ele se refere a salvaguardar o que resta. Sabe que o passado está se perdendo. Possivelmente foi animado por este espírito de resgate das coisas do passado que Koseritz publicou no seu jornal a “Antigualhas...” de Coruja.

A sua publicação, portanto, respondeu a uma demanda percebida pela imprensa local. Na visão de Pesavento, “havia já um horizonte de expectativas em termos de um público leitor disposto a consumir narrativas de natureza memorialística”²²¹

Coruja também se mostra consciente do papel que deve cumprir ao escrever a crônica da cidade: utilizar as suas recordações para fazer com que aqueles que não conhecem o passado possam agora fazê-lo ou lembrar aqueles

²²⁰ Carlos Von Koseritz in *Jornal A Gazeta de Porto Alegre* de 21 de abril de 1884.

²²¹ PESAVENTO, op. cit. p. 50

que já o esqueceram.

Alguns lugares em outro tempo muito conhecidos por certos e designados nomes, são hoje quase desconhecidos ou talvez esquecidos por ter desaparecido o que servia de motivo a tais designações. Mencionarei alguns de que me recordo agora.²²²

A identidade com o leitor, ao gerar sentimentos, sensações, divertir, ocupar as mentes dos leitores, é um elemento que, no plano simbólico, ajuda a compreender a história de Porto Alegre, sob um ponto de vista que é muito difícil de ser recuperado devido à sua complexidade e à carência de fontes. Fontes que ficam nas margens, que se constituem nas fronteiras e informam aspectos da história que aguardam o olhar do historiador sensível aos sentimentos, as identidades, as memórias.

Se hoje vivemos o século da memória, no século XIX, o encantamento pela ação transformadora, pelo progresso e pela indústria fez deste o período da destruição transformadora e da crise da memória coletiva. Halbwachs mostra que, no século XIX, construiu-se uma memória poder que reproduzia os contratos sociais dominantes e negava a existência das pessoas comuns.

A cidade do império criado por Calvino em "As cidades invisíveis" que ilustra o Capítulo 2 é Olívia²²³. Como Olívia também podemos citar Tamara, cidade onde os olhos não vêem coisas, mas "figuras de coisas que significam

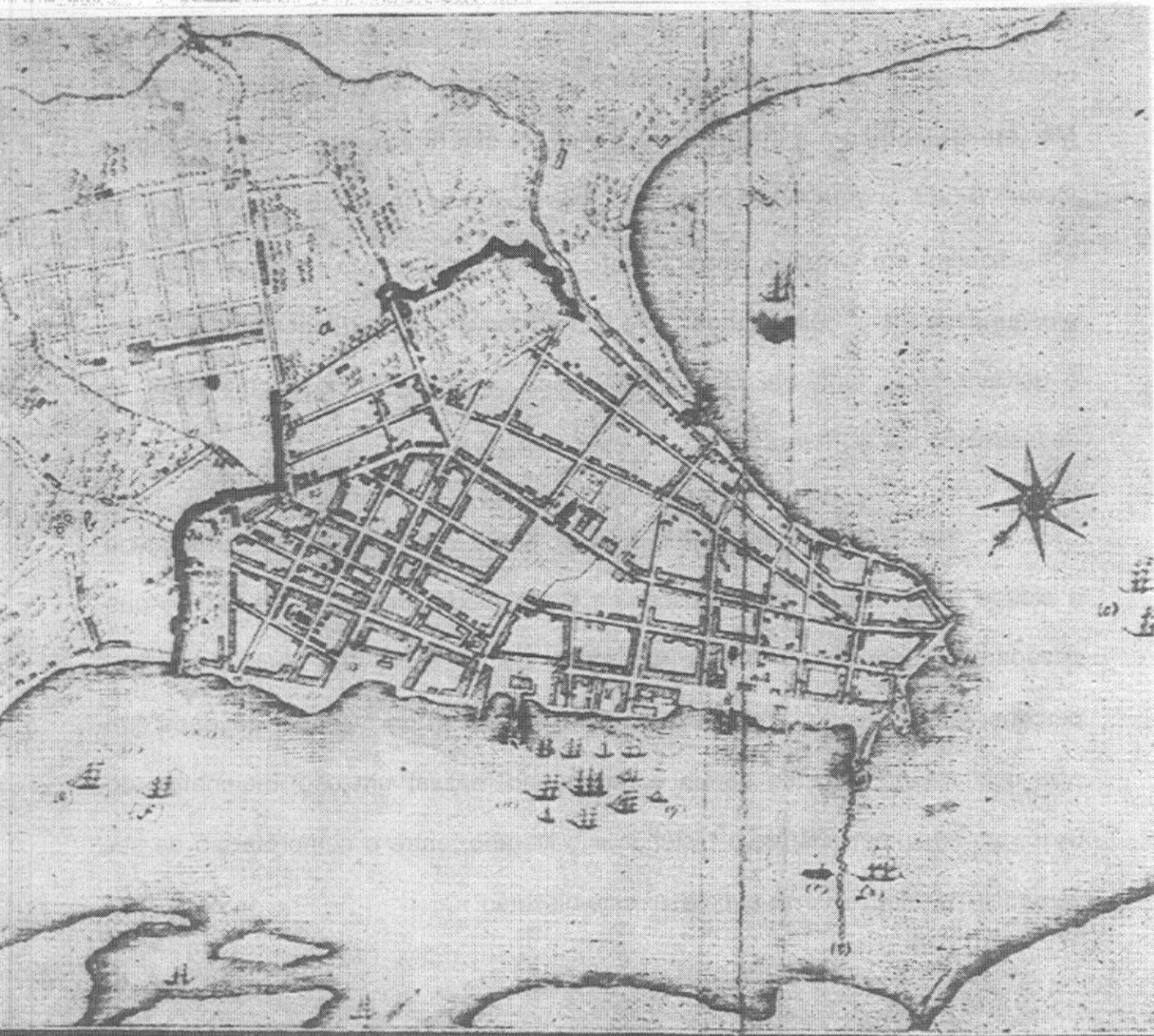
²²² CORUJA, Antônio Álvares Pereira. *Antigualhas: reminiscências de Porto Alegre*. CIA União de Seguros Gerais, 1983, p. 30.

²²³ CALVINO, op.cit. p. 59.

outras coisas”²²⁴, como o jarro significa a taberna e a balança significa a quitanda. Mas em Olívia, não é a imagem que significa e sim o discurso. O discurso sobre Olívia, “cidade rica de mercadorias e lucros” mostra os seus palácios de filigranas e escadarias em caracóis, mas a partir destes detalhes de requinte, beleza e prosperidade é fácil compreender “que Olívia é envolta por uma nuvem de fuligem e gordura que gruda na parede das casas” e que guinchos comprimem os pedestres contra os muros.²²⁵

Nas crônicas de Coruja o discurso sobre Porto Alegre não corresponde a cidade mesma. é possível buscar na Porto Alegre de Coruja, a cidade que desapareceu com o surto urbano modernizador do século XIX, como é possível perceber Olívia a partir do discurso da prosperidade. Para perceber a cidade que está implícita no discurso porém é necessário realizar um uso imaginativo do texto, um cruzamento entre o histórico e o literário, entre o compromisso de ser verdadeiro e a forma de se expressar este discurso.

²²⁴ Idem p. 17.



Planta da cidade de Porto Alegre de 1837, um ano depois da mudança de Coruja para o Rio de Janeiro. Fonte: MACEDO, 1973, p: 7, fig. 13.

²²⁵ Calvino, op. cit. p. 59.

À guisa de conclusão

Porto Alegre, 21 de dezembro de 2004.

Caro Professor Coruja:

Penso que é esta a forma que prefere ser chamado, visto que a imagem que ficou para nós de sua pessoa é a do velho professor. Foram inúmeras as vezes que contribuiu para fixar esta imagem, assumindo as tarefas de professor desde jovem, produzindo livros didáticos, criando a escola Minerva e partilhando o conhecimento acumulado em décadas de pesquisa, através das publicações na Revista do IHGB, na correspondência com o jovem intelectual Alfredo Varela e na publicação de outros trabalhos seus, onde estão incluídas as crônicas "Antigualhas...". Além do mais, como escrevo para apontar algumas lições que aprendi no decorrer do período em que estudei as suas crônicas memorialísticas, ao chamar-lhe de mestre, uso da liberdade para me colocar como mais um de seus tantos alunos.

Dou-lhe algumas notícias sobre a cidade de Porto Alegre, sei que seria esta a sua primeira inquietação, caso esta carta chegasse às suas mãos. A cidade

mudou muito desde os anos que o senhor sobre ela escreveu e muito mais desde os que nela viveu. Segundo fontes oficiais fornecidas pela prefeitura do município, em 1996, a população da cidade estava em 1.286.251 habitantes e seguramente este número aumenta dia-a-dia. Impensável se comparada à cidade, quase vila, de 12.000 habitantes do início do século XIX, quando um relógio situado na praça era o único regulador coletivo da passagem do tempo. Incomparável até com o período em que um relógio foi colocado na torre da Catedral, quando a vila já “aspirava foros de cidade”.

O abastecimento de água em Porto Alegre hoje atinge a 99% dos lares, enquanto a coleta de esgoto vai a 79%, o que não tem impedido o surgimento de novas doenças e epidemias, cada vez mais complexas e de difícil controle. Longe estamos dos tempos em que a varíola era a principal ameaça à saúde dos habitantes e o Senhor Antônio Cândido Ferreira vacinava a população em uma sala cedida por um morador, na Rua da Praia. Hoje grandes campanhas mobilizam o poder público, anualmente. A aglomeração urbana exige grandes investimentos na estrutura da cidade, a fim de se evitar catástrofes e epidemias.

Por volta de 91% das pessoas acima de 10 anos são alfabetizadas. O ensino público atingiu proporções significativas no decorrer dos anos e muitos problemas já existentes no seu tempo aumentaram com o número de alunos. A desvalorização do trabalho do professor é uma característica que permaneceu. O avanço tecnológico, que possibilita termos à disposição uma grande variedade de materiais de apoio, como livros didáticos e paradidáticos, não chega a todos e atinge apenas uma minoria privilegiada.

Professor, na capital do Rio Grande existe uma média de três veículos por habitante e veículos coletivos ligando todos os incontáveis bairros, cada vez em maior número e mais distantes do centro, que engoliram os arraiais que circundavam a península. O avanço tecnológico na área dos transportes encurtou os caminhos e o aumento da velocidade penetrou na vida cotidiana de tal forma que nossos dias estão abarrotados de tarefas minuciosamente cronometradas. Os minutos tornaram-se preciosos.

A paisagem da cidade, professor, reflete uma desigualdade social que aos seus olhos, seria, no mínimo, impactante. Imagine que muitas pessoas hoje moram nas ruas das grandes cidades brasileiras. As ruas que o senhor viu nascer, da Praia, da Igreja, da Fonte, do Arvoredo, de Bragança e tantas milhares de outras ruas que surgiram depois, são ocupadas por pessoas que continuam migrando do campo em busca de trabalho; as calçadas e bueiros feitos lugar de moradia de crianças, jovens, velhos e até de famílias inteiras.

O avanço do capitalismo acentuou as desigualdades. Os problemas que citei não ocorrem apenas na cidade que se consolidou como a capital do Rio Grande do Sul, mas são comuns a todos os centros urbanos, principalmente as grandes metrópoles. Os projetos que visam atender às necessidades básicas da população fracassam diante da insuficiência de recursos técnicos e financeiros. O mundo da política continua provocando frustrações e a traição, que motivou sua saída de Porto Alegre, hoje está banalizada na infidelidade aos ideais e no descomprometimento entre o discurso e a prática política.

No Rio de Janeiro, um movimento contrário do que se viu no século XIX, quando em 1859 um bonde puxado a burros ligava a cidade ao Alto da Boa Vista, ocorre em direção à praia. Também chamada de Cidade Maravilhosa, nela foram construídos aterros para abrigar grandes avenidas que prestigiam o mar, transformando a cidade em um cartão de visitas. Mas, professor, é através de um bairro chamado Cidade de Deus que o mundo hoje conhece o Rio de Janeiro. Um romance escrito por um morador do bairro, chamado Paulo Lins, depois transformado em filme, levou para o mundo as imagens deste ambiente onde vemos que a modernidade não revogou a barbárie e que a civilização não destruiu instintos violentos. Engano seu seria pensar que o avanço tecnológico, que por exemplo permitiu colocar em uma tela imagens, como fotografias em movimento, coloridas e sonorizadas, eliminou as condições primitivas de existência.

A paisagem social violenta da Cidade de Deus nos alerta que o otimismo do ideal iluminista que o senhor representou, dedicando-se ao ensino e à pesquisa, dando mostras de sua crença no poder transformador do conhecimento, chegou ao seu limite, ao seu esgotamento. Soa quase como uma provocação seu alerta sobre os perigos de se atravessar durante a noite à praça D. Pedro II “principalmente em noite sem luar, por causa dos imensos sovações formados pelas chuvas...”

Vivemos o que um autor contemporâneo de uma obra de grande repercussão, Marshall Berman, chamou de uma “vertigem da modernidade”, onde tudo o que é sólido desmancha no ar, “as coisas sólidas esvaem-se, enfim, como fumaça”. E se as coisas duram pouco, caro professor, os compromissos entre os

seres humanos também são passageiros e efêmeros. Nosso mundo moderno é caracterizado pelo consumo que orienta os hábitos dos indivíduos e determina estilos de vida. As coisas hoje são fabricadas para durar pouco tempo e o mesmo ocorre com as relações entre as pessoas.

Nesta cidade abarrotada de gente, a solidão cresce e há uma desvalorização das relações pessoais. Uma das conseqüências disso é um individualismo que torna cada habitante da cidade uma ilha, uma pessoa sem rosto. O isolamento na multidão, característica que já pode ser percebida na sua trajetória, quando as cidades se modernizam e o senhor escreve a "Antigualhas...", foi se acentuando na modernidade. Hoje vivemos o ápice de sentimentos inaugurados na virada do século XIX para o século XX, professor, onde o império da memória sinaliza os laços que ligam o processo de constituição da modernidade com o de seu esgotamento. Tal como no período da publicação das Antigualhas, a nostalgia veio à tona.

São inúmeras entre nós as referências à memória e à preservação do passado, nas artes, na história, na arquitetura, nos projetos urbanos. A destruição acompanhou o crescimento da cidade moderna, técnicas trazidas de outros países foram disseminadas e acolhidas sem resistência e, para salvaguardar o antigo, empreende-se uma verdadeira luta política, onde se chocam diferentes identidades. As pessoas ficaram mais distantes de si mesmas porque foram perdendo os elos históricos com sua herança essencial, que é a tradição e a memória. Nos sentimos inseguros diante do incerto, da permanente transitoriedade, da falta de perspectiva e da perda de valores fundamentais que

dão coesão à vida em sociedade. Para mantermos nossos laços com o passado, buscamos o que resta das tradições que nos ajudam a contrapor nossa subjetividade a uma racionalidade destrutiva, cega e objetiva.

A valorização do sujeito na produção do conhecimento é uma das características deste quadro complexo da crise da modernidade. No plano da produção do conhecimento histórico, área dentro da qual elaborei esta pesquisa, a rigidez, que afastou as suas crônicas memorialísticas da História e da Literatura, hoje deu lugar a uma incerteza sobre a definição dos campos de conhecimento e alargou as fronteiras de ambos. Pode ver que é próprio dos processos de transição o questionar paradigmas analíticos e, assim como na sua época, agora estamos continuamente buscando repor a questão dos limites da ciência, da arte e do pensamento.

No campo da história autores franceses como Roger Chartier, ingleses como Eric Hobsbawm, italianos como Carlo Ginzburg, entre muitos outros, têm buscado mostrar os fios condutores que podem levar a historiografia contemporânea a não abdicar de sua força explicativa, para a compreensão do passado em relação ao presente. A síntese do reconhecimento da subjetividade e do potencial criador da história tem sido formulada de diferentes formas e, neste trabalho, acabaram por revelar, nas suas crônicas memorialísticas, um tipo de fonte que, se analisada dentro dos critérios que estabeleceram as diferenças e criaram as fronteiras, nunca deixaria de ocupar uma posição inferior.

As incertezas de uma situação de crise paradigmática oferecem a oportunidade de reler este material e nele buscar novos caminhos e formular proposições passíveis de gerar um campo de saber permanente e construir respostas consistentes para questões urgentes. Veja, caro professor, como o seu singelo trabalho, onde encontramos várias fronteiras, se revigora neste debate.

Nas fronteiras da Literatura e da História, as crônicas e os textos memorialísticos dividem com as autobiografias, relatos de viagem, uma situação singular no que concerne à presença ativa do sujeito. Ao expor a artificialidade e a historicidade dos conceitos de História e de Literatura, quando postos um em relação ao outro, “desnaturaliza-se” oposição entre história e ficção.

Dentro da História, a “Antigualhas...” ocupa o espaço da fronteira entre uma história científica e uma não-científica. Dentro da literatura ela ocupa um outro espaço de fronteira, entre o Romantismo e o Realismo, o que mostra a fragilidade das delimitações que excluem textos como os seus e “Memórias de um Sargento de Milícias”, de Manuel Antônio de Almeida. Eu poderia citar ainda outros trabalhos de contemporâneos seus, como a história produzida por Capistrano de Abreu e as crônicas de Machado de Assis.

Ao final, estas fronteiras mostram-se inseridas em uma passagem complexa que atingiu a todos, na virada do século XIX, o que inclui também a fronteira cidade/vila, quando o surgimento da cidade moderna afetou a sua vida.

Um autor italiano chamado Italo Calvino escreveu um romance intitulado “Cidades Invisíveis”, que representa este período de crise que vivemos

contemporaneamente e que está no extremo do processo da modernidade. “O que é hoje a cidade para nós?” pergunta Calvino, que considera ter escrito um último poema de amor às cidades. Como o senhor pode ver acima, é cada vez mais difícil vivê-las como cidades. No momento de crise da vida urbana, buscamos compreender as razões que levam as pessoas a nelas viverem, apesar de todas as crises. Ocorre que as cidades são lugares de trocas de muitas coisas, não só de mercadorias. São também lugares de trocas de palavras, de desejos, de recordações. Não é isso que sua “Antigualhas...” representa? Os acontecimentos do passado de Porto Alegre são revelados em cada ângulo, em cada rua, em cada habitante. Nos detalhes sobre a cidade descrita nas crônicas memorialísticas, revela-se o seu passado.

“As cidades invisíveis” ilustra a angústia de se viver as permanentes mudanças que tiram as certezas de que nos encontraremos em algum lugar, que possuímos sistemas sólidos de referências para seguir, ou caminhos traçados para percorrer. Os mapas do império de Kublai Khan, onde estão “as cidades invisíveis” são como os vôos da andorinhas, invisíveis, efêmeros. Elas nos aproximam da sensação de abandono, efemeridade e fluidez que caracterizam a modernidade urbana, onde a cidade está permanentemente sendo transformada através das construções que a renovam diariamente. Uma das cidades Invisíveis criada por Calvino é Leônia, uma cidade que remove os restos de sua existência todos os dias e joga fora as coisas para que dêem lugar às novas, assim como toda a cidade moderna que se refaz a si própria ininterruptamente, sempre vestida do novo. Tudo o que ela coloca fora para se renovar é passado, conservado

através do lixo. No lixo de Leônia, encontramos a sua memória que cresce, quanto mais ela se renova. Assim como o senhor descreveu a Porto Alegre que estava sendo colocada no lixo pelo processo urbanizador do final do século XIX, recuperando as memórias que davam sentido à vida dos seus moradores.

O mesmo fazemos hoje, professor, enquanto a cidade renovada dá sinais de seu esgotamento é ao passado que nos voltamos, à memória, que resgatada do lixo, será utilizada para dar um sentido humano à nossa existência. Ao ler "Cidades invisíveis" de Calvino percebi o delírio imaginativo e fantástico. Criar imagens de cidades felizes que se desvanecem continuamente, escondidas em cidades infelizes, é o que busca o autor.

No senhor, o apelo ao real domesticado, do realismo enquanto porto seguro da identidade confirmada e reafirmada no passado sempre presente e concreto, certo, inquestionável. Porto Alegre das alcunhas, dos testamentos, dos teatrinhos, das missas nas madrugadas de domingo. Laçar o passado rebelde que se afasta com pressa e trazê-lo para mais perto, dócil, dominado, eis o seu objetivo enquanto cronista solitário. Recordar a cidade para, quem sabe, compreendê-la melhor, aceitar sua dinâmica, suas agressões, sua violência, seus conflitos. Reafirmar a decisão de ter ido embora, voltando a ela com olhar complacente e como a se convencer de que saiu sem nunca ter saído, partiu sem nunca ter partido, abandonou por ter sido excluído antes mesmo de partir. Porto Alegre do sentimento, do sonho, da memória. Olívia, Zaíra, Zenóbia, cidades invisíveis criadas por Calvino, expressões de uma modernidade em crise.

Professor, uma outra questão que se revelou enquanto analisava suas crônicas foi a sua inserção no debate sobre a identidade nacional que ocorria no Instituto Histórico e Geográfico quando o senhor nele atuou. Considero que, neste caso, também existe uma fronteira importante a ser analisada, a sua condição social. No seu dicionário regional, ao defender a integração dos rio-grandenses à herança cultural portuguesa, incluiu civilizados e não-civilizados. Ao escrever as memórias, salvaguardou a vida das 'pessoas comuns'.

Suas crônicas memorialísticas possibilitam ao historiador trabalhar na perspectiva de uma identidade que, diferente daquela construída pelo IHGB com o mecenato do Imperador D. Pedro II, não foi estruturada apenas por monarcas, políticos, senhores de escravos, latifundiários e generais. Ao revelar o cotidiano dos moradores da cidade de Porto Alegre, o seu trabalho oferece possibilidades para reconhecemos os elos que nos ligam ao passado das pessoas que, como cada um de nós, também constrói história.

Em um estimulante artigo de autoria de um historiador britânico, Jim Sharpe, intitulado "Uma história vista de baixo", há um levantamento do potencial e dos problemas inerentes a uma forma de se escrever história do ponto de vista das pessoas comuns. Certamente, professor, é uma abordagem que pode servir para enriquecer a síntese histórica que queremos, uma história que deve ultrapassar as descrições que a transformam em uma anedota, em uma história local, como a sua, para alcançar um nível mais analítico, pois se relaciona com um contexto mais amplo.

A abordagem proposta por historiadores como Edward Thompson e Carlo Ginzburg questiona os documentos que, como suas crônicas, localizam-se na fronteira com a literatura, reconhecendo sua subjetividade. Embora não objetivos, eles não podem ser considerados inúteis, nem devem ser depreciados pela pesquisa histórica. Qual é, então, a importância de se fazer uma história vista debaixo?

A resposta deve ser encontrada em cada um de nós que como pessoas comuns, não encontramos na história das elites os elementos para nossa construção identitária. Uma história como a sua, professor, como as dos personagens que colore a sua “Antigalhas...” ou povoam a sua memória.

A história vista debaixo levaria, enfim, nas palavras de Sharpe, “prover aqueles que a escrevem ou a lêem de algum sentido de identidade, de um sentido de sua origem. Em um nível mais amplo, este pode tomar a forma do papel da história, embora fazendo parte da cultura nacional, na formação de uma identidade nacional.”

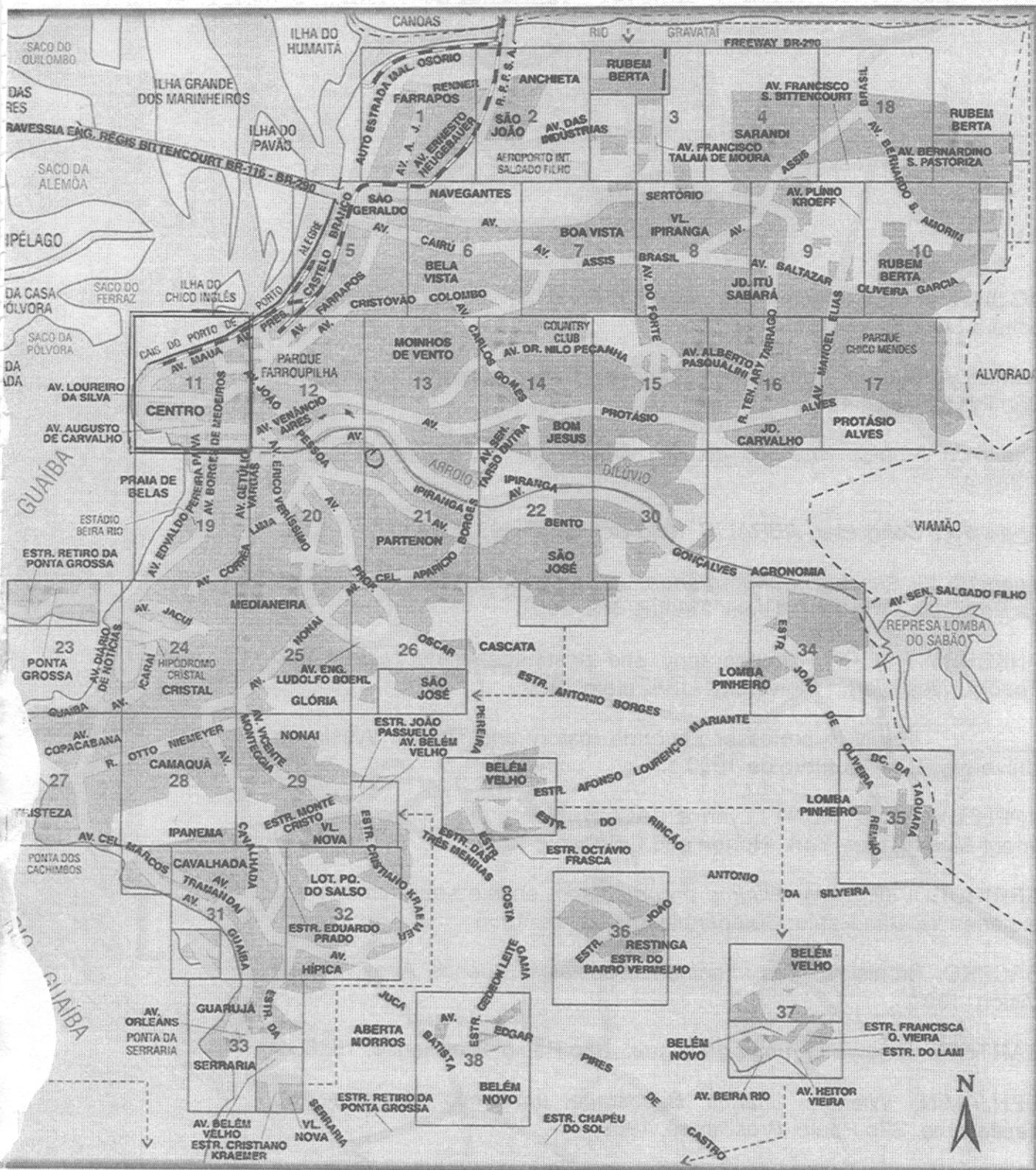
Ao me despedir, quero falar-lhe, ainda professor, sobre a bela cidade de Isidora, que Calvino caracteriza, no seu romance, como construída sobre palafitas, “cidade onde os palácios têm escadas em caracol incrustadas de caracóis marinhos, onde se fabricam à perfeição binóculos e violinos, onde quando um estrangeiro está incerto entre duas mulheres sempre encontra uma terceira, onde as brigas de galo se degeneram em lutas sanguinosas entre os apostadores. Ele pensava em todas essas coisas quando desejava uma cidade.

Isidora, portanto, é a cidade dos seus sonhos: com uma diferença. A cidade sonhada o possuía jovem; em Isidora, chega em idade avançada. Na praça, há o murmurinho dos velhos que vêem a juventude passar; ele está sentado ao lado deles. Os desejos agora são recordações.”

Na Grécia Antiga, como o senhor deve saber, a memória estava ligada à imortalidade. Ser lembrado é uma forma de permanecer. Na nossa atual praça da Alfândega, professor, que se situa próximo de onde estava o portão que levava ao porto, reúne-se diariamente um grupo de velhos que observam o movimento das ruas nas manhãs de sol. É onde o vejo sentado quando saio pela cidade, é onde se ouve o murmurinho dos velhos e os desejos são transformados em recordações. A sua Isidora é a Porto Alegre, que o conheceu criança e jovem e, depois, quando foi inscrita nas crônicas memorialísticas, já o encontrou velho.

Pelas lições que aprendi, pelos caminhos que me levou, meu agradecimento sincero, e a certeza de que continuaremos a nos encontrar nas memórias e na história de Porto Alegre.

.....*Paulo Freire Klein*.....



Mapa da Cidade de Porto Alegre do ano 2004, em destaque o quadro 11, a ponta da península que constituía a Porto Alegre de Coruja. Fonte: Lista Telefônica de Informações Comerciais, Listel, p. 43, 2004.

Bibliografia

- AGUIAR e SILVA, Vitor Manuel de. *Teoria da Literatura*, Coimbra, editora Livraria Almedina, 1983;
- ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. São Paulo: Ática, 1985.
- Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul*. Coleção Varela. 7:237-44.
- Anais do 2º Congresso ABRALIC*, Belo Horizonte, 1991, p.440.
- Anais do VII Encontro Sul-rio-grandense de Pesquisadores em História da Educação*, ASPHE, Ufpel: Pelotas, RS, 2001.
- ANKERSMIT, F.R. 'Historiography and postmodernism'. *History and Theory*. Wesleyan University, USA, maio 1989.
- _____. 'Reply to professor Zagorin'. *History and Theory*. Wesleyan University, USA, outubro de 1990.
- APPLEBY, Joice. HUNT, Lynn e JACOB, Margaret. *Telling the truth about History*, New York: Norton and Company, 1995.
- ARRIGUCCI JR, Davi. *Enigma e comentário: ensaio sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1985.
- BACZKO, Bronislaw. *Los imaginários sociales*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1991.
- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo. Brasiliense, 1989.
- _____. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, 1993.
- BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BERMANN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

- BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. São Paulo: Globo, 1989.
- BOSI, Alfredo [et al.] *Gêneros de fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário*. São Paulo: Xamã, 1997
- _____. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1996.
- BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (org) *Memória e (re)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.
- BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- _____. *Linguagem, indivíduo e sociedade: história social da linguagem*. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.
- _____. *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- CALVINO, Ítalo, *As cidades Invisíveis*, São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CÂNDIDO, Antônio [et. al.]. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Universidade de Campinas; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- _____. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.
- CASTELLANI, José. *Do Pó dos Arquivos*. Londrina: A Trolha, Vol. I, 1995.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 200.
- CESAR, Guilhermino. *Primeiros cronistas do Brasil (1605-1801)* Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998.
- _____. *História da literatura do Rio Grande do Sul (1727-1902)*. Porto Alegre: Globo, 1956.
- CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

- _____. *A história cultural - entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.
- CORUJA, Antônio Álvares Pereira. *Antigualhas; reminiscências de Porto Alegre*. Porto Alegre: Companhia União de Seguros Gerais, 1983.
- _____. *Antigualhas; reminiscências de Porto Alegre*. 2.ed. Porto Alegre: UE/Porto Alegre, 1996.
- COUTINHO, Afrânio (dir). *Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Sul Americano, 1969, vol. III.
- DECCA, Edgar Salvadori de. "O romance histórico: ou, devolvo a bola pra você, Hayden White." In: *Gêneros de fronteira*, Anais. São Paulo: 1995.
- DECCA, Edgar Salvadori de e LAMAIRE, Ria (org). *Pelas margens: outros caminhos da história e da literatura*. Campinas, Porto Alegre: Ed. da UNICAMP, Ed. da UFRGS, 2000.
- DEMAMAN, Noili. *Por onde andou meu coração e a escritura memorialística feminina*. Dissertação de Mestrado, Literatura Brasileira, UFRGS, 1995
- DIEHL, Astor Antônio. *Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas*. São Paulo: Prentice Hall, 2004.
- Ephemérides Escolares*, Projeto Memória da Cartilha, Biblioteca Setorial de Educação da UFRGS,
<http://www.ufrgs.br/faced/extensao/memoria/index1.html>
- FELIZARDO, Zoleva C. e VILLANOVA, Isolda Michelena. *O que ler para conhecer Porto Alegre*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1991.
- FLORES, Hilda Agnes Hübner (org.). *Porto Alegre: história e cultura*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1987.
- FONTANA, Josep. *A história dos homens*. São Paulo: EDUSC, 2004.
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método*, Petrópolis: Vozes, 1997.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*, Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- GAY, Peter. *O estilo na história: Gibbon, Ranke, Macaulay, Burckhardt*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GONZÁLEZ Y GONZÁLEZ, Luis. *Invitación a la microhistoria*, México: Fondo de Cultura Económica, 1986.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

_____. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987

GUZZELLI, César Augusto Barcellos, PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz, SCHMIDT, Benito Bisso e XAVIER, Regina Célia Lima (orgs). *Questões de teoria e metodologia da história*, Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

GUTFREIND, Ieda. *A historiografia sul-riograndense*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*, São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Ed. de UFMG, 1999.

HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória*, Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

KLEIN, Ana Inez. *Crônica e história: a trajetória de seus encontros e desencontros e a análise de 'Antigalhas: reminiscências de Porto Alegre' de Antonio Álvares Pereira Coruja à luz de reflexões atuais sobre esta relação*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, 1997.

LAYTANO, Dante de. *Manual de fontes bibliográficas para o estudo da história geral do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1991.

LAZZARI, Alexandre, *Entre a grande e a pequena pátria: letrados, identidade gaúcha e nacionalidade (1860-1910)*, Campinas: UNICAMP, Tese de Doutorado, 2004.

LE GOFF, Jaques. (org). *A história nova*, São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____. (org.) *Histoire e imaginaire*. Paris: Poiesis, 1986.

_____. *L'imaginaire médiéval*, Paris: Gallimard, 1985.

LESSA, Carlos. *O Rio de todos os Brasís*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LEVI, Giovani. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LIMA, Luiz Costa. *A aguarrás do tempo: estudos sobre a narrativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

_____. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

Lista Telefônica de Informações Comerciais, Listel, 2004, p. 43.

LOZANO, Jorge. *El discurso histórico*. Madrid: Alianza, 1987.

LOWENTHAL, David. *El pasado es un país extraño*. Madrid: Akal, 1998.

MACEDO, Riopardense de. *Porto Alegre: aspectos culturais*. Porto Alegre: SMEC, Div. De Cultura, 1982.

_____. *Porto Alegre: história e vida da cidade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1973.

_____. *Porto Alegre, origem e crescimento*. Porto Alegre: Sulina, 1968.

MACHADO, Propício da Silveira. "Pereira Coruja - Vida e Obra" para a Comissão Gaúcha de Folclore em 1956.

MARTINI, Maria Luiza. *Corredor cultural – rua da Praia*. Porto Alegre: UE/Porto Alegre, 1997.

MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1978.

MARTINS, Dileta A. P. Silveira. *História e tipologia da crônica no Rio Grande do Sul*. Tese de Doutorado em Letras, PUC, Porto Alegre, dez. 1984.

MUIR, Edwin. *A estrutura do romance*. Porto Alegre: Globo, s.d.

NORA, Pierre. *Les lieux de mémoire de la République*. Paris: Gallimard, 1984.

OLIVEIRA, Clovis Silveira de. *Porto Alegre, a cidade e sua formação*. Porto Alegre: Gráfica e Editora Norma, 1985.

PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *Fronteiras do milênio*, Porto Alegre: EDUFRGS, 2001

_____. *História e História Cultural*. Belo Horizonte : Autêntica, 2003

_____. *Leituras cruzadas: diálogos da história com a literatura*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000.

_____. *Memória Porto Alegre: espaços e vivências*. Porto Alegre: EDUFRGS/Secretaria Municipal de Cultura, 1991. v.1.

_____. *O espetáculo de rua*. Porto Alegre: EDUFRGS/Secretaria Municipal de Cultura, 1992, v.1. p.95.

_____. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: EDUFRGS, 1999.

_____. *Os Pobres da Cidade*. Porto Alegre: EDUFRGS, 1994, v.1. p.149.

PESAVENTO, Sandra Jatahy e LEENHARDT, Jacques. (org). *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas: UNICAMP, 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy, LEENHARDT, Jacques, CHIAPPINI, L., AGUIAR, F. *Érico Veríssimo: o romance da história*. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. Algumas interrogações sobre as tendências recentes da historiografia brasileira: a emergência do "novo" e a crítica ao racionalismo. XVI Simpósio Nacional da ANPUH, julho de 1991.

PINHEIRO, José Feliciano Fernandes, Visconde de São Leopoldo, *Anais da Província de São Pedro*, Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982, p. X.

PORTO ALEGRE, Achyles de. *História Popular de Porto Alegre*. Porto Alegre: EU, 1994

_____. *Homens ilustres do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: ERUS, 1982.

Porto Alegre na virada do século 19: cultura e sociedade. Porto Alegre; Canoas; São Leopoldo: Editora da UFRGS, ULBRA e UNISINOS, 1994.

POSSAMAI, Zita Rosane e ORTIZ, Vitor (orgs). *Cidade e memória na globalização*. Porto Alegre: Unidade Editorial da Secretaria Municipal da Cultura, 2002.

PROUST, Marcel. *À la Recherche du Temps Perdu*. Paris: Gallimard, 1919-1927.

REIS, Carlos. *O conhecimento da literatura*. Coimbra: Editora Almedina, 1997.

RESENDE, Beatriz. (organizadora) [et al]. *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio: CCBB, 1995.

RICOEUR, Paul. *La lectura del tiempo pasado: memoria y olvido*, Arrecife, Madrid, 1999.

_____. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*, Seuil, Paris, 2000.

_____. *Tempo e Narrativa*, Campinas: Editora Papirus, três tomos, 1994 a 1997.

RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanak literário e estatístico do RS para 1899*. Porto Alegre, 1899.

ROUANET, Sérgio Paulo. *As razões do iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. *Mal-estar na modernidade: ensaios*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

SAIN'T HILAIRE, Auguste. *Viagem ao Rio Grande do Sul (1820-1821)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1974, (Col. Reconquista do Brasil), vol. 10.

Site da ABL, <http://www.academia.org.br/imortais.htm>.

SÃO LEOPOLDO, José Feliciano Fernandes, Visconde de. *Anais da Província de São Pedro*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. (Documenta, 11)

SCHNEIDER, Regina Portela. *A instrução pública no Rio Grande do Sul (1770-1889)*. Porto Alegre: EDUFGRS/EST Edições, 1993.

SEC - *Nomes tutelares do ensino riograndense*, Porto Alegre, 1958.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *O currículo como fetiche – a poética e a política do texto curricular*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 31-32.

SPALDING, Walter. *Construtores do Rio Grande*. Porto Alegre, 1973, Coleção Biografias, vol. 3.

_____. *Pequena história de Porto Alegre*. Porto Alegre: Sulina, 1967.

- STONE, Lawrence. *El pasado y el presente*. Mexico: Fondo de Cultura Economica, 1986.
- TAVARES, Hênio. *Teoria literária*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.
- THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. 3 volumes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- TRIGO, Luciano. *O viajante imóvel: Machado de Assis e o Rio de Janeiro de seu tempo*. São Paulo/Rio de Janeiro: Record, 2001.
- VASCONCELOS, Pedro de Almeida. *Dois séculos de pensamento sobre a cidade*. Ilhéus: Editus, 1999.
- VÉDRINE, Hélène. *Les grandes conceptions de l'imaginaire*. Paris: Librairie Générale Française, 1990.
- VEYNE, Paul. *Como se escreve la historia*, Alianza: Madrid, 1984.
- VILLAS-BÔAS, Pedro Leite. *Dicionário Bibliográfico Gaúcho*. Porto Alegre: Est Digital, 1991.
- WELLEK René e WARREN, Austin. *Teoria da Literatura*. Portugal: Europa-América, 1976
- WHITE, Hyden. *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX*. São Paulo: EDUSP, 1992.
- ZAIDAN FILHO, Michel. *A crise da razão histórica*. Campinas: Papyrus, 1989.
- ZAGURY, Elaine. *A escrita do eu*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

Periódicos

Anos 90. Revista do PPG História da UFRGS. Porto Alegre: , v.14, n.dez, p.47 - 60, 2000.

Cuadernos do V Congresso Nacional de Lingüística e Filologia, série V, nº.04 _Lingüística e Gramática da Língua Portuguesa

Cuadernos Digitales: Publicación Electrónica en Historia, Archivística y Estudios Sociales. No.3. Setiembre del 2000 da Universidad de Costa Rica Escuela de Historia

DADOS - Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol 33, n. 1, 1990.

Jornal A Gazeta de Porto Alegre de 21 de abril de 1884.

Jornal Extra Classe do SINPRO/RS, "Ainda o professor Coruja", junho de 1997.

History and Theory. Wesleyan University, USA, outubro de 1990.

Revue Annales – Histoire, sciences sociales 55^e Année - N° 4 Juillet-Août 2000

Revista Autor (Digital), Ano II n. 9, 2002.

Revista Eletrônica Studium, Revista Fotográfica do Século 19, do Departamento de Mídias da Unicamp 15^a edição, site:
<http://www.studium.iar.unicamp.br/15/06.html?studium>

Revista Época On line, "500 anos"
<http://epoca.globo.com/especiais/500anos/esp20000110.htm>

Revista Brasileira de História, São Paulo, 2002, vol 22, n. 44.

Revista Eletrônica Studium, Revista Fotográfica do Século 19, do Departamento de Mídias da Unicamp 15^a edição, site:
<http://www.studium.iar.unicamp.br/15/06.html?studium>

Revista Estudos Avançados. Universidade de São Paulo, 5(11), 173-91, jan./abr. 1991.

Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, FGV, 7(13), 1994.

Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, FGV, (1), 1998.

Revista Historiador Eletrônico de 4/02/2004
<http://www.historiadoreletronico.com.br/secoes/faces/96.html>

Revista Histórias, Mexico: INAH (16):19-33., 1987.

Revista do IHGB, Tomo XV, 1852

Revista do IHGB, Tomo XXI, 1857.

Revista Nova Hispania, Revista de Historia Contemporánea, Universidad Nacional del Comahue, Argentina, n. 1 (1998-2000)

<http://hispanianova.rediris.es/antiores/antiores-1.htm>.

Traverses 47. Révue du Centre de Création Georges Pompidou, Paris, 1989.